

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE MAIO DE 1973 - N.º 18106 - ANO 53.º - PREÇO 1\$50



NIXON ENGANA O PÚBLICO

—Pensam muitos americanos

NOVA IORQUE, 21 (R.) — Muitos americanos estão convencidos de que o presidente Nixon está a enganar o público no que diz respeito ao caso Watergate, segundo uma sondagem efectuada pela revista «Time».

Segundo essa sondagem efectuada entre mais de mil eleitores cerca de 60 por cento dos entrevistados não acreditam nos desmentidos que o presidente tem feito sobre o seu conhecimento das tentativas para encobrir o escândalo.

No entanto, segundo a revista, apenas 25 por cento está de acordo em que o presidente devia ser impugnado mesmo que só tenha tido conhecimento das tentativas para encobrir o caso. A percentagem dos que favorecem a impugnação sobe no entanto a cerca de 50 por cento caso se venha a provar que Nixon teve conhecimento antecipado da conspiração contra o Partido Democrático.

Sessenta e dois por cento dos eleitores interrogados declararam ter votado por Nixon

nas últimas eleições presidenciais.

Bob Haldeman, o antigo braço direito do presidente na Casa Branca, fez um desmentido categórico quanto às acusações de que Nixon teve conhecimento da tentativa de encobrimento do escândalo de Watergate.

Este desmentido surge ao mesmo tempo que novas revelações abalam a posição do presidente. Segundo a imprensa, o antigo chefe da CIA, Richard Helms, teria declarado ao grande júri que quando os colaboradores de Nixon tentaram obter a ajuda da CIA para abafarem o caso e suspendessem as investigações do FBI, o próprio Haldeman teria afirmado a Helms que essa ordem «vinha de cima», o que só podia significar do próprio presidente.

Segundo os comentadores políticos do «Washington Post», Rowland Evans e Robert Novak, o descontentamento nas fileiras republicanas está a transformar-se em pânico e fala-se cada vez mais em forçar o presidente Nixon a demitir-se.



Um novo adiamento do voo da nave tripulada, que tentará salvar a Skylab, poderá ser anunciado pela NASA. Círculos deste Centro julgam que pode ser ordenado quarto adiamento, devido ao ritmo de treino mantido pelos astronautas Charles Conrad, Paul Weitz e Joseph Kerwin, que não estarão nas melhores condições físicas para o lançamento, adora previsto, da próxima sexta-feira. Na telefoto, vemos os astronautas no Centro Espacial Johnson. (UPI - Telimprensa-DL)



Os homens de boa vontade devem empenhar-se sèriamente na transformação deste mundo

—Afirmam os bispos da Metrópole

Os homens de boa vontade devem empenhar-se sèriamente na transformação deste mundo. E, no meio deles, os cristãos hão-de ser «sal e luz». (Cfr. Mt. 5, 13-14), a iluminar a corrupção e a impedir os caminhos do futuro. Não tem a Igreja, enquanto comunidade religiosa e hierarquicamente organizada, competência para oferecer soluções concretas aos problemas que hoje se põem no domínio económico, social, cultural e político. Mas «os membros da Igreja, enquanto membros da sociedade civil, têm o direito e o dever de procurar o bem comum, como os demais cidadãos».

“República”

Completo 42 anos de publicação (2.ª série) o nosso preado colega «República», que por tal motivo reuniu, em jantar de confraternização, todos os seus trabalhadores e muitos amigos. Ao seu director, jornalista dr. Raul Régo, e a quantos com ele colaboram, as nossas felicitações.

Estas palavras lêem-se na Carta-Pastoral do Episcopado da Metrópole, extenso documento «dirigido aos cristãos de Portugal» e que pretende assinalar o X aniversário da encíclica «Pacem in Terris» — a qual é abundantemente citada, juntamente com outros textos. Segundo se afirma no seu preâmbulo, a Carta-Pastoral é o resultado de uma leitura cuidadosa dos vários temas abordados na referida encíclica, os quais, juntamente com a observação das realidades da vida portuguesa, levaram os bispos a centrar a sua atenção em quatro aspectos: a missão e competência da Igreja nos assuntos temporais, a promoção dos direitos fundamentais do homem, a participação político-social e a necessidade da convivência pacífica para o progresso.

MISSÃO E COMPEETÊNCIA DA IGREJA

Neste capítulo, afirma-se, em determinado passo: Esquecer o menosprezar a dimensão religiosa que deve englobar é finalizar toda a actividade da Igreja é traição ao es-

sencial, gravemente lesiva dos direitos de Deus e da humanidade. As acções merecedoras deste reparo são por nós inteiramente desaprovadas e quem de modo deliberado assim procede não é digno de servir o Evangelho.

Acentuado este ponto, alerta-se os cristãos contra o erro de «estabelecer uma dicotomia nefasta entre a religião e a vida,

o sobrenatural e a natureza, o espiritual e o temporal», acrescentando-se:

Ao olhar para o mundo contemporâneo, no qual a Igreja se encontra e age, não pode ela permanecer indiferente perante múltiplas situações de injustiça que impedem o correcto desenvolvimento dos homens, tais co-

Continua na pag. 24

Debate sobre os E.U.A. entre Pompidou e Heath

PARIS, 21 (R.) — O presidente Pompidou e o primeiro ministro Edward Heath iniciam hoje no Eliseu dois dias de conversações durante as quais passam em revista a situação da Comunidade europeia alargada e discutem as suas futuras relações com os Estados Unidos.

Os dois estadistas reúnem-se pela primeira vez desde que a Grã-Bretanha, a Dinamarca e a Irlanda entraram para a C.E.E. em Janeiro deste ano e terão também oportunidade de discutir a recente sugestão americana sobre uma nova Carta do Atlântico.

Heath e Pompidou discutirão ainda o problema da inflação e as diversas medidas anti-inflacionárias que eventualmente poderão ser adoptadas pelos países membros da C.E.E.

HOJE
32 PÁGINAS
INCLUINDO
EXCLUSIVO

DIÁRIO NACIONAL

POSTO DA P.S.P. NA MOITA

Uma Portaria do Ministério do Interior criou na sede do concelho da Moita um posto da P. de Segu-

rança Pública com o efectivo de um segundo-subchefe, dois guardas de 1.ª classe e cinco de 2.ª classe. O posto, que passará a

funcionar a partir de 1 de Junho, será preenchido por pessoal fornecido pelo Comando Distrital de Setúbal.

DE NOVO O JANECA



COM O JANECA
E AS PLANTAS
APRENDE A SER
GENTE GRANDE...

MAIS 4 LIVROS DA COLEÇÃO «EUROPA-AMÉRICA INFANTIL»
• Todos com dezenas de ilustrações a cores
• Para crianças dos 3 aos 7 anos

MAIS DOIS VOLUMES

da série «Vamos Aprender com o Janeca»

- A Viajar
- A Contar

Já publicados:

- Os Automóveis
- Os Animais
- As Cores

25\$ cada volume

APRENDE COM O JANECA

...E MAIS DOIS VOLUMES

da série «As Plantas Contaram-Me»

- Um Cacto Contou-Me...
- Uma Tulipa Contou-Me...

Já publicados:

- Uma Maça Contou-Me...
- Um Pinheiro Contou-Me...
- Uma Rosa Contou-Me...

25\$ cada volume

APRENDE COM AS PLANTAS

SÃO HISTÓRIAS QUE DEPOIS PODERÁS CONTAR COMO GENTE GRANDE

Livros editados por Publicações Europa-América

A venda em todas as livrarias ou, directamente, enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:

Enviem-me contra reembolso os livros assinalados com um ☒

Publicações
Europa-América
Apartado 8 —
Mem Martins

- ☐ N.º 40255 — A Viajar
- ☐ N.º 40254 — A Contar
- ☐ N.º 40252 — Os Automóveis
- ☐ N.º 40251 — Os Animais
- ☐ N.º 40253 — As Cores

- ☐ N.º 40265 — Um Cacto Contou-Me...
- ☐ N.º 40264 — Uma Tulipa Contou-Me...
- ☐ N.º 261 — Uma Maça Contou-Me...
- ☐ N.º 263 — Um Pinheiro Contou-Me...
- ☐ N.º 262 — Uma Rosa Contou-Me...

Nome: _____

Morada: _____



PRINCESA PORTUGUESA DAS «TEEN - AGERS» 1973

COM A COLABORAÇÃO DA
TORRALTA - TROIA

CUPÃO DE INSCRIÇÃO N.º _____

NOME _____

MORADA _____

TELEF. _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19____

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen - Agers — Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa 1



Os economistas pretendem ver reconhecida a representatividade do seu Sindicato

Marcando, segundo se espera, a continuação de uma nova fase na vida do Sindicato Nacional dos Comerciantes (organismo que integra os licenciados em Ciências Económicas e Financeiras), decorre amanhã a assembleia eleitoral para os corpos gerentes no triénio 1973-75. A lista única que se apresenta às urnas é constituída, no que se refere à direcção, por Albino Nogueira Felgueiras, Jorge Manuel da Rocha Rodrigues, Maria Manuela Jorge dos Santos Silva, Mário José Brandão Ferreira e Octávio Augusto Teixeira. Para a mesa da assembleia geral estão indicados Vergílio Martins de Sousa Moreira, Fernando Luís Brazão Gonçalves (vice-presidente), João Florêncio Vicente de Carvalho e Mário Martins Baptista (secretários).

No programa de actividade dos futuros corpos gerentes incluem-se alguns pontos que se revestem de carácter urgente, nomeadamente o alargamento do âmbito de representatividade e todos os licenciados em Economia e Finanças, a alteração da designação de comerciantes pela de economistas, e ainda a instituição de quotização obrigatória. Pretendem ainda os futuros dirigentes criar delegações regionais do Sindicato nas zonas do País que o justifiquem, efectivamente cursos e colóquios sobre temas de interesse profissional, intensificar as relações com as direcções das Escolas de Economia e Ciências Empresariais, das Associações de Estudantes e outros organismos profissionais, criar as bases para a eventual realização do

1.º Congresso Nacional de Economistas e ainda alterar o horário de funcionamento do Sindicato que actualmente só está aberto à noite — no sentido de facilitar e incrementar a utilização do organismo, nomeadamente a biblioteca, que pretendem organizar e dinamizar.

Apesar da existência algo atribuída que tem tido, o Sindicato dos Comerciantes (ou economistas) conta actualmente com 950 sócios, de um total de cerca de três mil licenciados existentes no País. Criado em 1935, é estatutariamente, «o único agrupamento dos comerciantes portugueses ou estrangeiros, que exerçam qualquer das modalidades desta profissão liberal, fôrto nos termos das leis vigentes (...) Entende-se por profissão liberal de comerciantes a actividade de indivíduos licenciados em Ciências Económicas e Financeiras para o exercício da qual seja necessária a aplicação das ciências económicas e financeiras.»

Tendo uma existência normal até 1955, o Sindicato foi nesse ano alvo de um despacho do ministro das Corporações determinando a extinção do organismo. Recorrendo para as instâncias superiores, o Sindicato conseguiu que o despacho ministerial fosse declarado ilegal. Todavia, e até 1970, as sucessivas direcções eleitas nunca foram reconhecidas pelo Ministério das Corporações. Nesse ano, todavia, a direcção eleita para o triénio 1970-72 (que agora está a terminar o mandato) tomou posse, começando a desenvolver larga actividade no sentido de trazer à normalidade a vida sindical. Não o conseguiu, porém, até agora dado que o Ministério das Corporações entende

que, à luz de uma interpretação dos estatutos, só devem pertencer ao Sindicato os profissionais (em número extremamente reduzido) que exerçam a profissão por conta própria. Assim, a maior parte dos actuais sócios do Sindicato são no voluntariamente, já que são obrigados a pertencer aos Sindicatos em que está integrado o pessoal administrativo da empresa em que trabalham (Sindicato dos Bancários, dos Profissionais de Escritório, etc.). Para obstar a esta situação, a direcção cessante entregou no Ministério das Corporações em Junho de 1971, um completo processo a fim de que fossem aprovadas as alterações aos estatutos antes em assembleia geral do organismo. Nada foi, no entanto, decidido até agora, tendo apenas o Sindicato conhecimento de que o Ministério entende que os profissionais deverão ser representados por outros Sindicatos «enquanto não for criado o Sindicato ou a Ordem dos Economistas» — «Ordem» que não está nos objectivos e pretensões da maioria dos profissionais.

Retomando os problemas até aqui em suspenso, os associados que agora vão concorrer às eleições esperam levar a bom termo as diligências que irão efectuar, de forma a que os economistas portugueses tenham um organismo efectivamente representativo da classe, até aqui praticamente sem apoio, como o prova o facto, de, há pouco tempo, ter sido negada representatividade ao Sindicato para negociar com a C.P. um Acordo Colectivo de Trabalho (que seria o primeiro) respeitante aos sessenta profissionais que exercem a sua actividade naquela empresa ferroviária.

LONDRES

PARTIDAS
EM JUNHO

7 - 10 - 13 - 20 e 24

4 dias — desde 2.275\$00

5 dias — » 2.340\$00

8 dias — » 2.690\$00

INCLUINDO:

Viagens de ida e volta em avião a jacto • Transfer's à chegada e à partida de Londres • Alojamento e pequeno almoço • Visitas da cidade com guia português.

TODOS OS SERVIÇOS E TAXAS, INCLUINDO AS DOS AEROPORTOS

Consulte-nos: sobre os voos semanais a Londres, durante todo o Verão e descontos especiais para jovens

Temos apartamentos SOFICO durante o Verão, na área de Marbella, desde 90\$00 por pessoa, incluindo uma enorme gama de divertimentos GRATUITOS

NORTON / PM TOURS

LISBOA — Rua Barata Salgueiro, 8 — Telef. 5 87 22 / 5 88 75 / 5 87 91

PORTO — Rua José Falcão, 82 — Telef. 2 75 87 / 3 86 62

Ciclo de colóquios

Nos próximos dias 29, 30 e 31 do mês corrente, pelas 21h 30 h. terá lugar no Colégio dos Olivais, um ciclo de colóquios de natureza pedagógica dirigidos por individualidades que participam de forma debruçada sobre vários sectores da Educação.

Pontos de partida para os debates:
Em 29 de Maio — «Objectivos do Jardim de Infância e assuntos afins», debate dirigido pelo Psicólogo Joaquim Bairoso Ruivo;

Em 30 de Maio — «Actualização e condução do ensino a partir das Classes Infantís», debate dirigido pelo prof. Cristóvam Santos;

Em 31 de Maio — «Objectivos das reuniões de Pais», pelo prof. Calvet de Magalhães.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1973

(de 30 de Maio a 3 de Junho)

BATSHEVA DANCE COMPANY

VENDA AVULSO

Bilheteira aberta das 13 às 19 horas — Telef. 36 86 64

DL/OPINIÃO

Sociólogos cooperam

TAMBÉM DAMOS SUGESTÕES

A quem enfadadamente nos dissesse que já basta de tanto trânsito e que à barra destas colunas deveriam vir também outros e não menos importantes problemas nacionais, nós responderíamos que nem sempre esses outros e realmente importantes problemas têm acesso fácil, mas que, não obstante, alguns milagres temos cometido, nos limites das nossas fracas forças. E ainda diríamos que se na Idade Média já estivesse descoberta e fosse activa a Imprensa, não faltaríamos notícias sobre a Peste Negra que assolou a Europa, dizimando regiões inteiras, centenas de milhares de pessoas, ou milhões, sem escolher idades nem condição, nem sexo, nem lugares. Ora, se a comparação se nos permite, o trânsito, a circulação automóvel, é uma espécie de Peste, não diríamos Negra, embora também, mas sobretudo Cromada, Esmaltada, Mal Cheirosa, Colorida, Envidraçada, tão mortífera como aquela e, contudo, ó paradoxo, legalmente autorizada a deslocar-se pelo mundo e a matar. Não se enfade pois o leitor, peão ou automobilista, ou, alternadamente, uma coisa e outra, que desta Peste Nova falemos com a frequência com que falaríamos da Antiga se então vissemos.

Aiás, muita gente se preocupa com a grande praga do acidente rodoviário. Chegou-se já ao extremo de recorrer a acções espectaculares como tentativa de consciencializar as populações, dinamizá-las no sentido de um comportamento de protesto que leve os poderes públicos a pôr em prática medidas realmente drásticas. Foi agora o caso da pequena cidade francesa de Mazamet, onde a população (16 610 habitantes, tantos como os franceses mortos nas estradas em 1972) se deitou nas ruas, durante dez minutos, numa simulação de vítimas que, para alguns deles, talvez amanhã mesmo venha a ter mortal confirmação... Desta maneira se quis causar medo, chocar os telespectadores automobilistas, torná-los conscientes da extensão da hecatombe anual nas estradas de França. Porque esta aparentemente pueril encenação foi filmada e aparecerá nos televisores franceses no dia 1 de Junho...

Uma vez por outra, dá-nos a nossa Televisão maciços programas estrangeiros, desde os jogos olímpicos aos festivais da canção, desde os campeonatos de patinagem às cerimónias de coroação (estas, na verdade, já muito raras), com o que vai ilustrando, informando, edificando e distraindo os benévolos espectadores do pequeno ecrã. Ora, se para a Televisão Portuguesa têm algum valor as sugestões daquela Imprensa que menos entusiasta se tem mostrado perante as suas actividades, se não dispõe de olhos e ouvidos apenas para um lado só (o dos louvores), aqui deixamos ficar a sugestão de que compre, alugue ou peça emprestado o filme da Televisão francesa para o passar aqui uma e muitas vezes, até ver se logramos amoldar essa espécie de ira assassina que entra nos automóveis ao mesmo tempo que muitos condutores e os transforma, por sua vez, em verdugos e instrumentos de verdugos... À margem, mas não a despropósito, diríamos que entretanto se poderia pôr em prática uma facilidade tão grande em tirar cartas de condução como a que se usa para dá-las.

E porque estamos em maré de sugestões, uma outra lançamos, que é, desta vez, uma despudorada imitação (o que, de resto, não deve constituir escândalo numa terra como a nossa, tão aberta a muitas e nem sempre excelentes imitações). E esta é a de que também entre nós se procure uma vila com população igual ao número de mortos portugueses nas estradas, se industriem os habitantes, se façam filmes tal qual e tudo se projecte nos televisores portugueses em vez de certos programas que por lá passam. Mas, cautela: se tal se fizer, convirá que sejam cuidadosamente bloqueadas as entradas da povoação escolhida, não vá dar-se o caso de algum automobilista violento e apressado ignorar os sinais e transformar em mortos autênticos os que apenas de mortos estiverem fingindo... Para tragédia, já basta.

Cientistas sociais, de nove países, estão a trabalhar conjuntamente em problemas humanos, problemas que ainda há nove anos faziam desencadear violentos argumentos ideológicos.

Apoiados por Governos do Ocidente da Europa e do Leste comunista, os cientistas estão a desenvolver um programa, com base em Viena, que dizem ser uma empresa única na cooperação Leste-Oeste.

Os cientistas que tomam parte nos estudos, que vão desde os problemas mecânicos à delinquência juvenil, tentam atingir uma opinião generalizada, ignorando completamente assuntos que possam causar conflitos ideológicos.

O Centro Europeu de Cooperação para Investigações e Documentação em ciências sociais, inclui um russo, um húngaro e um romeno, além de peritos da Europa Ocidental, entre o seu pessoal formado por 15 pessoas.

O professor Adam Schaff, antigo ideólogo do Partido Comunista da Polónia, que é o director do Centro, disse o seguinte: «Não discutimos se Deus existe ou não, nem debatemos o materialismo e o idealismo, nem as suas vantagens ou desvantagens. Estamos apenas preocupados com trabalho prático que possa vir a ser utilizado por toda a gente».

O Centro de Viena comemora este mês o 10.º aniversário da sua instituição, e o seu pessoal poliglota reivindica ser o primeiro grupo a lançar uma ponte sobre as barreiras do Leste e do Ocidente.

Sugerido inicialmente pela Polónia, o Centro foi estabelecido sob os auspícios da UNESCO, pouco antes da assinatura do primeiro dos dois maiores acordos internacionais do pós-guerra, o Tratado de 1963 de redução em experiências nucleares.

Muito embora esse tratado tivesse feito uma abertura à coexistência pacífica, ainda se estava muito longe de um desanuviamento. Os dois blocos, em muitos problemas, eram adversários irreconciliáveis e nem sequer dialogavam.

O professor Schaff relembra: «Nesses dias parecia quase impossível obter-se uma abertura nas rígidas divisões entre o Leste e o Ocidente, sendo impossível pensar-se numa cooperação, principalmente em domínio ideológico».

«Ambas as partes sabiam que se tinha aberto uma oportunidade, mas ao mesmo tempo toda a gente estava convencida de que o trabalho da instituição de um Centro Conjunto, entre o Leste e o Ocidente, viria a provar-se impossível devido a assuntos considerados nessa altura como tabus».

Mas desde então, investigadores sociais de 23 países europeus — 10 da NATO, 7 do Pacto de Varsóvia e 6 neutrais — cooperaram já em mais de vinte projectos.

O primeiro acordo a que chegaram foi relativo ao auxílio a prestar a países em vias de desenvolvimento, um assunto relativamente fácil, mas foram surgindo outros assuntos mais sensíveis, em áreas onde os marxistas e os não-marxistas se confrontavam frequentemente no que respeitava a interpretações.

Analistas sociais da França cooperaram agora com técnicos de três países comunistas — Hungria, Polónia e Jugoslávia — num estudo sobre a delinquência juvenil.

As linhas de divisão que por vezes aparecem, na opinião do professor Schaff, mostram-se menos acentuadas entre marxistas e não-marxistas do que «entre pessoas competentes e não-competentes ou entre jovens e gerações mais velhas».

PEDRO MARTINS DA SILVA

DESTA VEZ

Fui eu.
É verdade, ao chegar ao carro, tive a surpresa mui grata de verificar que tinha sido «visitado» de noite — lá estava o cartão-de-visita de uma janela com o fecho rebentado. O «meu» ladrão — dada a despesa que tive de fazer para reparar as consequências da sua entrada intempestiva, ganhei sobre ele um certo direito de posse — não achou, porém, nada que lhe agradasse. Revolveu tudo e foi-se embora. Apesar de tudo, posso considerar-me dos que tiveram sorte.

Mas ontem — este ontem é simbólico, porque já lá vão cerca de quinze dias, embora talvez deva dizer: apenas quinze dias — tinha sido ele, um amigo meu a quem levaram o rádio e demais acessórios. E, antes (pouco antes), tinha sido um conhecido desse meu amigo. Talvez maré de azar para pessoas que eu conheço ou talvez — e inclino-me mais para esta hipótese, pois que não sou — superstitioso — um acréscimo de actividade dos tais ratos, amigos do queijo alheio.

Que havemos de fazer, já que não é pensável estender a vigilância policial a todo o canto onde um carro possa estar à espera do tal visitante furtivo?!

A resposta encontra-mo-la na tão rica sabedoria popular. Lá diz o aforismo, que tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que o ajuda. Não vamos à «vinha» mas, às vezes, inconscientemente, ajudamos os que lá vão. Ajuda-mo-los com a nossa passividade comodista e com a nossa procura do chamado «bom negócio». Vamos por partes, começando pela tal passividade. Vou contar o que se passou comigo. O vidro que fora forçado apresentava bem nítidas diversas impressões digitais, dando a ideia de que o visitante tinha as mãos sujas de óleo ou de qualquer outra substância muito adequada para deixar boas marcas. E, com impressões digitais perfeitas, o maroto está já na gaiola, ou não assistem os meus amigos aos episódios do Colombo, Sherlock-Holmes das noites das segundas-feiras? Mas, mesmo admitindo que não há um Colombo nacional disponível, eu deveria ter tentado junto das autoridades policiais que alguma coisa se fizesse. Porque, se nada foi roubado, vontade não faltava, a não ser que se tratasse de um ladrão-tirocinante, só a «treinar-se». O que é certo é que venceu a tal passividade comodista: para quê incomodar-me, perder tempo (o meu tão pre-

cioso tempo), sei lá que mais. E vá de deixar as coisas ficar. «Mea culpa», este estado de espírito tem de vencer-se ou as coisas vão piorar. Óbvio.

Mais grave, porém, é a tal procura do «bom negócio». Longe de mim a ideia de querer insinuar o quer que seja. Mas é ou não verdadeira a caça geral à pechincha?! A procura do que é vendido a preço irrisório para o seu valor?! É milagres ninguém os faz. (Mas V. não sabe que é contrabando?!). Pois é, o pior é que o contrabando parece ter as costas muito largas e, por vezes (muitas) o lado-de-lá da fronteira é, simplesmente, o carro do vizinho. E, amanhã, talvez sejamos nós a «fornecer» os artigos pseudo-contrabandeados. Recordem-se da campanha de aviso da Judicatura!

Não vou pedir que façamos concorrência ao Colombo ou às autoridades aduaneiras, mas não há dúvida que temos mesmo de abandonar a tal passividade cómoda e desconfiar da «pechincha», e, se possível fazer com que seja mesmo esclarecida a sua proveniência. Se não, qualquer dia, vai-se-nos o carro e, talvez, nos fique de recordação... o sistema de alarme contra roubo. Que o engenho dos tais ratos parece não ter limites.

Exclusivo «The Washington Post»

Por BERNARD D. NOSSITER

A "Rolls-Royce" o banqueiro e o povo britânico

Londres — A «Rolls-Royce», o nome mais prestigioso em automóveis, vai ser oferecida ao público.

Efectivamente, as acções do sector da fabricação de automóveis da empresa falida foram recentemente postas à venda nesta cidade com o objectivo de reunir os 96 milhões de dólares destinados aos antigos credores da firma.

Todavia, os investigadores estrangeiros não foram convidados a subscrever as acções, pelo menos com capitais importantes. Os administradores da «Rolls-Royce Motors Limited», nome da nova empresa, opor-se-ão a quaisquer vendas que ameacem retirar o controlo da famosa marca das mãos inglesas.

A decisão de vender acções principalmente ao povo britânico foi anunciada pelo banqueiro da empresa, Jacob Rothschild, e tocará uma corda sensível e popular no país.

A venda da «Rolls-Royce Motors» foi projectada para desencorajar um comprador estrangeiro. Todavia, houve quem manifestasse o receio de que um industrial ou um sindicato britânico acrescentasse a «Rolls-Royce» à sua lista de «holdings».

Importantes compradores individuais foram convidados a fazerem as suas ofertas, as quais foram enviadas a N. M. Rothschild and Sons. Porém, na opinião do banqueiro, nenhuma foi suficientemente elevada. Por essa razão, foi decidido que a empresa seria oferecida ao público e ficaria a pertencer a muitos accionistas.

A «Rolls-Royce Motors» é apenas uma pequena parte da gigantesca empresa que faliu em Fevereiro de 1971. Além dos automóveis, que actualmente representam cerca de 52 por cento do seu volume anual de negócios de 100 milhões de dólares, a firma fabrica também motores para camiões, cabeças para tacos de golfe e tampões para barris de cerveja.

A parte mais considerável da antiga empresa, que fabrica motores pesados para aviões militares e civis, vai passar para as mãos do governo. A compensação a pagar por este continua a ser motivo de controvérsia.

Uma coisa, porém, é evidente. É pouco provável que os accionistas da antiga «Rolls-Royce Limited» cheguem alguma vez a receber um centavo pelas suas acções. Mesmo depois de reunidos os 96 milhões de dólares pela empresa automobilística, os credores ficarão ainda à espera de outros 125 milhões de dólares.

Desde que F. H. Royce se fundiu com C. S. Rolls em 1906, a empresa caprichou em fabricar máquinas de grande beleza destinadas aos muito ricos. O ano passado vendeu apenas 2 473 carros e, em 1973, produzirá unicamente 2 750.

A empresa não acelerará a sua linha de produção, apesar de haver uma lista de espera de três anos para o «Corniche», vendido no país por cerca de 35 000 dólares, e de 18 meses para o «Silver Shadow», que se pode adquirir pelo

preço mais modesto de 26 000 dólares. O «Phantom (Roman) Six» é o mais caro da gama por cerca de 38 000 dólares.

O cliente típico da firma, revelam os vendedores, é o industrial de 54 anos que nunca deixa a mulher conduzir o «Rolls».

A firma antiga entrou em dificuldades, dizem os especialistas, porque se envolveu profundamente em assuntos da defesa. A divisão automóvel apresentou quase sempre lucros, mas a empresa combinada registou perdas em sete dos seus últimos dez anos.

O elevado nível técnico manteve-se, mas o aspecto financeiro foi descuidado, havendo sempre um governo benevolente disposto a pagar as contas. O fenómeno é bem conhecido nos Estados Unidos, onde as dificuldades da «Lockheed» são atribuídas às aquisições negligentes do Pentágono.

Na velha «Rolls-Royce», dizia-se, o trabalho do director financeiro consistia simplesmente em «nos dizer quando devíamos ir ter com o governo de Sua Magestade para nos dar mais dinheiro».

Finalmente, não foi um contrato para a defesa, mas sim um contrato civil, que acabou com a antiga empresa, a qual fixara um preço demasiadamente baixo numa importante transacção para o fabrico de motores destinados ao autocarro aéreo «Tristar», da «Lockheed». Esta, que se encontrava também numa situação delicada, não conseguiu dar à «Rolls-Royce» as facilidades

Continua na pag. 16

DIÁRIO GERAL

ADIADO O JULGAMENTO DO ARQ. ABEL MANTA E DO NOSSO DIRECTOR

O julgamento marcado para hoje do arquitecto João Abel Manta e do nosso director dr. Ruella Ramos, foi adiado para o próximo dia 26 de Junho, por sobrecarga de trabalhos do tribunal. O julgamento que decorre no 1.º Juízo Correccional de Lisboa já tinha sido adiado para hoje, por falta de comparecimento do arquitecto João Abel Manta. Tanto João Abel Manta como o nosso director são incriminados por abuso de liberdade de Imprensa, especificando a acusação que Abel Manta responde por ofensas à bandeira nacional devido à publicação de um poster da sua autoria no suplemento «A Mosca» que o

nosso jornal publica aos sábados, e o dr. Ruella Ramos por conveniência.

CERVEJARIA ASSALTADA EM CAMARATE

Indivíduos não identificados, introduziram-se, esta madrugada, numa cervejaria na Quinta de Santo António, em Camarate, de onde levaram várias garrafas de vinhos e licores, num total de cerca de cem contos.

No mesmo período e por meio de chave falsa, foram ainda furtados, de um armazém da Rua Reinaldo dos Santos, duas máquinas de escrever e uma máquina de calcular electrónica, avaliadas em quarenta contos.

A Judiciária investiga.

NOTAS POLÍTICAS

ASSOCIAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS EM ANGOLA

Partiram ontem para Angola os presidentes das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras do Brasil que, a convite do Governo português, se deslocaram ao nosso País para participar na visita oficial do Presidente Médici a Portugal. Esta visita prolongar-se-á por uma semana.

MEMBROS DO GOVERNO NO NORTE

Dois membros do Governo vão deslocar-se ao norte do País em missão de trabalho: o dr. Pinto Cardoso, subsecretário do Trabalho e Previdência, parte hoje para Viana do Castelo, para presidir à sessão de encerramento das Jornadas Sociais e Corporativas do distrito e o dr. Silva Pinto, secretário de Estado do Trabalho e Previdência, que se desloca depois de amanhã a Aveiro, para uma reunião com dirigentes regionais dos serviços do Ministério das Corporações.

INDÚSTRIA PIROTÉCNICA

Pelo dr. Pinto Cardoso, subsecretário do Trabalho e Previdência, foi assinada uma portaria de regulamentação do trabalho para a indústria da pirotécnica.

ENG. NUNO DE VASCONCELOS

Por motivo do seu quarto aniversário na presidência da Câmara Municipal do Porto, o sr. eng. Nuno de Vasconcelos Porto, recebeu esta manhã cumprimentos no seu gabinete da vereação e funcionalismo. Em nome do Colégio de Edis, saudou o presidente, o prof. dr. Oliveira Cabral, tendo também es-

QUISERAM VIVER UM POUCO MAS FORAM PRESOS

A Polícia deteve, ontem à noite, numa cervejaria da Avenida Almirante Reis, três jovens que eram acusados pelo gerente de um restaurante da Travessa da Glória de ali terem furtado, durante a madrugada anterior, um cofre portátil com vinte e quatro contos em dinheiro.

Conduzidos para o Governo Civil, em cujos calabouços ficaram encarcerados, os jovens, todos naturais de Arcos de Valdevez, presentemente sem exercerem qualquer actividade e que em tempos tinham trabalhado naquele estabelecimento como empregados de mesa, acabaram por confessar a sua participação no assalto, tendo sido ainda encontrados em seu poder quinze contos. Quanto ao dinheiro restante, segundo afirmação de um deles teria sido gasto para encher a barriga ao menos uma vez, e nuns livrecos e nuns cinemazitos, pois a vida dum homem não deve ser só feita de trabalho e todos devemos ter direito a alguma distração! TRACÇÃO!

Os três jovens minhotos irão transitar ainda hoje com o respectivo processo para a Polícia Judiciária.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Salvador e Palmeiro, Rua Manuel da Costa Costa DA CAPARICA



tado presente o dr. Sobral Torres, vice-presidente daquele Município.

Pouco depois, na sala de D. Maria, cumprimentaram o eng. Vasconcelos Porto, os funcionários do Município, usando da palavra o eng. Guedes Cardoso, director dos Serviços de Obras e Urbanização.

O presidente da Câmara agradeceu a todos as saudações que lhe foram dirigidas.

A.N.P. DE LISBOA

Para o preenchimento dos lugares vagos na Comissão Concelhia de Lisboa da Acção Nacional Popular, foram designados, de harmonia com as disposições estatutárias, os seguintes filiados: dra. Julia Maury, Margarida de Abreu Narciso e Miguel Francisco Loureiro de Matos Chaves. Na reestruturação levada a efeito, o vogal da Comissão Concelhia, João de Matos e Silva, ascendeu a vice-presidente.



A anciã da foto acaba de completar a bonita idade de 100 anos. Trata-se de sra. Isabel Lopes dos Santos, natural de Talpa, Requeixo, e que vive actualmente na Costa do Valado, Aveiro, na companhia de uma filha, a sra. D. Arminda Lopes, de 67 anos, casada. A simpática velhinha, por quem foi rezada missa de acção de graças, por ocasião do aniversário, goza de boa saúde, embora um pouco trémula. Mantém-se ainda muito lúcida, sendo conhecida pela facilidade que tem em improvisar quadras. Nunca foi a um médico, come de tudo um pouco e gosta da sua «pinga» às refeições.

DOIS MINISTROS NO VALE DO MONDEGO

Os ministros das Obras Públicas e das Comunicações e das Finanças e da Economia, e os secretários de Estado das Obras Públicas e da Agricultura, acompanhados dos respectivos chefes de gabinete, do director e sub-director dos Serviços Hidráulicos, do presidente da Junta Autónoma das Estradas e de outros técnicos efectuaram hoje uma série de visitas na região do vale do Mondego, em especial às obras da barragem da Aguiçeira que deverá entrar em serviço em meados de 1978. O seu conjunto é o órgão fundamental do Plano Geral do Aproveitamento Hidroeléctrico da Bacia do Mondego. Aquele plano prevê ainda a construção de uma barragem no rio Alva, no local do Mucelão. As albufeiras (da Aguiçeira e do Mucelão) disporão de 565 milhões de metros cúbicos de armazenamento. Em frente de Coimbra será construído um aqüed de derivação de canais para rega.

Os trabalhos do dia iniciaram-se às 10 horas com a visita às obras em curso no rio Mondego cuja galeria de desvio já se encontra concluída. Os quatro membros do Governo, acompanhados pelo governador civil do distrito e por elementos da Companhia Portuguesa de Electricidade, assistiram a uma explicação sobre o esquema geral do aproveitamento da barragem e sobre as suas características feitas pelos engenheiros Armando Lencastre (director do hidroprojecto) e Manuel Gaspar (presidente da Junta Autónoma das Estradas que aludiu aos desvios a fazer e a outras obras cujo montante rondará 170 mil contos).

Em Coimbra, os membros do Governo e comitiva tiveram uma reunião (em que participaram também os deputados pelo círculo) no edifício dos paços do conselho com técnicos da Secretaria de Estado da Agricultura. Findo o almoço a caravana seguiu para Montemor-o-Velho onde ouviu três exposições: a primeira sobre a actual situação dos campos do Mondego, culturas neles praticadas e prejuízos causados pelas cheias; a segunda sobre o esquema das obras de rega e a última sobre os melhoramentos da rede rodoviária.

As exposições foram feitas pelos engenheiros Armando Palma Carlos, Joaquim Fernando

Faria Ferreira e André Rodrigues. Este último referiu especialmente o problema das cheias que ocasionam prejuízos elevadíssimos (cerca de 50 mil contos por exemplo em Outubro de 60) o que traduz bem as dificuldades de se viver e trabalhar nos campos. «O problema não está resolvido e a situação tem-se agravado de ano para ano» — sublinhou aquele técnico que prosseguiu: «Em redor dos campos do Mondego vivem cerca de 95 000 pessoas (...) na maior parte dos campos a exploração agrícola reduz-se apenas às culturas primaveris-estivais, nomeadamente ao arroz, ao milho e ao feijão, base da economia regional, uma vez que no resto do ano os campos permanecem submersos e encharcados».

A finalizar informou que o valor do produto bruto poderá atingir 450 mil contos anuais (cerca de três vezes o actual), referindo-se à criação das albufeiras e à regularização dos leitos que permitirão o controle das águas, evitando-se assim o prejuízo das culturas.

Para encerramento dos trabalhos, o eng. Leopoldo da Cunha Matos, governador civil de Coimbra, oferece esta noite um jantar na Figueira da Foz em honra dos visitantes.

HOJE

AS 21.45

«OS BONECREIROS»

representam

A COMÉDIA MOSCHETA

de RUZANTE

Grupo D — M/ 18 anos
NOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS LISBONENSES

(R. Camilo Castelo Branco, 33)

Montagem subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian



TOIROS EM PORTALEGRE

23 de Maio, às 17.30

Festas da Cidade

Corrida de Toiros à Portuguesa
Cavaleiros:

RAFAEL PERALTA
JOSÉ CORTES
JOSÉ LUPI
D. JOSÉ ZOIO

Forçados Amadores de Portalegre e Ribatejo

Toiros de Dr. José Manuel Andrade

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

A MELHOR SÁTIRA DO ANO!

Time Magazine
Newsweek Magazine
New Yorker Magazine

UMA JÓIA DE FILME!

Playboy Magazine



«OSCAR»
DA ACADEMIA
PARA O MELHOR
FILME ESTRANGEIRO 1973



O filme de
Luis Buñuel

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

(LE CHARME DISCRET DE LA BOURGEOISIE)

com

FERNANDO REY · STEPHANE AUDRAN · JEAN-PIERRE CASSEL
DELPHINE SEYRIG · MICHEL PICCOLI · BULLE OGIER

HOJE às 21.45

Estreia de altíssimo nível!



COLORIDO GRUPO D - 18 anos

2

ÚNICOS DIAS



HOJE, às 21.45 horas
AMANHÃ, às 18 horas

(Grupo D — M/ 18 anos)

ESTUDANTES:
50% DESCONTO

Teatro
Estudantes
Universidade
Coimbra

Encenação de FERNANDO GUSMÃO
Subsidiada pela FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

TV

DL/ESPECTÁCULOS

D. MANUEL: SAÍDA EM OMBROS CAMÕES: K. O. AO TERCEIRO ASSALTO TACO A TACO: O QUE A GENTE SABE...

No mar encapelado asvelas dos barquinhos, tripulados uns por gente do Liceu Camões, tripulados outros por gente de D. Manuel II. Guardadas as devidas distâncias, questão a dirimir entre fiéis e infiéis. Os cartazes, as pancartas, os panos breves não desenhavam a frase curta, incisiva, publicitária: «CAMÕES... AQUELA MAQUINA!» ou «AN-DA; MANUEL!» ou «A BOMBA, QUE VÓS!» IDEAS ALAGANDO. A rima ao serviço das hostes não falatara: «Venceremos na final por K. O. intelectual!» Ou: «PORTO PRESENTE, PORTO À FRENTE». Também não faltou o tom épico:

«Estavas D. Manuel posto em sossego dos teus tacos colhendo o doce fruto naquele engano de alma ledo e cego que o Camões não deixa durar muito.»

Outro exemplo:

«Bem puderas D. Manuel da vista destes tua morte apartar aquele dia em que às mãos do Camões pereceste julgando que a vitória te sorria»

Um grupo de Cascais levantava a sua afirmação: «Prá frente Portal Cascais vibra contigo». Outro, não muito numeroso gritava: «Camões-Porto! Camões-Porto!». Um pomenor de graça regional num letrado: «BIBA O D. MANUEL». O toque de animosidade mais evidente também não faltou: «VIVA O CAMÕES — ABAIXO OS TRIPEIROS». Como pacífica manifestação de convivência não há melhor...

As canções não faltam. Geralmente folclore com letras à pressão:

«O Camões, o Camões não vale a pena chorar já sabias o Camões que não podias ganhar.»

A letra era cantada pelos adeptos do Porto e o seu autor chama-se Abreu. Foi o próprio quem o disse. Regista-se, para a História.

TACO A TACO: PONTO FINAL

Entre o que se passou ao vivo no «Maria Matos» e a televisão não houve grande diferença. A não ser a diferença de intensidade: a ausência de microfones na sala impede os telespectadores de ficarem com uma ideia, mesmo aproximada, do barulho de arrombar tímpanos. Houve quem se rendesse e não tenha pejo de o confessar. Quem se pusesse em fuga da plateia para o primeiro balcão. Lá em cima morava o paraíso.

Como se viu, a atracção ofe-

recida aos jovens telespectadores representava um certo tipo de canção alheada das pessoas ao vivo. Clara Nunes era já nossa conhecida, e mais os seus sambas, do «Domingo à Noite». Já sabíamos, também através do «Domingo à Noite» que a consideravam uma grande sambista. Ela própria, no «Taco a Taco» veio recordá-lo. Fraquezas...

Longo e aborrecido e inútil aquele documentário sobre as actividades subaquáticas na costa de Peniche. Bom, Peniche tem muito que contar, tem muito que contar quem está em Peniche e olha para o mar. Nada nos contaram quem desce ao fundo dele com uma garrafa de oxigénio às costas. Nitidamente um documentário para encher tempo.

Do questionário proposto figuravam 3 perguntas de Desporto; 4 de Física; 3 de História; 2 de Ciências Naturais; 3 de Matemática; 3 de Portugal de Hoje; 3 de Português; 3 de Geografia. Como sempre, a tónica da memorização imperou. Quando se pretendeu fugir a isso, caiu-se na pergunta de algibeira como aquela sobre o teatro ou na simplicidade do que provava a viagem de Bartolomeu Dias.

Por acaso, foi nesta última questão que o júri voltou a dar o flanco. Felizmente, sem consequências para ele, pois o prejudicado será o liceu D. Manuel II e esse pode prescindir do protesto.

Na realidade, quando o Peixoto respondeu que, com aquela viagem, se demonstrava a possibilidade de fazer o périplo da África, o júri considerou errada a resposta: já considerou bem quando do Camões se disse que se provava não ir a África até ao polo sul e que, portanto se podia passar «para o outro lado».

Por que considerou o júri errada? Por que, na opinião da ilustre professora (que, em intervenções anteriores manifestara sempre a intenção louvável de justificar as decisões tomadas) não se provava a possibilidade de dar a volta pelo Mediterrâneo. O que valeu ao amigo Peixoto o comentário irónico de que, na realidade ainda não havia o Canal do Suez...

Mas o Peixoto tinha razão. Conhecida a costa Ocidental e definido, na outra costa, o ponto alcançado por Pero da Covilhã, não tardara aí Vasco da Gama para completar... o périplo.

A um júri que dera como suficiente aquela questão do calor específico, fica mal repudiado a resposta do amigo Peixoto.

Bom. Não vale a pena continuarmos esta conversinha de larachas sobre o «Taco a Taco». O importante, o que de mais valioso se podia fazer, era abrir lucidamente a porta de



Por MÁRIO CASTRIM

uma discussão sobre os benefícios e os prejuízos de um programa como «Taco a Taco», saber até que ponto ele vinha no vento ou como reacção às propostas pedagógicas sérias. São muitas as dificuldades para alimentar ou mesmo principiar esta discussão.

Pelo que já se fica a saber: o Camões esbarrandou-se no terceiro desafio, o D. Manuel II levou em ombros os seus elementos vencedores, no Porto há mais uma piscina. Ponto final.

ENSAIO: EM BUSCA DA REALIDADE PERDIDA

Talvez ontem se falasse muito do «Taco a Taco». Não admira.

A hora, o espectáculo, a ilusão de combate e de movimento, a necessidade de distração e ao diabo o resto, assim por diante.

No entanto, algo acontecera no sábado de muito importante na televisão portuguesa: o programa «Ensaio» voltara-se atentamente para o território nacional, lançava-se, com coragem e dignidade, numa reportagem a sério. Ensaio falava-nos das terras de Miranda, em busca do tempo perdido, numa investigação sobre tamanha decadência.

Não há muito tempo ainda, o mesmo programa nos dera uma outra notável reportagem sobre a vida numa aldeia da Beira-Baixa, reportagem que terá de ficar para uma antolo-

gia da televisão portuguesa. O trabalho efectuado pela equipa de João Martins em terras de Miranda será menos espectacular ou terá menos unidade — ou não terá conseguido, com tanto êxito, penetrar na intimidade, na verdade das pessoas. Mas com igual determinação buscou o real. E conseguiu dá-lo. Como se costuma dizer — na medida do possível.

Lá soubemos quanto a vida é dura para uma população que luta dia-a-dia com a terra, utilizando os processos mais primitivos. Lá soubemos, ao vivo, como a televisão, a rádio, os transistores vão derrubando os laços de uma cultura. Lá estivemos com alguém que conhece a fundo a matéria de que fala: o padre António Mourinho, a revelar-nos alguns aspectos dessa cultura, incluindo o dialecto da região, o mirandês, e a dar-nos conta de falas e versos do seu povo, como a voz daquela rapariga:

*Ai de mim que estou prenhada
la barriga vai crescendo
Se lo digo, matarão-me;
se me callo, se vai vendo...*

Lá ouvimos a verdade cantada na voz do povo com séculos e séculos de observação, a razão de sofrimento:

*Tenho três meninas
não lhes tenho que lhes dar
ponho-me a cantar
e ensiná-las a bailar...*

Infelizmente, no que respeita ao impacto da sua presença junto do público, «Ensaio» não viu o seu trabalho recompensado: dias antes, em «A Terra, o Mar e a Gente» assistimos também a uma reportagem sobre as Terras de Miranda.

Programa sem sorte, este «Ensaio». O mesmo já lhe acontecerá com a emissão dedicada a Picasso: «Dimensão adianta-se-lhe na corrida para a meta».

Sem estar influenciado por usos e costumes de terras de Miranda, bem me quer parecer. Ensaio, que precisas de ir à bruxa.

CARTA ABERTA AO PADRE ZEZINHO

Padre:
Sei que o teu nome é José

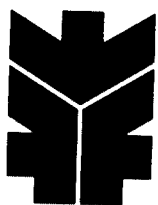
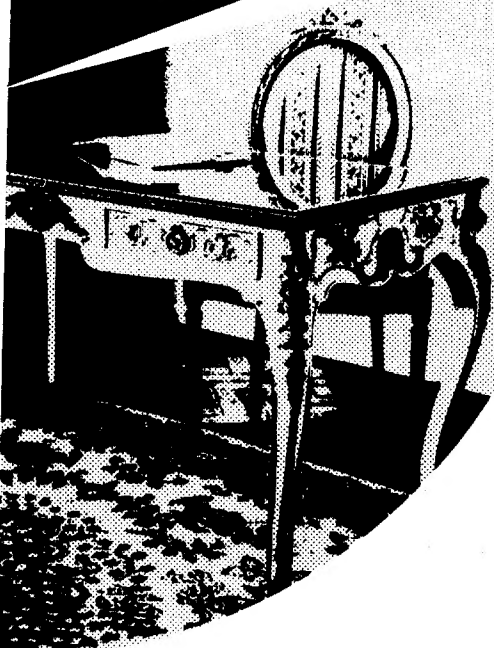
Continua na pag. 14

ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa

Realizar-se-á de 9 a 23 de Junho, na Feira Internacional de Lisboa, um Salão predominantemente dedicado a mobiliário, sendo todavia nele também expostos outros produtos, como candeeiros, cerâmicas, mármore, vidros e outros artigos decorativos. Abarcando sectores a que o Fundo de Fomento de Exportação prioritariamente concede o seu apoio, a iniciativa beneficia da maior atenção por parte deste Organismo. Assim, promovemos a vinda a Lisboa de diversas missões comerciais de compradores estrangeiros, bem como de jornalistas especializados de vários países, entidades a quem interessa um certame desta natureza. Além dos contactos comerciais proporcionados aos expositores, vamos ainda organizar, na FIL, durante três dias, encontros entre os importadores estrangeiros vindos e os industriais nacionais não presentes na exposição. Se o seu ramo é mobiliário — contacte-nos até 31 de Maio. Contamos com o seu interesse para que possamos organizar a seu contento aqueles encontros e de acordo com as datas da vinda de cada uma das missões comerciais. Instituídos para o servir apoiá-lo-emos ponto por ponto — por si, pela expansão da sua empresa, por todos nós.

salão
de
mobiliário
e decoração

de 9 a 23-6-1973



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-3.º - Telef. 767410/767520/767573 - LISBOA 1
Delegação no Norte:
R. Gonçalves Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - PORTO

LINTAS 73-FTE-8

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

DL/ESPECTACULOS

"O Processo" de Kafka-Welles na Clássica do Império

Segundo a obra homónima de Kafka, Orson Welles construiu uma sua outra obra-prima, «O PROCESSO», que teve em Anthony Perkins, Jeanne Moreau, Elsa Martinelli, R. Schenider e o próprio Welles alguns dos intérpretes principais.

Como referiu um crítico: «Em «O Processo» obra de cinema onde está Kafka? Onde está Welles? Não se trata nem de adaptação, nem de tração, nem de respeito; mas uma mo-

bilização simultânea de dois procedimentos, uma expedição comum para a degradação do homem, o inventário mais desesperado dos nossos mitos. Então os tectos baixam e esmagam aqueles que deviam proteger. Então, os homens mais não são que carcereiros, ou carrascos para os outros homens. O arsenal explosivo do céu e do inferno liberta as suas maravilhas sacramentais, carregadas de todas as crueldades fascinantes, ima-

ginadas pelos homens para aterrorizar os seus semelhantes, envenenar-lhes os pensamentos, mutilar-lhes os corpos, profanar-lhes as almas».

Obra difícil. «O PROCESSO» não é filme que se recomende a quem procure no cinema simples distração. É bem um filme inteiramente adequado a um público de elevado nível cultural, o público próprio das sessões clássicas do Império onde se exhibe 4.ª feira, pelas 18 e 30.



Os cineclubes e a (in)formação

Os preços de cinema sobem e descem. Há quem diga que isto não se aguenta assim por muito tempo e que, a breve prazo, subirão outra vez. Enquanto a onda vai e vem, os cineclubes continuam a defender o bom cinema e a proporcionar aos seus sócios fitas importantes a preços reduzidos, já que não os movem interesses comerciais. Para além disso, fazem acompanhar as suas projecções de pro-

gramas geralmente bem concebidos, com recortes de críticas e ampla informação sobre filme, realizador e actores. Alguns publicam, ainda, boletins mensais, onde essa informação é, ainda, mais alargada. As fotos que publicamos referem-se à capa e contracapa do boletim de Março do ABC Cineclubes de Lisboa. Um exemplo.



Uma cena da Fuenteovejuna de Lope de Vega — Natália Correia — Avilez

O T.E.C. ESPERA SER JULGADO PELO PÚBLICO

Recebemos do Teatro Experimental de Cascais um texto (promocional?) que passamos a transcrever na íntegra:

«Fuenteovejuna» foi escrita por Lope de Vega no século XVI. A tradução em versão livre de Natália Correia e a encenação de Carlos Avilez e Agueda Sena tentam a actualização da sua problemática.

Representada por cerca de trinta actores, a peça em cena no Teatro Gil Vicente, em Cascais, foi e será objecto da crítica profissional. Entretanto, a Companhia do Teatro Experimental

de Cascais espera o julgamento do público.

As sessões decorrem todas as

noites, às 22 horas, e aos domingos, às 17. O descanso da Companhia verifica-se à 2.ª feira.

«Dirty Harry», que foi um dos grandes êxitos de bilheteira nos Estados Unidos.

MICHAEL CAINE: Michael Caine será a principal figura da película «Drabble», que Richard Zanuck vai rodar nos Estados Unidos.

CARMEN SEVILHA: Carmen Sevilla é a principal intérprete da película de Pedro Olea «No Es Bueno Que El Hombre Esté Solo», estreada em Madrid, onde obteve mais êxito junto do público do que da crítica. No elenco figuram, também, José Luis López Vázquez, Maximino Valverde, José Franco, Helga Liné, Lolita Merino e Eduardo Fajardo.

ORSON WELLES: O actor e realizador de cinema Orson Welles foi contratado pela «Anglia TV», para narrador-apresentador de uma série de mistério, que vai ser filmada pela Televisão Independente Britânica. A série, em 26 episódios, será dirigida por Donald Wilson, o produtor da telenovela «A Família Forsyte», estando o seu custo calculado em um milhão de libras, aproximadamente.

«Até agora, tenho-me negado a trabalhar na televisão, porque apenas me têm proposto trabalhos tontos. Porém, desta vez, parece haver qualidade e estar bem feito. Por isso mesmo, aqui estou» — declarou Welles.

RYAN O'NEAL · JACQUELINE BISSET
WARREN OATES

O ladrão VEIO PARA jantar

(The THIEF who came to DINNER)



...E FICOU

UM LADRÃO DE JÓIAS, UMA RAPARIGA ^{mu}COMPREENSIVA...
E UM DETECTIVE PERSISTENTE!

prod. Bud Yorkin-Norman Lear mus. Henry Mancini arg. Walter Hill real. Bud Yorkin
Distribuido por COLUMBIA & WARNER GRUPO D/18 ANOS Colorido

AMANHÃ — ESTREIA NO MONUMENTAL

A MÚSICA DESTE FILME ESTÁ GRAVADA EM DISCOS R. C. A. DISTRIBUIDO POR "TELECTRA"

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 32 60 37

VARIEDADES

3.º MÊS

Grupo C M/ 14 anos

O PRÍNCIPE E A CRISTA

UMA DELICIOSA COMÉDIA
UMA ÉXITO MUNDIAL

ELenco
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama,
Amílcar Botica, Jacinto Ramos,
José Carlos, M.ª Helena Mattos,
Beatriz Vaz, Madalena Braga,
Adelaide João, Leonor Poeira,
Luís Mata, José Braz

A NOITE, ÀS 21.45 H.
6.ª e Sábados, 2 SESSÕES
às 20.45 e 23 h.
Domingos, «matinéas» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
2.ª e 3.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

10.º MÊS

UMA DIVERTIDA
COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CASA DOS COMUNS

com Simone, Armando Cortez,
Fernanda Borsatti, Luís Alberto,
Alda Pinto e Alice Carla à frente
dum notável elenco, e a colaboração
de Dário Barros e Joaquim Rosa

3.ª e 4.ª às 21.45 h.
5.ª, 6.ª e Sábados: 2 sessões
às 20.45 e 23 horas
Domingos, «matinéas» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MÊS

Grupo D M/ 18 anos

Uma divertida comédia em
IRENE e OCTÁVIO

SEXO, NUNCA SOMOS BRITÂNICOS

No elenco:
Carlos Duarte, Carlos José Teixeira,
Victor de Sousa, Maria Laurent,
Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SABADOS, 2 SESSÕES:
20.45 e 23 H.
DOMINGO
«Matinéas» às 16 horas e à noite
às 21.45 h.

BREVEMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ» NO TEATRO VILLARET
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

CINEMA NO MUNDO

CLINT EASTWOOD: O próximo filme em que Clint Eastwood aparece como principal intérprete intitula-se «Magnum Force», uma sequência de

A LAREIRA

Agora salão próprio para o seu lanche de casamento ou baptizado

LAREIRA

P. DAS ÁGUAS LIVRES, 8-1 (às Amoreiras) LISBOA

AOS JANTARES

NO
GRILL DO HOTEL
FLÓRIDA

tocará para si o pianista
HELDER REIS
Tel. 54171

INALTERA

toda
uma gama
de decorações
murais

•papeis pintados
•revestimentos
metalizados
•veludos antigos
•panorâmicas

a descobrir em
DECOMUR

AVENIDA DEFENSORES DE CHAVES 33-C
TELEFONE 58936 LISBOA I
AGENTES EM TODO O PAIS

CRÍTICA DE CINEMA

Raul Calado

Título: «O Tio Vânia»
Realiz. Andrei Mikhalkov-kontchalovsky
Argumento, adaptação e diálogos segundo a peça de A. Tchekov
Produção: Mosfilm (U.R.S.S. - 1971)
Classificação: Maiores de 14 anos

O programa estreado em 17 de Maio no Apolo-70 teve dois polos opostos: o encontro com Manuel Guimarães e o desencontro com o cinema soviético.

Começemos pelo lado agradável: M. Guimarães.

«Areia, Mar, Mar, Areia» é um documentário a cores sobre a obra de Martins Correia, reali-

“VÂNIA”-UMA FORMA DE TORTURA

zado em 1973. Bela fotografia de Abel Escoto, inteligente direcção de Manuel Guimarães. O homem que, nos anos 50, nos deu duas das mais belas obras do Cinema Português, esses inesquecíveis e tão esquecidos «Saltimbancos» e «Nazaré» volta, 20 anos depois, a dizer que existe.

«Saltimbancos» e «Nazaré» são os filmes que equivalem ao neo-realismo do pós-guerra. Modestos, feitos com extrema economia de recursos, mas inte-

ligentes, humanos, dignos. Guimarães fez, nesses anos difíceis, o que era possível. Depois, uma pausa. O chamado «cinema gastronómico» — era preciso sobreviver e, para um profissional de cinema fazer filmes. Esqueçamos.

Guimarães volta agora, com este documentário. De novo inteligente, humano, digno. Mas com outra coisa: é moderno. O neo-realismo do pós-guerra está ultrapassado. É com uma nova linguagem, desenvolta e au-

tual que Guimarães reaparece, ta propósito, e se pudéssemos recordar a emoção dos «Saltimbancos» e «Nazaré»? E se os mais jovens pudessem conhecer do que por cá se fazia de interessante há 20 anos?)

E depois, «O Tio Vânia». Retrato excelente do vago da burguesia rural russa dos finais do século passado. Filme que nos reconstitui esse nada, essa decadência, essa solidão, essa lentidão. Mas de que forma!

Numa galeria de filmes cha-

tos, «O Tio Vânia» tem lugar certo. Viram «A noite», do Antonioni; «Destruir dit-ele», de Duras; ou o Bergman ou o Godard? Pois dir-se-ia que o Kontchalovski apreendeu profundamente a lição. Se exceptuarmos a entrada do filme, com uma banda sonora excepcional, logo desde os primeiros momentos é difícil encontrar, na nossa cadeira, uma posição cómoda. Depois, as dores atacam o pescoço e os ombros, o fundo das costas e os joelhos. A cerca de um

quarto de hora do fim, em estado lamentável, tive mos que sair, em estado quase febril.

«O Tio Vânia» é uma monumental estopada, com uma lentidão insuportável. Sob certos aspectos, o filme chega a parecer uma violência: à semelhança dos autores supracitados, este russo obriga o cidadão a pagar bilhete para sofrer durante quase duas horas uma real tortura física. Que não me venham os estruturalistas «à portuguesa» falar dos significados, dos segnificantes, das semióticas e de mais não sei que palavras: o que é chato é mesmo chato. E, citando mais uma vez o Ado Kirov: «Tudo o que é chato é necessariamente reaccionário». Livra!

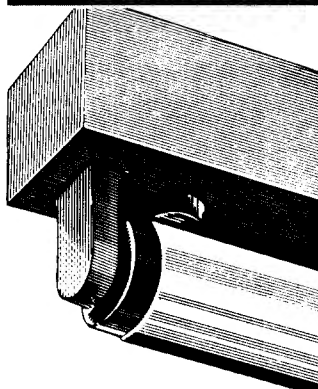
Casa de Figueiró dos Vinhos

A Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, que este ano comemora o 36.º aniversário da sua fundação, promove no dia 3 de Junho, às 13 horas, na sua sede, o tradicional almoço regionalista, que todos os anos tem registado a presença de grande número de naturais daquela vila. Haverá, no mesmo dia, às 22 horas, um baile, com que aquela agremiação encerra as suas festas.

“Poster” dedicado a Picasso

A fim de assinalar o lançamento de um «poster» dedicado a Picasso (pintura de Lino e poemas de Dórdio Guimarães e Alberto Valero), a Editora Arcádia oferece, hoje, às 18 e 30, um «cocktail» no restaurante «Botequim», no Largo da Graça.

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



LÂMPADAS, ARRANCA-DORES, SUPORTES, BALASTROS E ARMADURAS

J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª

TEL. 654165 * LISBOA

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO



Com Renault 4, os quilómetros são mais baratos.

O Renault 4 é um carro que vai longe. E por pouco dinheiro: o seu consumo é mínimo, não precisa de água e muda de óleo cada 5.000 Km. Também não necessita de lubrificação nem de anti-congelador.



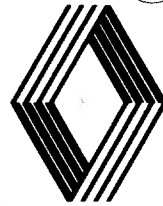
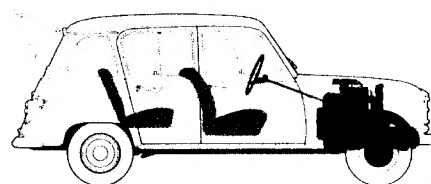
O Renault 4 é um carro verdadeiramente económico e robusto. Duas características que nem sempre andam ligadas...

Para o Renault 4 qualquer piso é bom: a sua suspensão ignora pedras ou buracos. O Renault 4 é um carro com dupla personalidade: bom na cidade, excelente para grandes viagens.

A sua mala é extensível por reclinagem do banco de trás, o que faz dele um verdadeiro «break». E com porta traseira. Se precisar de um carro para utilização comercial o Renault 4 está pronto para todo o serviço. Vai longe e bem carregado, por pouco dinheiro. Faça contas e tire as suas conclusões. Com o Renault 4, cada quilómetro fica mesmo mais barato.

Motor de 4 cilindros — 852 cm³ — 32 cv. SAE — 110 Km/h — 4 velocidades sincro-

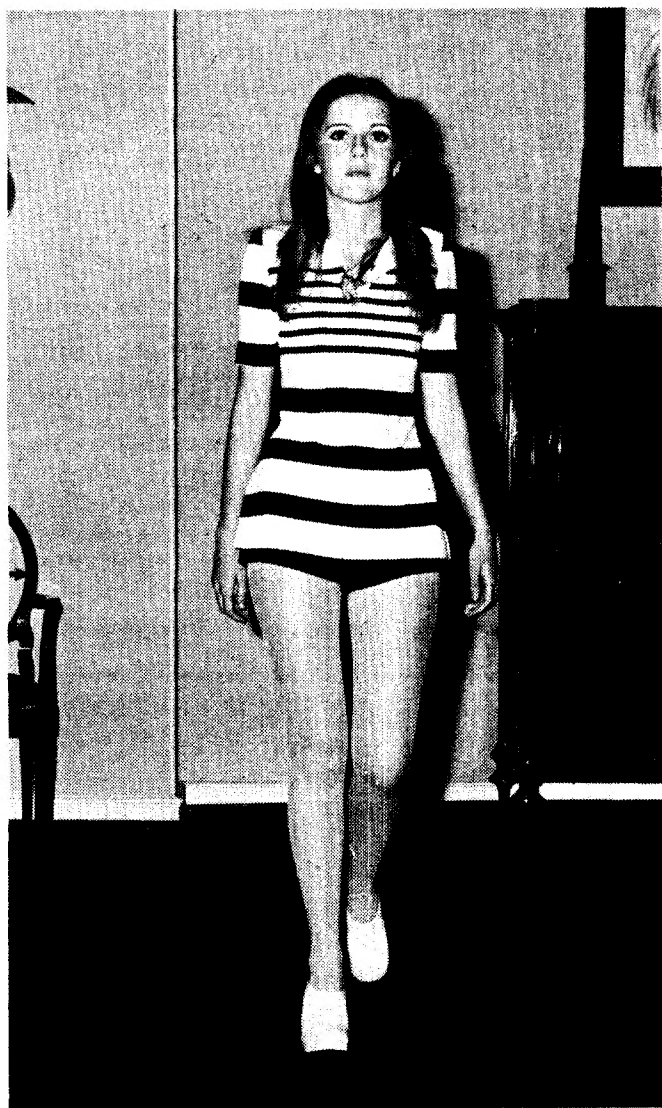
nizadas — suspensão independente às quatro rodas, com barras de torsão — tracção à frente.



RENAULT

O maior fabricante mundial de tracção à frente

DL/GERAL



A «princesa» eleita em 72

Carla: a actual "Princesa" merece o título que será seu até 2 de Junho

«Foi a melhor experiência de toda a minha juventude. Se alguma vez quiser contar aos meus filhos, ou aos meus netos, um acontecimento importante da minha idade de «teen», falo-lhes-ei do concurso das «Teen-agers»

Estas palavras pertencem a Carla Moreira de Castro, Princesa Portuguesa das «Teen-agers», eleita no concurso que o nosso jornal promoveu o ano passado, e que mantém o título até ao próximo dia 2 de Junho, data em que será eleita e Princesa de 73.

Carla recebeu-nos em sua casa, ali para os lados de Benfica. Uma casa nova, decorada com gosto, tudo a cheirar a recente. Tão recente, aliás, como o seu próprio casamento, que se realizou no mês passado.

«Não. Não é propriamente o concurso que

agrada. Ou seja: não foi a final, a altura da eleição. Tudo isso não é nada, comparado com os preparativos, com toda a azáfama que antecede a final. Foi o convívio, foram esses dias que passei antes de ser eleita que me agradaram totalmente.»

E depois foste à Alemanha...

«Ah! Isso, aí, foi maravilhoso! Em primeiro lugar foi uma aventura...»

Uma aventura?

«Sim! Repara que a deslocação à Alemanha, para a final, decorreu entre as provas escritas e as orais do 7.º ano!»

E... passaste?

«Passei! Estou, agora, no 1.º ano de Direito.»

Mas conta lá isso da

Alemanha.

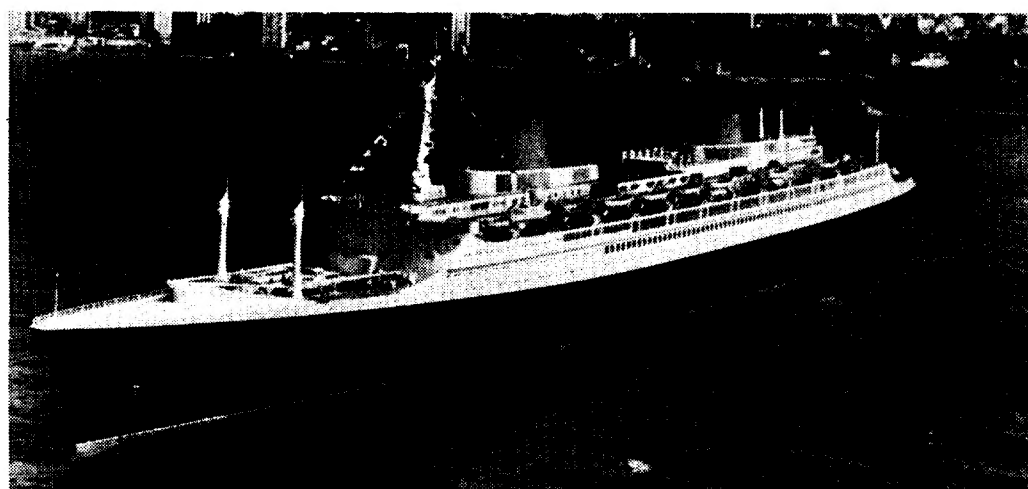
«Não sei contar. Acredita que estas coisas que se vivem como eu as vivi são muito difíceis de traduzir em palavras. Às vezes conto às pessoas: olha, fiz isto e fiz aquilo. E elas ficam espantadas. Então isso é que foi assim tão giro? Pois foi, mas só quem vive as coisas é que sabe, de facto, o que elas representam, ou podem representar.»

Carla, que vais tu sentir quando vires a Princesa deste ano ser coroada?

«Não sei. Sei, apenas, que não vou ficar triste. Seria perfeitamente ridículo pensar: pronto! Agora é que o título já não é meu! Não! Nada disso! Mas vou pensar que termina ali uma etapa da

minha vida. Já não vou poder estar mais no concurso das «teen-agers». Sabes, no fundo é um bocado o dizer adeus à «teen-ager» que fui, à «teen-ager» que já não volto a ser. Eu concorri há dois anos e no ano passado. Em três anos, este é o primeiro em que já não entro e é, ao mesmo tempo, o último em que ainda tenho qualquer coisa a fazer: a passagem do testemunho. De resto, crescemos, não é? Estamos sempre em mudança constante. E, se não fosse assim...»

Carla Moreira de Castro provou, mais uma vez, que o título de Princesa lhe assenta como uma luva. E até 2 de Junho, data em que se realiza em Tróia a final do concurso deste ano (que tem o apoio da Torralta) o título ainda é seu.



os serviços marítimos da sonap assistiram e abasteceram este famoso paquete durante a sua escala no porto de LISBOA

sonap

sonap

rumo ao mar

500 toneladas de marine fuel oil abastecidas em lisboa

FRANCE

o maior paquete do mundo um paquete que é uma civilização

para a perfeição do seu serviço procurou a perfeição do nosso serviço

«Nunca como agora a unidade foi tão insistentemente evocada; e apesar disso nem sempre se consegue discórdia-la com clareza no nevoeiro da ambiguidade com que muitos a rodeiam.» — acentuou o general António de Spínola, no discurso pronunciado no decorrer da primeira reunião da Assembleia Legislativa da Guiné, no qual procurou enquadrar o novo órgão político — a que chamou «verdadeiro embrião de parlamento regional» dentro do actual contexto nacional.

O governador e comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné afirmou, nomeadamente:

«Tenho para mim que, para além de tudo o mais, o conceito de unidade pressupõe um carácter dinâmico dirigido para um objectivo a alcançar ou a consolidar, o que de forma alguma comporta o mero estatismo de um facto estabelecido sem a permanente intervenção do Povo que o corporiza. Por outras palavras, entendo que se não garante a perenidade de uma nação no culto do seu passado. As nações são muito de história e cultura comuns; mas, nos dias de hoje, teremos de convencer-nos que, muito mais do que isso, elas terão de ser, essencialmente, movimento para destinos comuns. Pretender consolidar uma nação na unidade imanente de um esquema estrutural que não atente a pluralidade que a conforma é uma utopia impassível de se transformar em vivência real.

A esta luz, são os órgãos de participação dos cidadãos na vida das nações que lhes conferem a dinâmica que as afirma. Os países multirraciais pluriculturais e geograficamente descontínuos jamais se tornarão coesos apenas à custa da unificação do poder político; o movimento para o destino comum que os unificará de facto passa forçosamente pela via da mais ampla descentralização associada a uma participação cada vez mais solicitada, seja qual o estágio de desenvolvimento das parcelas a unificar.

Posto o problema nestes termos, parece-me bem perigosa a inversão a que tantas vezes assistimos da via que há-de conduzir ao triunfo da Causa Nacional. Muito se fala da Nação Portuguesa pluricontinental e plurirracional como verdade perfeita que à força de repetida se há-de impor; e todavia, creio bem que antes deveríamos falar dela como verdade apenas começada, que à luz de princípios por todos aceites se há-de, pouco a pouco, consolidar. Desta pernicioso confusão terenos de tomar profunda consciência, para que não tenhamos de nos interrogar sobre o futuro, pois jamais construiremos aquilo que tomarmos por acabado quando pouco mais está do que principiado. E neste quadro, a conclusão quanto às consequências pa-

Estar no mundo e acompanhá-lo nas suas mutações

-Afirmou o general Spínola

rece bem fácil de tirar. De facto, as nações carecem de permanência e de continuidade. Mas permanência e continuidade reclamam, acima de tudo, vida intensa e afirmativa; e viver é crescer, evoluir, acompanhar, perpetuar-se. Das civilizações que cristalizaram em culminâncias reais ou imaginadas e que por essa via se encerraram em si mesmas, pouco mais resta hoje do que velhas ruínas e pergaminhos queimados pelo tempo. Não nos importa que os bizantinos tivessem sido detentores dos mais altos expoentes cul-

turais, nem se era justa ou não a sua vocação civilizadora; o que sabemos é que o seu estatismo orgulhoso os fez desaparecer na torrente das hordas bárbaras acusadas de todos os vícios e olhadas com soberano desprezo. Permanência e continuidade sim; mas para tanto é preciso estar-se no mundo, e estar no mundo é acompanhá-lo nas suas mutações.

«PAÍS PLURINACIONAL»

E mais adiante, concretizando o melhor o seu pensamento,

o general Spínola disse:

«Poderá, de facto, alguém duvidar da impossibilidade de legislar uniformemente para a nossa pluralidade? Ou de que é na via regionalista aberta pelas recentes reformas que terá de encontrar-se a solução final para a fórmula política do «País plurinacional» que tão gritantemente somos?»

Estas interrogações que estão na mente de todos os portugueses que verdadeiramente vivem a Nação no seu todo, conduzem-nos a uma resposta; e essa é a de que estamos ainda no

limiar de um longo caminho a percorrer, a meio do qual se encontra o estágio da plena autonomia de «regiões-estados» com integral representação e participação no poder central, e em cujo termo se situa o Portugal do futuro. Não é caminho isento de dificuldades, e a extrema cautela dos diplomas publicados reflecte-as bem claramente; mas teremos de o prosseguir com coragem, aceitando-lhe os riscos e superando-os.

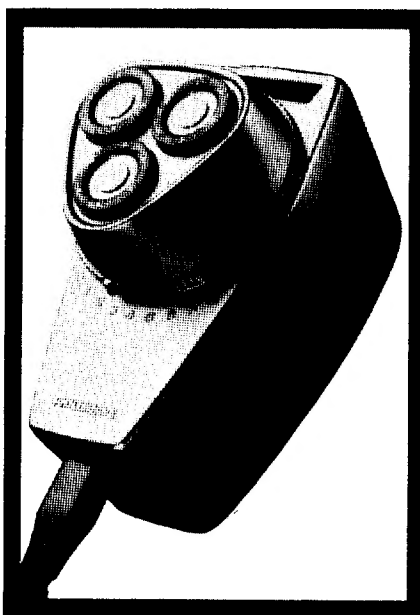
Discursou ainda o padre Cruz Amaral, vogal da assembleia e director do único jornal que

existe na Guiné, que fez uma análise crítica da experiência legislativa anterior e da que agora se inicia.

Agentes de viagem

PORTO, 21 — A convite da companhia inglesa «Arrowsmithholidays», deslocaram-se ao Norte 18 agentes de viagens britânicos, para tomarem contacto com a região Viana-Ofir e estudarem, com a indústria hoteleira local, as possibilidades de contratos turísticos.

ESPIRAL 20/73



faça a barba por medida com a nova philishave ajustável

Regulável em 9 posições diferentes, a nova Philishave Exclusive 90 Super adapta-se de modo pessoal e intransmissível à sua barba do momento.

À medida exacta do seu tipo de pele. À medida exacta da rizeja da sua barba. À medida exacta da frequência do seu barbear. 270 ranhuras (90 por cada super-cabeça flutuante) constituem uma prova renovada — e regulável — da evolução do sistema de acção rotativa Philishave.

Para um barbear perfeito, confortável e personalizado, prefira a nova Philishave Exclusive 90 Super, com cortapilhas e bigode.

philishave exclusive 90 super
Para homens exigentes — Exclusivamente.



Necrologia

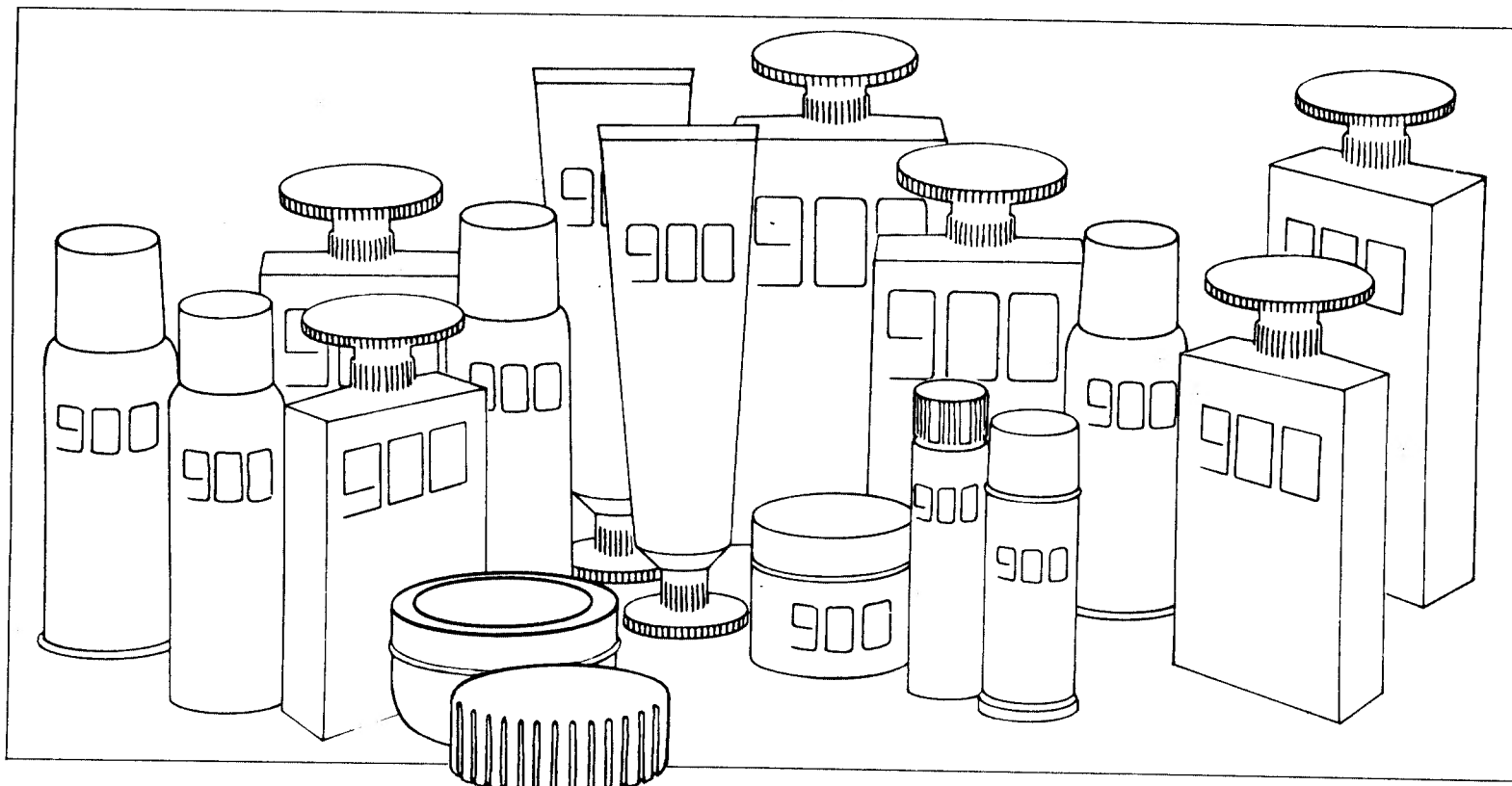
Juiz conselheiro António d'Abreu Mesquita

Após prolongado sofrimento faleceu na sua residência, na Rua Rodrigo da Fonseca, 87-1.º Esq.º, em Lisboa, o juiz conselheiro, dr. António d'Abreu Mesquita, de 83 anos, de idade, natural de Vila Cova de Alva.

Era casado com D. Manuela Bebiano Correia d'Abreu Mesquita e pai de D. Maria Luisa Bebiano Correia d'Abreu Mesquita Dantas de Azevedo Perdigão, D. Maria Fernandes Bebiano Correia de Abreu Mesquita Sacadura Bote Corte-Real e do dr. António Bebiano Correia d'Abreu Mesquita. O funeral realizou-se para o jazigo de família, em Vila Cova de Alva.

Amanhã pelas 19 e 15, na Igreja de S. Mamede, em Lisboa, em Vila Cova de Alva e em Vila Pouca da Beira serão celebradas missas do 7.º dia pela sua alma.

PHILIPS



**Há homens que querem melhorar o seu aspecto.
Outros querem continuar a ser como são.
Todos devem usar Aramis 900.**

Aramis 900.

Um novo Aramis. E um novo produto para a toilette masculina. Dezasseis descobertas técnicas dos mais famosos dermatólogos para o ajudar a chegar à perfeição da toilette masculina.

Baseado na teoria dermatológica de que o aspecto do rosto é directamente afectado pelo estado do couro cabeludo, Aramis 900 passou pelos mais severos testes clínicos para provar a sua eficácia. Conclusões? Aramis 900 resulta mesmo. Resulta porque não é de forma alguma mais um remédio para adolescentes ou panaceia comercial. Resulta porque provou que resulta.

Aramis 900 e a psicologia masculina.

O aspecto e actuação de um homem são directamente afectados pela maneira como este se sente. Lembre-se dos dias em que o seu cabelo não apresenta exactamente o aspecto ideal... ou em que fazer a barba pela manhã equivale a um raspar integral... ou quando a pele entra subitamente em erupção. Tudo isto são pequenos nada que acabam por dar cabo da boa disposição de um homem. E uma das razões porque se criou o Aramis 900.

Como actua o Aramis 900.

A toilette masculina pode ser considerada sob 4 facetas básicas: 1. O cabelo e couro cabeludo 2. O rosto 3. A barba 4. O corpo. Assim, os peritos em dermatologia começaram a trabalhar os problemas que conduzem o homem a aparentar (ou não) e sentir (ou não) ser o melhor do mundo.

☐ Problemas causados pela caspa, cabelo seco ou oleoso, cabelo acabado de lavar e impossível de dominar.

☐ Pele seca ou oleosa, pontos negros, rugas, cieiros ou pele farinhenta.

☐ Pele irritada pela lâmina, barba seca ou oleosa, impingens e arranhões.

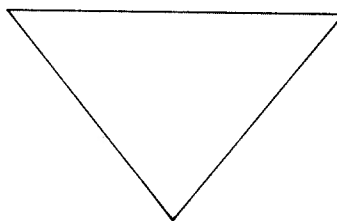
☐ Odor corporal e transpiração.

Cada um destes problemas encontra a sua solução através de fórmulas especiais, destinadas a conseguir para si não só o mais cuidado aspecto como a melhor das disposições.

O sistema programador do 900.

Respostas científicas requerem um tratamento científico. Por isso foi inventado o sistema programador do 900. É um computador muito simples de utilizar, que o ajuda a programar os produtos adequados às suas necessidades específicas. O seu único trabalho é receber um cartão com as respostas às suas perguntas.

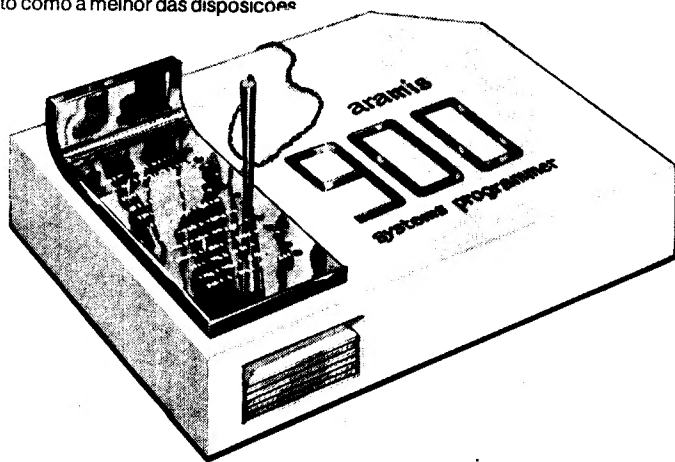
Assim, Você compra apenas os produtos Aramis 900 que lhe são aconselhados, e deixa os outros na loja.



A linha Aramis 900.

Aqui Você encontra a descrição de todos os produtos Aramis 900. Com a ajuda do sistema programador 900, do representante especialmente treinado, Você descobre qual das fórmulas Aramis 900 é a indicada para o seu óptimo aspecto e disposição.

1. Daily Shampoo I - especialmente formulado para cabelo normal e oleoso.
2. Daily Shampoo II - especialmente formulado para cabelo seco.
3. Weekly Scalp Scrub - para controle dos problemas da caspa.
4. Hair Conditioner - o domínio ideal para o cabelo solto e rebelde.
5. Hair Managing Spray - o spray que não cola, não perfuma nem laca o cabelo.
6. Deep Cleansing Face Bar - a limpeza da pele absolutamente essencial.
7. Granular Face Scrub - produto de limpeza com acção adstringente em profundidade.
8. Clarifying Face Formula - retira as células mortas superficiais e sujidade dos poros.
9. Clear Skin Pack - para a rápida resolução no aparecimento de borbulhas, impingens, etc.
10. Non-Greasy Face Lubricant - especial para manter o equilíbrio das áreas secas do rosto.
11. Absolute Comfort Shave Cream - para o barbear confortável da pele seca, sensível ou irritada.
12. Absolute Comfort Shave Foam - uma espuma rica que torna fácil a barba mais difícil.
13. Bracing After Shave - o tónico para depois de barbear com aroma naturalmente refrescante.
14. After Shave Soother - um autêntico bálsamo para depois de barbear a pele mais sensível.
15. All Over Daily Deodorant - um spray seco que combate o odor de todo o corpo.
16. Concentrated Extra Dry Deodorant - um anti-transpirante que resulta!



aramis
900

A autêntica revolução na toilette masculina feita pelos mais avançados dermatólogos

FARMÁCIA CORDEIRO
(SECÇÃO DE PERFUMARIA)

Rua Frederico Arouca, 14 - CASCAIS

Almada: as deficiências de uma cidade para breve

Almada vai ser cidade? Parece que sim e o respectivo processo já está a ser elaborado na competente secção do Ministério do Interior, para que a passagem se processe ainda antes do fim do corrente ano, no meio de festejos que não de custar algum dinheiro aos cofres da, então, cidade. Mas terá Almada as infra-estruturas necessárias para dar tão grande salto, assim de repente, mau grado o número de pessoas que a habitam? Que pensam disso as pessoas? Foi esse o motivo que nos levou a mais uma vez passar a ponte sobre o Tejo para falarmos com alguns almadenses.

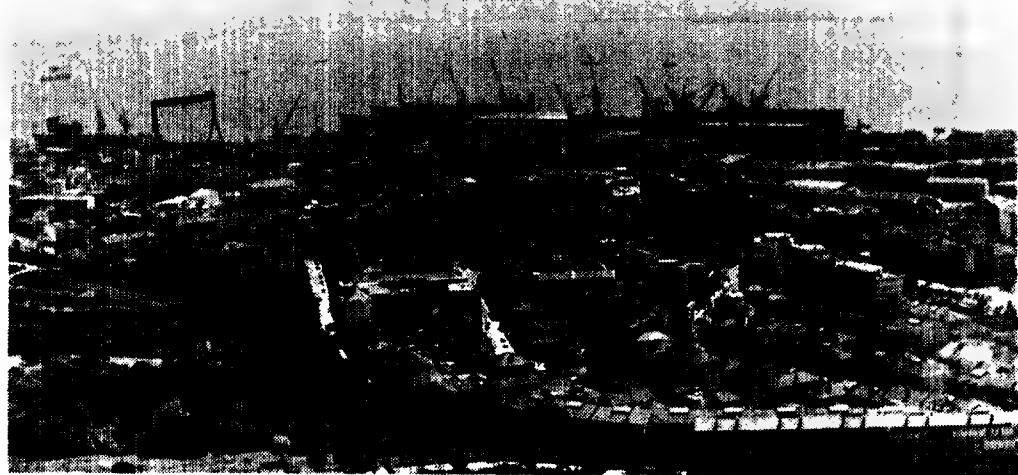
Junto do monumento do Cristo Rei, donde se avista de uma perspectiva única o que é hoje Almada e quais as possibilidades de se alargar, fomos encontrar um antigo jogador de futebol, Francisco Pires, que foi internacional pelo Belenenses. Mora em Almada e pensa que sim, que Almada

tem todo o direito a ser cidade «pela população e pelo desenvolvimento comercial e industrial».

— Neste momento temos raízes para progredir, mas é preciso que os patrões contribuam alguma coisa para a melhoria. O actual presidente da Câmara lá vai fazendo o que

pode... E a verdade é que, no meu modesto entender, estamos a avançar a passos largos na indústria. Mas temos de pensar que fazia aqui muita falta um hospital em condições que tornasse dispensáveis as viagens dos doentes para o Hospital de S. José. Acho, também, que devia haver mais ginásios e escolas coisas que são absolutamente indispensáveis nos tempos que corremos. De casas não nos podemos queixar: isto avança, há muitas, mas daqui a pouco não se podem alugar. Já para aí estão a três contos. E mais...

AS CASAS E O MAIS QUE SE VERÁ
O mesmo nos confirmaria



Almada é isto, hoje. Mas promete crescimento em muitos sentidos. Provavelmente, crescerá englobando a Cova da Piedade, o Laranjeiro e outros locais dos arredores...

Luís Francisco, contínuo, do Cristo Rei:

— Isto tem direito a ser cidade, nem que seja pelos preços das rendas das casas. Mas aí os arruamentos que mais parecem de uma aldeia. E a urbanização? Nem queira saber, ali no Laranjeiro estão a fazer prédios de dez andares ao lado de outros só com três. É como calha.

Tentativas feitas junto de comerciantes não resultaram no que respeita às suas ideias do que seria preciso desenvolver para que eles beneficiassem. De resto, um deles foi até bastante indelicado. No sector de transportes abordámos um homem que é motorista, há sete anos, de uma empresa de camionagem da zona. Sabe, portanto, perfeitamente, quais os principais obstáculos a uma boa circulação automóvel na Almada de hoje. Depois de concordar que a elevação de Al-

mada a cidade pode vir a trazer-lhe mais movimento, afirmou:

— Por exemplo, Lisboa tem mais movimento, há mais dificuldades. Aqui o que têm de fazer é mais estradas que passem por fora de Almada e já andam a fazer uma que vai directamente ao Centro-Sul. Mas nunca se sabe como vai isto ser...

E, a terminar, o testemunho do publicitário Carlos Alberto Correia, que para fugir de Lisboa fez de Almada o local de habitação:

— Isto não tem condições, têm que fazer muitas coisas: mais ruas e melhores liceus e escolas, têm de melhorar os transportes nos cacilheiros, não só no que respeita a conforto como a rapidez, têm de facilitar os acessos à ponte e baixar-lhe a portagem, porque assim só dá resultado a uma meia dúzia deles. Há por

aí tanta coisa a fazer. Oxalá não se esqueçam, para que de pois não andemos por aí todo a lastimar-nos... e a arranjar culpas...



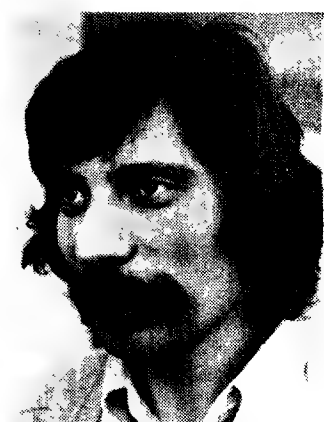
Francisco Pires: «Fazia aqui muita falta um Hospital»



Luís Francisco: «Tem direito a ser cidade, nem que seja pelos preços das rendas das casas...»



Um motorista: «Têm de fazer mais estradas»



Carlos Correia: Liceus, Escolas e cacilheiros

ORÇAMENTO SUPLEMENTAR DE LUANDA

Luanda (L) A edilidade de Luanda voltou a reunir, em sessão extraordinária, para apreciação do 3.º Orçamento Suplementar, para o ano económico de 1973, do Município, tendo sido fixada a receita de 48.078 contos e idêntico volume de despesas previstas.

Conforme acentuou o presidente da Câmara Municipal, dr. Sá Viana Rebello, a receita agora aprovada proveio do saldo obtido durante o passado ano económico, saldo esse que

se cifrara em 98.048 milhares de escudos, dos quais já tinham sido retirados 40.000 contos para o Orçamento deste ano. Deste modo, disse o presidente do Município, seria possível ter-se elevado o actual 3.º Orçamento suplementar em mais 10.000 contos, o que não se fizera apenas para ter a verba necessária ao já anunciado aumento de vencimentos dos funcionários da Câmara.

Entretanto, durante a sessão, os vereadores homenagearam o dr. Sá Viana Rebello pela passagem do seu 5.º aniversário, tendo um deles referido ainda a acção do homenageado aquando da sua passagem pelo Município de Nova Lisboa e pelo Governo de distrito de Benguela.

Quando os PÉS o atormentam



Eis o alívio rápido

Um bom banho leitoso e oxigenado com Saltratos Rodel acalma e alivia os pés doridos; a dor dos calos desaparece. Acabou-se a sensação incómoda de escaldão; o mau cheiro é suprimido. Para manter os pés em bom estado, não há melhor que os SALTRATOS Rodel (seis saboneteiras doseadas e maravilhosamente eficazes).

A venda em farmácias

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Olímpio P. Machado S. BRÁS DE ALPORTEL

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE

(PLANO DE OBRAS DE INFRA-ESTRUTURAS URBANÍSTICAS)

RUA REBELLO DA SILVA, 69 — FARO

AVISO

Avisam-se os interessados, que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada de «ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE FARO — REDE DE DISTRIBUIÇÃO», pelo prazo de 40 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo».

O depósito provisório é de Esc.: 762 141\$00.

As condições e mais elementos para esta empreitada encontram-se patentes no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, Rua Rebello da Silva, n.º 69, em Faro, e na Direcção dos Serviços de Saneamento da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos (Rua Conde de Redondo, 8 — Lisboa).

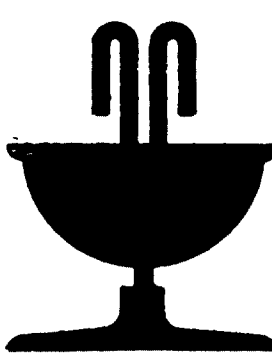
FARO E COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE, EM 17 DE MAIO DE 1973.

O PRESIDENTE,

a) José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo

O ADMINISTRADOR-DELEGADO,

a) João Luís Olias Maldonado



cuide de si enquanto goza as suas férias em CALDELAS

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE * CAMPO DE TÊNIS * CAPELA VELA E MOTONÁUTICA NAS BARRAGENS * PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS

PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

DL/GERAL

FESTA DOS FUNCIONÁRIOS DO B.N.U.

O Vice-Governador dr. Castro Fernandes presidiu à grandiosa jornada de confraternização e amizade

Cumprindo uma tradição de elevado cunho social, realizou-se a festa anual de confraternização dos funcionários do Banco Nacional Ultramarino.

Dos vários pontos que compunham o programa das comemorações, o primeiro foi a celebração de uma missa na Igreja de S. Nicolau, em Lisboa, mandada rezar pelas almas dos Administradores e empregados já falecidos.

Ao princípio da noite, realizou-se num salão do Casino Estoril, uma Sessão Solene, presidida pelo Dr. Castro Fernandes, Vice-Governador em exercício do B.N.U., que estava acompanhado por D. Luís Pereira Coutinho, Vice-Governador, pelo Comissário do Governo, Dr. Tarujo de Almeida e por membros dos Conselhos de Administração e Fiscal.

Durante essa Sessão — a que assistiu mais de um milhar de empregados — foram homenageados 91 funcionários do Banco, que completaram, respectivamente, 50, 40 e 25 anos de actividade.

Abriu a Sessão, D. Maria Lúcia da Silva Dias que, em nome da Comissão Organizadora, começou por saudar os presentes e apresentar a justificação da festa, afirmando:

— Quis este ano o Conselho Geral do Banco, dentro da linha que tem seguido de solucionar favoravelmente as pretensões que lhe parecem razoáveis e justas, permitir que o prelo fosse extensivo aos empregados que já excederam um quarto de século de serviço.

E depois de se referir à data e à ideia que presidiram a tal extensão, prosseguiu:

— É também mercê da resolução de 16 de Abril último, que aqui temos, hoje, confraternizando, os homenageados das Ilhas Adjacentes, Guiné, Cabo Verde e S. Tomé, e se elevou para o dobro o valor dos prémios pecuniários dos homenageados de 40 e de 50 anos de serviço.

Facto que merece também aqui ser evidenciado, foi a realização, pela 1.ª vez, em Lourenço Marques, da festa de homenagem aos funcionários da Costa Oriental em que, infelizmente, por falta de tempo, não foi possível ainda contar com a totalidade, mas apenas com a maioria dos colegas homenageados. A honrosa presença do Sr. Vice-Governador, Dr. Castro Fernandes, que a ela se dignou presidir, muito contribuiu para o relevo que os Órgãos de Informação não deixaram de assinalar.

Parece-nos justo salientar estas resoluções para que melhor se possa inferir da extensão e do apoio que, este ano, o Governo do Banco e a Exm.ª Administração prestaram à nossa Festa, contribuindo assim, para o seu maior brilho e significado, que ano após

ano, vêm aumentando.

Terminou, agradecendo, em nome dos empregados e da Comissão Organizadora, aquelas resoluções, a presença do Dr. Castro Fernandes e demais membros da Administração, e o apoio e colaboração que vários sectores do B.N.U. dispensaram à organização da festa.

A EXPRESSÃO DE UM SENTIMENTO

Em nome dos homenageados, falou, em seguida, Sebastião dos Santos Silva. Começando por justificar, em parte, o crescimento do Banco (nascido há 109 anos), pelo amor que os seus funcionários sempre lhe dedicaram, continuou:

— Pela primeira vez na história destas festas, são chamados os que atingiram os 25 anos. Até aqui beneficiavam delas, apenas, os que conseguiam sobreviver a um longuíssimo período de tempo. Antigamente, um funcionário podia ser admitido no Banco com 16 anos de idade e isso dava-lhe possibilidade de, aos 56, ser homenageado e voltar a sê-lo, pela segunda vez, ainda com 66 anos. A partir de certa altura, porém, a admissão passou a fazer-se após a maior idade. Tal exigência regulamentar tornou mais difícil a possibilidade de se atingir, em idade válida, o mínimo de tempo para a primeira homenagem ou seja a dos 40 anos. Ficava automaticamente eliminada a dos 50, pois, mesmo que vivo, o empregado já não estaria ao serviço do Banco. Assim, e para se permitir que fosse possível a todos beneficiar da sua Festa, alterou-se o anterior processo para os novos moldes que este ano se iniciam. Isto só foi possível com a magnanimidade incomparável, mais uma vez demonstrada pela nossa Exm.ª Administração.

Quando começámos a vir a estas confraternizações — falo, neste caso, em meu nome e no dos que, pela primeira vez, são hoje homenageados, eramos jovens funcionários que mal tinham acabado de entrar no Banco. Vinhamos envolver num abraço carinhoso aquelas que considerávamos a «VELHA GUARDA». Olhámos para eles com o respeito, com a admiração e com a ternura de que era credor quem tinha dedicado uma vida inteira ao Banco e tanto tinha contribuído para o seu engrandecimento.

E, mais adiante:

— Se glorificámos alegremente aqueles que tiveram a sorte de chegar até hoje, em presença viva, aqui estão para nos acompanharem, não podemos esquecer os queridos companheiros que por triste destino para sempre se foram! Por isso, daqui, o nosso pensamento, em prece se levanta, pedindo, para eles, descanso e paz eterna.

Quantas vezes servindo aqui, na Sede, ou nas velhas Dependências do nosso Banco espalhadas por aí, na Província, meditei como teria sido a vida dos homens que lá serviram. Quantos rostos aquelas velhas paredes olhavam. Quantas alegrias esses

meus homens aos seus companheiros transmitiram, fosse o momento da sua apresentação ao serviço, fosse o convite para o seu casamento, fosse o nascimento do seu primeiro filho, ou mais tarde, muito mais tarde, o nascimento do seu primeiro neto. E quantas dores ali se depositaram, tendo sempre o refrigério da palavra amiga do companheiro a quem o apolo moral se pedia.

Prosseguindo a sua evocação, lembrou depois, a figura do antigo Governador, Dr. Francisco Machado:

— A realização destas festas só tem sido possível com apoio das Administrações do nosso Banco que se dignaram sempre a elas associar-se.

Muitos anos tivemos a presença do grande Governador Vieira Machado, agora ausente para sempre, na Eternidade, mas presente no nosso espírito tal como o conhecemos, o admiramos e o respeitamos.

Realçando a boa amizade existente entre a Administração e todo o pessoal, o orador finalizou as suas palavras dizendo:

— Tivemos durante muitos anos o grato prazer da presença de V. Ex.ª Senhor Doutor Castro Fernandes. Já seria alta compensação para nós se a presença de V. Ex.ª tivesse sido apenas um prazer, mas, muito mais do que isso, a sua fulgurante inteligência nos deu. Não podemos esquecer que muitas realizações sociais ficam os empregados do Banco Nacional Ultramarino a dever a V. Ex.ª. Sabemos que foi V. Ex.ª quem há muitos anos desejou que as relações entre a Instituição e os seus empregados se humanizassem mais. Vimo-lo sempre de coração aberto aos justos anseios, considerando o Homem como o elemento mais valioso.

Serviu V. Ex.ª em altos cargos o nosso País e, até nisso, prestou valioso serviço ao Banco, pois não era possível dissociar o nome de V. Ex.ª do da Instituição que tanto amou. Uma palavra muito especial

que a natureza e a educação o dotaram. Em todos os seus servidores criou amigos. Em todos, admiradores das suas excelentes qualidades humanas, de bondade, compreensão e amor à Casa de que é um dos mais

endossamos a homenagem que nos fazem, pois apenas a consideramos simbolicamente a nós dirigida, já que digna dela é o mais humilde ou o mais elevado servidor desta Casa. Bem Hajam por tudo.



O dr. Castro Fernandes, Vice-Governador em exercício do B.N.U., cumprimentando um dos homenageados que completaram 50 anos de serviços.

para o nosso Ilustre Vice-Governador Exm.ª Senhor D. Luís Pereira Coutinho:

Há muitos anos que temos tido a felicidade de presença de V. Ex.ª. É um prazer vê-lo aqui! Conseguiu V. Ex.ª conquistar todos que o conheceram. Conquistá-los não pela alta função que exerce, mas pelos extraordinários dotes com

altos expoentes e que com ela tão perfeitamente se identifica.

Tenha V. Ex.ª, Senhor D. Luís, longos anos de vida para a felicidade dos seus e alegria nossa.

Aqueles que não vieram, já porque muito longe vivem ou por a própria orgânica do Banco não o permitir, aqui presentes os consideramos e a todos

MENSAGEM DO PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

Por motivo de doença, não pôde estar presente na Sessão solene, o Presidente do Conselho Fiscal do B.N.U. Todavia, apesar dessa circunstância, Artur dos Santos Serra não quis deixar de participar na grande festa do pessoal daquele Banco, tendo enviado, à Comissão Organizadora, uma mensagem que foi lida publicamente e, em cujo teor, era principalmente salientado:

«Ano após ano, no reatar de uma tradição que permanece bem viva e eminentemente grata a todos nós, congregam-se os colaboradores deste Banco para, num ambiente de sã convivência e franca camaradagem, homenagear aqueles que, durante uma vida de trabalho digno, deram o melhor das suas capacidades profissionais, dos seus dotes de inteligência e de energia criadora, ao desempenho das suas funções, contribuindo, assim, para a projecção e a grandeza de que esta Instituição desfruta.

A consolidação e o constante desenvolvimento desta Empresa, de que todos nos orgulhamos, tem assentado, sobretudo, no clima de entendimento e de recíproco respeito entre os que se encontram ao seu serviço e que permite que os objectivos visados pela sua Administração, tão esclarecida como criteriosa, sejam coroados do melhor êxito. Todas as grandes obras — ninguém o desconhece — são resultado de uma actividade perseverante, da aptidão para encontrar a solução mais adequada aos problemas que se põem, da clarividência na previsão do fu-

Quem são os homenageados

Os funcionários homenageados pelo B.N.U., foram os seguintes:

50 ANOS — Francisco Augusto Marques dos Santos, Manuel Augusto Tavares Abreu, Rufino Sena, Edgar Rocha Aguiar, Carlos Pais Marques da Silva e Joaquim Santana Afonso.

40 ANOS — Inácio de Sousa Ribeiro, Clotilde dos Santos e Domingos Afonso de Ceita Costa.

25 ANOS — Maria dos Prazeres Canhoto, Guilherme Maria Nunes Calado, José Fernando Cardoso da Costa, Eurico Rafael Correia O. Neves Ribas, Carlos Alberto Correia O. Neves Ribas, David Pires Moreno, Xavier Pinto Nunes, Sebastião dos Santos, Fernando Alexandre Ferreira Pontes, Rui Valentim Pessoa Chaves Ortega, António Xavier Alves, Paulo da Silva Claro, João Inácio Calvino, António Colação, António Leopoldo Sampaio R. Guimarães, Guilherme de Sousa Barracha, Manuel da Silva Mesquita Júnior, José

Patrício Cristóvão S. Cunha, António Joaquim Ferreira, Jerónimo Amílcar Pinheiro Lopes, António Maria Canellas Mendonça, Reginaldo dos Remédios, Carlos Alberto Perdigo Ferreira, Joaquim Marques da Cruz, António Sales Madeira, Virgílio Oliveira Silva Bernardes, Florêncio José da Luz, Gustavo José Sales da Silva, José Augusto Costa, José Sampaio de Castro C. Vaz Ferreira, Maria Rosa dos Santos, José Pinto Varela, António de Jesus, José Arsenio Brito Pereira, Manuel de Jesus C. Espírito Santo, Luís Augusto Teixeira G. F. Silva, Lúcio Manuel Trindade Malaca, Armando Vidigal Castanheira, Luís Joaquim Martins, Alberto de Almeida Coelho, Carlos Eugénio Vasconcelos Ribeiro, Carlos Agostinho Mendes Gonçalves, Henrique Octávio H. C. S. O. Bruges, Celeste Rosa da Cruz Vieira, Armando de Oliveira Borrego da Silva, Francisco José Bau, João Daniel Gomes Abol, João Francisco Baptista, Álvaro da Cunha Montelero, Rui Antunes Vera-Cruz e Fernando da Silva Freitas.

Saralva, Salvador Saigueiro, Raul Augusto Rodrigues, Tomé Ferreira Cardoso, Maximino Abranches M. Sena Neves, Amílcar Baltasar dos Santos Alves, Francisco Santana Aizarte, José António Sales Madeira, Virgílio Oliveira Silva Bernardes, Florêncio José da Luz, Gustavo José Sales da Silva, José Augusto Costa, José Sampaio de Castro C. Vaz Ferreira, Maria Rosa dos Santos, José Pinto Varela, António de Jesus, José Arsenio Brito Pereira, Manuel de Jesus C. Espírito Santo, Luís Augusto Teixeira G. F. Silva, Lúcio Manuel Trindade Malaca, Armando Vidigal Castanheira, Luís Joaquim Martins, Alberto de Almeida Coelho, Carlos Eugénio Vasconcelos Ribeiro, Carlos Agostinho Mendes Gonçalves, Henrique Octávio H. C. S. O. Bruges, Celeste Rosa da Cruz Vieira, Armando de Oliveira Borrego da Silva, Francisco José Bau, João Daniel Gomes Abol, João Francisco Baptista, Álvaro da Cunha Montelero, Rui Antunes Vera-Cruz e Fernando da Silva Freitas.

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Paga-se muito bem.

GRANDE OURIVENSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Francisco do Casal-Ribeiro alvo de significativa homenagem por parte dos colaboradores da Cidla, Siol e Eival



Num jantar organizado na Feira das Indústrias, que reuniu cerca de 700 funcionários da Cidla e suas associadas Eival e Siol, foi prestado expressivo agradecimento a Francisco do Casal-Ribeiro.

Encontravam-se presentes, sem qualquer discriminação hierárquica, desde o mais modesto funcionário a membros da Direcção e Administração,

num ambiente de franca camaradagem e cordialidade.

Aos brindes usaram da palavra dois dos mais antigos colaboradores da Empresa, os senhores Daniel Bastos e Prof. Dr. Henrique Martins de Carvalho, tendo ambos referido a personalidade do homenageado, em termos muito calorosos.

Praticamente todos os restantes colaboradores da Cidla Siol e Eival aderiram ao singelo acto, posto que foram rece-

bidos inúmeros telegramas enviados de várias localidades do País.

Quase no final do jantar foi oferecida a Casal-Ribeiro, pelo seu mais antigo colaborador, uma simbólica lembrança, tendo o homenageado agradecido, em termos muito sensibilizados, expressando a certeza de continuar a contar, com a colaboração de todos, na continuação da obra que todos têm vindo a construir.

Inaugurada a igreja do Bairro da Picheleira

Foi ontem inaugurada a igreja de Santa Teresa do Menino Jesus, no Bairro da Picheleira, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro. O projecto é do arquitecto Resano Garcia.

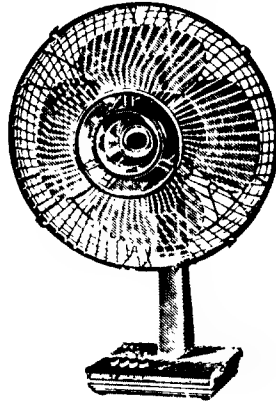
A inauguração, estiveram presentes, alé do Cardeal-Patriarca, que procederia à benção do novo templo, o vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng. Brásão Ferreira, que representava o coronel Silva Sebastião, o presidente da Junta de Freguesia do Beato e o pároco da nova comunidade, rev. Albino Cândido Lopes. D. António Ribeiro aludiu então ao significado da inauguração, salientando que esta igreja era, desde há muito, uma digna e louvável pretensão dos fiéis do bairro da Picheleira.

Aeródromo de Alter do Chão

Foram já balizados os terrenos onde será instalado o aeródromo desta vila, obra que virá certamente contribuir para o desenvolvimento local. O futuro campo de aterragem será denominado «Aeródromo Pina», em reconhecimento do contributo do benemérito lavrador Francisco Manuel Pina, que acedeu gratuitamente à Direcção-Geral de Aeronáutica Civil, o terreno necessário para o empreendimento

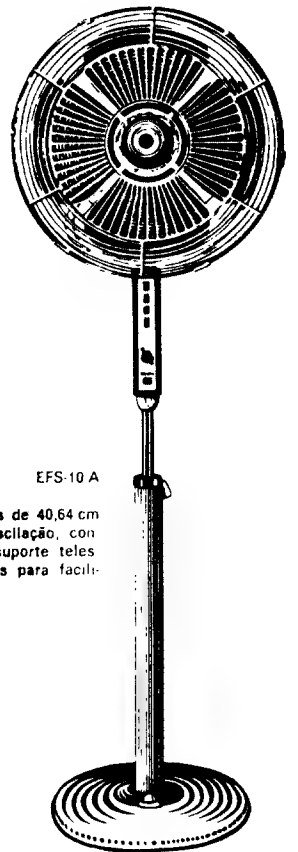
VENTOINHAS *Toshiba* TOSHIBA VALE POR 4

Ventoinhas de tecto,
de secretária, de chão
e de automóvel
UMA LINHA COMPLETA



ES-47 C

Ventoinha de mesa, 4 pás de 40,64 cm. de estilo elegante. Um trabalhar fácil e silencioso. 4 Teclas de controlo e pás desmontáveis. Pode também ser utilizada como ventoinha de parede.



EFS-10 A

4 botões de controlo e 4 pás de 40,64 cm desmontáveis, e de dupla oscilação, controlo de oscilação frontal, suporte telescópico. Montada sobre rodas para facilidade de deslocação

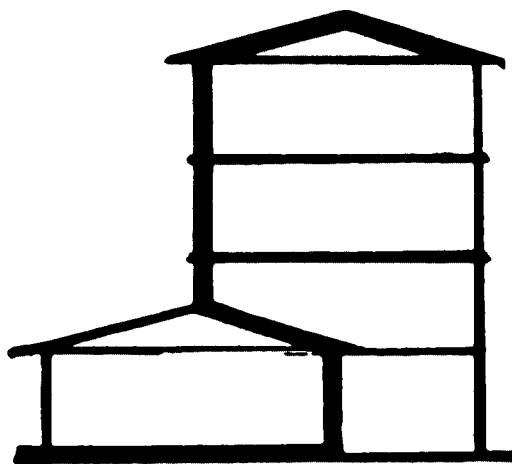
© *Ambiente* TOSHIBA

Toshiba
QUALIDADE DESDE 1875

VENTOINHAS

A venda em todos os
bons estabelecimentos
e nos Agentes Toshiba

COMUNICADO



SOCASPRÉ

tem o grato prazer de anunciar que projectou e construiu em cerca de 260 dias todo o conjunto que constitui o CENTRO PAROQUIAL DO ESPÍRITO SANTO — IGREJA DE SANTA TERESINHA, no Bairro da Picheleira em Lisboa.

SOCASPRÉ, S. A. R. L. — Sede e Gabinete de Estudos

RUA LUCIANO CORDEIRO, N.º 18, 4.º, em Lisboa

Delegação — RUA FORMOSA, N.º 82, 2.º, no Porto

FABRICAS — Póvoa de Santo Adrião — Folgosa-Maia — Casal Sarago — CARREGADO

e também em LUANDA e RIO de JANEIRO

DL/ESTRANGEIRO



Continuação da pag. 5

Fernandes de Oliveira mas que te chamam o Padre Zézinho. Tu me disseste a teu respeito coisas para eu saber: que escreveste 16 livros, que gravaste 27 discos, que tens programas na rádio brasileira com dois milhões de ouvintes. Para além disto, dedicaste-te à juventude, etc., etc., etc.

Tudo isto disseste, padre, no Domingo à noite. Tudo isto disseste, e muito mais. No entanto, depois de falares tanto, fiquei sem te conhecer. «Este homem quem é?» perguntei-me. E não me soube responder-me.

Raramente um homem é aquilo que os outros dizem dele. Mais raramente é aquilo que ele diz de si próprio. Disseste que trabalhas com a juventude, mas faltou dizeres que género de trabalho. Se alguém me disser: «Trabalho ao torno» então eu já sei que o tal faz parafusos. Se outro alguém vier dizer-me: «Trabalho no pomar», então aí eu ficarei sabendo que ajuda a vir pêssego ou maçã reineta. Tu que fazes, porém, à tua juventude? À tal juventude de que tratas? Isso não disseste.

Escuta aqui: eu não quero machucar-te não. Sei que não seria o primeiro, tu próprio o contaste em «Domingo à Noite». Ninguém gosta de ser machucado, padre. Mas tu levaste uma grande vantagem: tu, se alguém te machuca, corres logo a fazer queixa ao Pai:

*Pra não ferir ninguém
eu vim te procurar
Alguém me machucou
e eu não pude nem chorar.
Escuta, meu Senhor,
escuta a minha história.*

Tu, padre, se alguém te machuca, podes sofrer mas logo te recompões porque o teu padrão de grandeza te reconduz ao enfiamento do sacrifício:

*Eu venho aqui pedir perdão,
se por acaso mereci
sofrer tamanha ingratidão
quando eu busquei sempre ajudar.*

*Mas quem não entendeu fui eu
e se esqueceu quem foi Jesus
que fez um bem maior que o meu
e mesmo assim morreu na cruz.*

Logo, machucaram-te. Por que te machucaram, padre? Isso tu esqueceste de dizer. E nem isso fizeste a saber de ti. Fosse eu fazer queixinhas de quanto me machucam e não fazia Jesus outra coisa se não ouvir-me. Se é que se dignava ouvir-me, está claro.

Confesso: Tenho alguma dificuldade em compreender as pessoas que amam todas as pessoas, que não querem agredir para nada nem ninguém, pessoas cuja mensagem é o Amor. E muito fácil dizer que se ama tudo. Fácil e cómodo. Já é terrivelmente difícil, às vezes, dizer o que se ama. Tu, por exemplo, podes dizer que amas todo o mundo; eu já teria dificuldade em exprimir o mundo que eu amo.

Teu Amor em caixa alta é assim tão universal, padre? Daí-cham o teu Amor? o teu cançonetismo, padre, também cabe no teu amor o mau cançonetismo?

Pois no meu amor não sabe nada disto, nem sequer o mau cançonetismo, que parece coisa pouca ao compará-lo com o resto.

No meu amor não cabe o

teu cançonetismo, padre. Não cabe em primeiro lugar porque é um cançonetismo medíocre na expressão musical, onde nunca ultrapassa o solidó, e na interpretação, que é a vulgaridade em pessoa. Não te quero machucar, quero apenas criticar-te. O facto de seres padre não dá nenhum alibi, como o não dá quem é doutor, ou engenheiro, ou marceneiro. Tu, se quiseres, podes ir fazer queixa de mim a Jesus: daqui não arredo. As tuas músicas são medíocres, a tua interpretação não é arte. Não és um cançonetista padre; és um padre cançonetista. Em arte, não pode haver milagre. Tem de ser tudo nosso, lá das funduras. E tu andas pela superfície das coisas.

O maior perigo das tuas banalidades musicais consiste em poder levar as pessoas a pensar que devem aceitá-las pelo facto de falares em coisas graves. Algumas pessoas simples, que adoram Deus e praticam esse amor na pessoa de Seu Filho, podem julgar-se na obrigação de gostar de tuas canções só porque nelas se fala de Jesus e de Deus. Ora isto, padre, parece-me um abuso de confiança. Faz-me lembrar aqueles poetas que, lá por falarem em seus versos, de Liberdade, de Esperança, de Futuro, pensam que só por isso, estão em arte. Alguns até chegam a receber prémios — e por unanimidade! Quando não passam, quantas vezes, de versejadores medíocres.

E se tens dúvida, padre Zézinho, faz uma experiência. Muda as palavras, ou omite-as. Toca a melodia no piano — e verás o que fica. E se em vez de pedires ao público que cante contigo: a

*Estou pensando em Deus
Estou pensando no Amor
pede-lhe que cante:*

*Estou pensando na Galáxia
Estou pensando no Cosmos...*

Verás que consegues eco, padre. Isto quer dizer que te diriges a uma determinada clientela presa a determinadas palavras, não a pessoas que amam a música.

Nada fiquei, portanto, a saber de ti, padre Zézinho. Nem como padre, nem como homem. Como cançonetista, revelaste-te um equívoco.

Perdoa se te machuquei. Se quiseres, podes fazer queixa de mim a Jesus. Mais uma, menos uma.



JUIZ CONSELHEIRO DR. ANTÔNIO D'ABREU MESQUITA

CONFORTADO COM TODOS OS
SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA
FALECEU
PARTICIPAÇÃO E MISSA
DO 7.º DIA

Manuela Bebiano Correia d'Abreu Mesquita, Maria Luiza Bebiano Correia d'Abreu Mesquita Dantas de Azevedo Perdigão e filhos Pedro Manuel, Ana Filipa e José Nuno, Maria Fernanda Bebiano Correia d'Abreu Mesquita de Sacadura Botte Corte-Real e seu marido, João de Sacadura Botte Corte-Real e filhos Maria Manuela e João, e António Bebiano Correia d'Abreu Mesquita e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente, ocorrido no passado dia 16 de Maio e que amanhã, terça-feira, dia 22, pelas 19.15 horas, na Igreja de S. Mamede será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Restrições aos automóveis discutidas em Congresso

RIO DE JANEIRO, 21 (R) — Restrições mais duras quanto a veículos particulares, classificados como uma espécie de parasitas urbanos, emergiam hoje como a questão mais controversa que um congresso internacional estudando problemas de meio-ambiente mundial e de comércio, enfrenta.

Contudo, tal questão estava destinada a provocar divisão considerável de opiniões entre os 1300 delegados ao vigésimo quarto Congresso da Câmara Internacional de Comércio acerca do papel do veículo a motor no desenvolvimento urbano.

O Congresso, que se realiza de dois em dois anos, reuniu delegados de 50 países, que efectuarão discussões em 15 sessões de comissões e três de assembleias gerais durante os próximos cinco dias sobre uma série de tópicos sobre

meio-ambiente, investimentos, desenvolvimento urbano, transportes marítimos e uma nova estrutura para comércio e pagamentos internacionais.

Mesmo antes de começarem hoje as discussões, havia já grande divisão de opiniões entre os delegados acerca de um controverso relatório de Harold Dunkerley, conselheiro do Banco Mundial, sobre o desafio que o desenvolvimento urbano representava para Governos e empresas privadas.

O documento, que critica Governos por ignorarem problemas associados com o desenvolvimento urbanístico, afirma, também, que soluções de alto preço estão frequentemente a ser propostas por razões de «encanto político», antes de melhoramentos menos prosaicos e a preço mais baixo serem estudados seriamente ou concretizados.

Defendendo energicamente a imposição de restrições (recomendas a carros particulares nas áreas urbanas, o relatório sublinha que, em cada extensão de 16 quilómetros na hora de ponta do trânsito, um só carro particular gasta 2,50 dólares (cerca de 63 escudos) por dia do custo das auto-estradas urbanas, fazendo uma despesa semelhante por estacionar em ruas congestionadas.

O documento prosseguia: «O uso de automóveis particulares nas cidades, especialmente nas horas de ponta, deveria ser onerado com impostos muitíssimo mais elevados do que agora, simplesmente para equilibrar as despesas totais feitas. A grande contribuição do uso de automóveis particulares nas cidades elimina severamente os recursos públicos até um ponto que é

difícil encontrar qualquer desculpa racional com fundamentos sociais ou económicos».

O relatório Dunkerley avisava que o tremendo aumento prematuro do uso do automóvel urbano poderia retardar seriamente o progresso económico e social nos países em desenvolvimento visto utilizarem-se fundos urgentemente necessários para outros investimentos em dispendiosas auto-estradas e na construção de estradas.

Sugeria maiores impostos sobre automóveis particulares, restrições mais duras quanto a estacionamento, licenças urbanas especiais, comando electrónico do trânsito e taxas pela utilização de ruas em áreas centrais, assim como a completa proibição do uso de carros particulares em «zonas proibidas».

"Guerra do bacalhau"



Ao lado da bandeira inglesa, «Union Jack», um dos pesqueiros que se encontra dentro do limite das cinquenta milhas das águas islandesas, arvorou a bandeira pirata. Entretanto, a Islândia decidiu proibir os aviões militares de aterrarem no seu aeroporto. Esta medida, decretada pelo Governo islandês, responde ao envio por parte da Inglaterra de três navios da Royal Navy, para apoiar os pesqueiros na «guerra do bacalhau». (Telefoto UPI/Teleprensa/DL)

ENCONTRO BRANDT-BREJNEV:

Continua em aberto o problema de Berlim?

BONN, 21 — (R) — O chanceler Willy Brandt e Leonid Brejnev após findarem a noite passada oito horas de conversações cimeiras, tinham marcada para hoje uma última conferência, antes do chefe do Partido Comunista Soviético terminar a primeira visita amigável já feita por um dirigente do Kremlin à República Federal Alemã.

Um comunicado oficial sobre a visita de cinco dias, destinada a acabar com velhas inimizades e a inaugurar uma nova era de boas relações, baseada em cooperação económica, deve ser difundido antes de a numerosa delegação soviética regressar de avião a Moscovo amanhã de manhã.

O chefe do Partido Comunista, que não abandonou a área de Bonn desde a sua chegada na sexta-feira passada, deveria receber dirigentes sindicais no hotel Petersberg, onde está instalado, antes de seguir de automóvel para o Schloss (Castelo) de Homburg, a 50 quilómetros de Bonn, como

convidado de honra num almoço oferecido pelo primeiro ministro do Estado do Norte do Reno-Westfalia, Heinz Kuenh.

Segundo comunicações oficiais, Brandt e o dirigente do Kremlin discutiram já a maioria dos temas previstos — relações bilaterais, Berlim, questões europeias e o Médio Oriente.

Uma questão difícil — a futura atitude de Moscovo quanto a Berlim — parecia estar ainda em aberto. Categorizados conselheiros soviéticos e alemães ocidentais efectuaram ontem conversações especiais, detalhadas sobre o assunto e apresentaram, depois, relatórios aos dois políticos.

A escassa informação oficial até à data sobre esta cimeira histórica não esclareceu até que ponto os dois antigos antagonistas da «guerra fria» se aproximaram do seu objectivo fundamental de inaugurarem uma nova era de amizade, baseada em mútua cooperação económica.

CALEIDOSCÓPIO

REFORMA DO SISTEMA MONETÁRIO — Mais de 160 peritos financeiros representando os países membros do Fundo Monetário Internacional ini-

ciam hoje em Washington uma semana de reuniões e debates destinados à elaboração de um plano preliminar de reforma do sistema monetário mundial. Os peritos formam a chamada «Comissão dos Vinte», cuja tarefa é a de estudar os pormenores técnicos de um novo sistema monetário internacional dotado de maior flexibilidade em períodos de crise através de uma maior independência em relação ao dólar e ao ouro e maior capacidade de adaptação das paridades entre as várias moedas. (R).



Argentina Mendes Simões Pereira

MISSA DO 4.º ANIVERSÁRIO

Seu marido, filhos e mais família mandam celebrar missa pelo seu eterno descanso amanhã, dia 22 pelas 11,30 h. na Igreja São João de Deus e agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Febre do ouro

LONDRES, 21 — (F.P.) A febre do ouro recomencei esta manhã, logo que abriu o mercado londrino. A cotação subiu 5,5 dólares, atingindo 111 dólares, isto é, quase o nível recorde do início da semana passada. Regista-se novamente grande procura.

DL/ESTRANGEIRO

Skylab: cada dia de atraso custa à Nasa 25 mil contos



Amanda Joves, de 22 anos, «Miss Illinois», acaba de ser eleita a mais belas dos Estados Unidos: com a coroa da «vitória» sorri confiante quanto ao lugar que poderá obter, em Atenas, no próximo mês de Julho, ao representar o seu país no concurso de «Miss Universo» (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

CABO KENNEDY, 21 (R.) Poderá ser ordenado outro adiamento do lançamento de uma nave tripulada para salvar a estação espacial americana, agora transformada num forno, em órbita, em consequência do frenético em técnicas de reparação poder ser uma sobrecarga excessiva para os astronautas da Skylab.

Os astronautas deviam partir, conforme o que ficara programado na terça-feira passada. Contudo, quando o «laboratório do espaço» foi afectado pelo sol escaldante, após perder o seu vital escudo de protecção térmica, o lançamento foi adiado primeiro para a última sexta-feira depois, para ontem, e agora para a próxima sexta-feira, embora cada dia de demora custe à agência do espaço um milhão de dólares (cerca de 25.000 contos).

Certos círculos deste centro julgam que outro adiamento poderá ser anunciado devido ao ritmo de treino sobre como reviver a Skylab superaquecida ter sido tão intenso que os

astronautas Charles Conrad, Paul Weitz e dr. Joseph Kerwin não estarão nas melhores condições físicas para o lançamento de sexta-feira.

A nota mais brilhante de momento é que funcionários da agência do espaço pensam que uma cobertura para proteger a Skylab dos efeitos do sol podia ser colocada através de uma janela da estação científica em vez de numa posição no exterior da nave.

Esticar a cobertura através da janela podia poupar aos astronautas um difícil passeio no espaço para o qual seria necessário mais treino.

Dois funcionários da agência do espaço afirmaram ontem que a segunda escolha, de momento, era a dos astronautas abandonarem a Skylab, entregando os seus fatos espaciais, para colocar outra cobertura. A terceira era a de prepararem-se para actividade extra-veicular (EV) saída da nave apolo para colocarem uma cobertura do tipo de vela de barco.

Em qualquer caso, os astronautas terão primeiro de descrever um círculo em volta da estação espacial para avaliar a situação. O comandante Conrad decidirá se é possível tentar prender um dos painéis solares soltos. Um deles parece ter ficado inteiro, mas o outro foi provavelmente arrancado parcialmente.

Os astronautas farão, depois, a junção e entrarão na

cabina principal da Skylab, assim como na mais pequena, onde estão os instrumentos científicos, para verificarem as condições a bordo. Crê-se que gases tóxicos entraram na nave através de uma brecha. A temperatura na estação espacial aumentou, também, embora se mantenha agora a cerca de 39 graus centígrados.

Os três astronautas seguirão hoje de avião para Huntsville, Alabama, a fim de passarem o dia de amanhã em treinos

debaixo de água. No centro de voos espaciais de Marshall existe uma réplica completa da Skylab submersa devido a nadar ser o exercício mais parecido com condições de imponderabilidade que pode ser feito em terra.

A tripulação devia partir um dia antes para Huntsville, mas Conrad, um capitão de mar e guerra, foi de opinião que um dia, em vez de dois, seria suficiente para o treino debaixo de água.

PAZ NO MÉDIO ORIENTE

Diligências da ONU num beco sem saída

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque); 21 (R.) — As diligências da ONU para obter a paz no Médio Oriente encontram-se num beco sem saída, segundo o secretário geral, Kurt Waldheim no seu relatório preparado para o Conselho de Segurança.

Salientando que o conselho de segurança era o único local onde árabes e israelitas se tinham reunido até agora, Waldheim sugere que esse facto seja convenientemente aproveitado para diligências construtivas a favor da paz.

Este relatório do secretário geral será um documento básico de debate quando o Conselho de Segurança, a pedido do Egipto, se reunir no próximo dia 4 de Junho para passar em revista toda a situação do Médio Oriente.

O Egipto estará representado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros Estrangeiros, El Zayyat, que abre o debate, mas fontes bem informadas dizem que o ministro israelita Abba Eban não deverá comparecer por considerar que a posição do Conselho de Segurança tem sido ultimamente unilateral e favorável aos árabes.

O relatório Waldheim só de-

verá ser oficialmente publicado hoje, mas um exemplar chegou ontem à noite às mãos dos jornalistas acreditados na ONU.

Waldheim não especifica como devem as duas partes utilizar as possibilidades do conselho de segurança para tentarem chegar a uma solução pacífica do conflito, mas reconhece que as suas posições divergentes tornam impossível ao enviado especial da ONU, Gunnar Jarring, prosseguir com a sua missão.

A missão de paz de Jarring foi autorizada pelo Conselho de Segurança em Novembro de 1967 através de uma moção em que se convida Israel a retirar as suas tropas dos territórios árabes ocupados durante a guerra dos seis dias.

Dirigindo um apelo às duas partes para que façam uma nova tentativa de sair do impasse, o secretário geral diz que «à luz da razão e do próprio interesse mútuo, o acordo de paz já devia ter sido obtido há muito tempo».

«As tensões e conflitos do Médio Oriente são um fardo pesado não só para os países da região mas também para toda a comunidade internacional» afirma Waldheim.

RIVALIDADE E.U.A.-EUROPA QUANTO AO PETRÓLEO

BRUXELAS, 21 (Por Richard C. Longworth, da UPI/ANI) — Quando a crise dos combustíveis chegar, é bem possível que a Europa e os Estados Unidos acabem batalhando pela posse do mesmo petróleo.

Perante semelhante perspectiva, os aliados ocidentais sondam-se mutuamente, por sobre o Atlântico, procurando a possibilidade de cooperarem nas soluções para atenuar a crise — ou mesmo para a liquidação.

Como a situação se apresenta agora, porém, os especialistas estão convencidos de que essa cooperação em potência tem poucas probabilidades de perdurar e que não seria de admirar se tudo acabasse por se orientar para uma competição renhida pelos reduzidos abastecimentos de petróleo.

«Há necessidade urgente de que os Governos dos países de consumo adoptem uma política de energia coerente, equilibrada e coordenada», declarou há dias «sir» Erik Drake, director de uma companhia inglesa de petróleos, ao comentar a situação presente e aquela que se avizinha.

Por seu turno, J. L. Levy, consultor técnico de petróleos de Nova Iorque, considera indispensável que os países ocidentais e o Japão formem um bloco «activo, duro e coordenado», capaz de firmeza nas negociações com os países produtores de petróleo, cuja reunião em cartel parece iminente.

Começam a aparecer, dos dois lados do Atlântico, indícios de que se compreende a necessidade de um entendimento, mas não se divisam, por enquanto, medidas concretas nesse sentido.

A mensagem recente do presidente Nixon ao Congresso sobre o caso da energia concentrou-se sobre os problemas do mercado interno. No campo internacional, limitou-se a repetir anteriores sugestões dos Estados Unidos sobre pesquisas petrolíferas e a referir-se

a um vago «macanismo» que importa poder pôr em movimento em momentos de carência.

Justamente por isso é que os peritos petrolíferos manifestaram tanto desapontamento perante a mensagem presidencial — de que esperavam muito mais.

Anuncia-se, entretanto, que os ministros dos nove países do Euromercado responsáveis pela energia vão reunir-se amanhã em Bruxelas, numa primeira tentativa europeia de apresentar propostas concretas de cooperação aos Estados Unidos.

Depois, no dia 29, ao que se prevê Henry Simonet, comissário do Euromercado, tenciona deslocar-se a Washington, para tomar conhecimento directo da reacção norte-americana aquilo que os ministros dos «Nove» tenham anunciado

como resultados dos seus trabalhos.

Nos Estados Unidos prevê-se — e teme-se — que as necessidades de petróleo no seu próprio país, na Europa e no Japão dupliquem durante a próxima década. Parece evidente que todo esse petróleo terá de sair dos países árabes do Médio Oriente — que têm demonstrado uma imprevista unidade ao negociarem com os consumidores o aumento dos preços do seu petróleo.

O que principalmente se teme em Washington é que os países produtores venham a provocar a quebra dos fornecimentos, recusando-se a aumentar a produção. Nesse caso, o petróleo só seria vendido aos países decididos a pagar o melhor preço. E esse preço tanto pode ser em dinheiro como em auxílio aos árabes contra Israel.



CARLOS EDUARDO LEAL DE CARVALHO AFONSO

ALFERES MILICIANO (COMANDO)

FALECEU

Maria Silvéria Rodrigues Leal de Carvalho Afonso, Joaquim de Carvalho Afonso, filhos e restante família, participam o falecimento do seu muito querido filho, irmão e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja dos Jerónimos, onde se encontra depositado a partir das 8 horas de amanhã, para o cemitério da Ajuda. As 10 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA LOURENÇO — Telef. 63 80 26

BOM APETITE



CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA

PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)

Encerrado às 2.ªs feiras.

RESTAURANTE

SANCHO

Trav. da Glória, 8-16

Telef. 369780

LISBOA

restaurante

arameiro

LISEGA
Restaurador
Trav. S. Antão 21
PRÊMIO DO S. N. I.



RESTAURANTE E BAR

DO
HOTEL ALVORADA

ESTORIL

COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA

(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE
SNACK-BAR

Collina

Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209

AMANHÃ
FEIJOADA À TRANSMONTANA
4.ª feira
ARROZ DE PATO

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

A PRÓXIMA ÉPOCA BALNEAR

S^{to} Amaro prepara-se sem ilusões

A época balnear para quatro dos proprietários dos restaurantes e vestiários instalados na praia de Santo Amaro de Oeiras irá iniciar-se sob o signo auspicioso de elevados saldos negativos. E isto porque o forte temporal ocorrido na madrugada de 18 de Janeiro passado, transformou em ruínas as instalações utilizadas para o efeito, as quais para serem reconstruídas obrigaram os seus concessionários a despesas vultosas.

É como renascer de entre escombros esta autêntica odisseia de quatro homens a quem a fúria dos elementos não perdoou. «Isto quando o mar quer, não há força d'homem que lhe resista!», palavras extraídas de um conhecido adágio popular, mas que na boca de Joaquim Cardia, proprietário do restaurante «Bossa Nova», ecoam como certezas, fruto de uma realidade duramente experimentada. E o velho pioneiro narra-nos, num tom de voz repassado de profundo desânimo, algumas das consequências da tragédia passada: — Há quarenta anos que me meti neste negócio e nunca me tinha acontecido nada de parecido. E logo a seguir a uma época balnear péssima, motivada pelos rumores de poluição e por mau tempo, factores que afastaram milhares de banhistas desta zona. O temporal destruiu-me a barraca e arrastou na enxurrada quatro frigoríficos e para cima de setenta mesas e cadeiras. Agora para reparar tudo isto, pelo facto do seguro não abranger catástrofes deste género, tive de gastar cerca de trezentos contos em reparações. Como vê já é obra!

O VERÃO FICA REDUZIDO A NADA

Efectuámos um breve inquérito junto dos três restantes sinistrados e todos tinham histórias idênticas para contar. Os longos anos de sacrifícios, as contrariedades, os péssimos resultados obtidos na temporada transacta e o seguro que não se responsabiliza pelos objectos

destruídos ou arrastados pela «força bruta» do mar. E todos eles, sem excepção, se referiram a verbas superiores às duas centenas de contos gastas nas reparações efectivadas após o temporal, não omitindo as pesadas contribuições (cada dia menos acessíveis as suas bolsas em face dos lucros obtidos) a que se encontra sujeito este ramo de negócio. Impostos pagos durante doze meses ininterruptos, para uma actividade que só é autorizada durante um período de quatro (Junho a Outubro). E às vezes ainda com mau tempo, porque «o Inverno se mete pelo Verão adentro, e o Verão fica reduzido a nada».

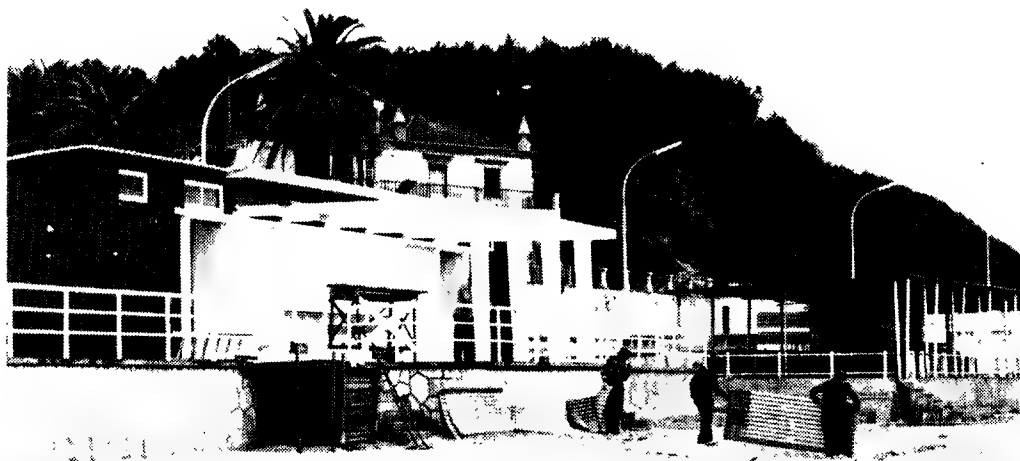
Neste quadro desolador apenas encontramos um homem para quem a sorte desta feita não foi madrastra. Mariano Pereira, antigo banheiro e actual proprietário de um dos três vestiários ali existentes, que referindo-se à forma quase «milagrosa» como se livrou dos efeitos do temporal, nos afirmou: — Como a minha barraca é a que se encontra mais afastada do mar, foi por isso e só por isso que me saí! E olhe que se o azar tem calhado pelo meu lado mandava o negócio à fava. Onde é que eu tinha dinheiro para reconstruir esta coisa? Sim, onde é que eu ia buscar a massa, depois de uma época como a do ano passado em que ninguém se aproximava desta zona por causa da conversa da poluição? Calcule que havia muitas mãos que não deixavam sequer os filhos ir para a areia, a modos por causa dos micróbios, diziam elas. Se esta temporada a moda pega e o tempo não vier de feição vai ser bonita a festa!

UM GANHA PÃO CONSTITUÍDO POR 4 BARCOS

Francisco Peralta, outra das vítimas da borrasca, conta: Não foi nenhuma barraca que o mau tempo me levou, mas sim quatro barcos de aluguer que eram

o meu único ganha-pão. Como não há seguro para este tipo de acidentes, e doente como sou do coração, não sei o que irei fazer à minha vida, já que recomençar numa nova actividade se torna quase impossível para mim neste momento.

Assim, e ainda que inexplicavelmente, pelo que nos foi dado constatar, cinco homens (e quantas dezenas mais por outras tantas praias por esse país fora!) labutam nesta actividade sem qualquer protecção próxima ou remota, apenas dependentes do mar, do sol, da poluição, que é como quem diz, sujeitando a sua sobrevivência aos caprichos imprevisíveis da natureza.



Com a época balnear à porta, os danos causados pelo mar, em Janeiro, só agora estão a ser reparados

IMPORTANTE LEILÃO

POR MOTIVO DE PARTILHAS DE VALIOSO ESPÓLIO

AMANHÃ, 3.^a-FEIRA, ÀS 15 E 21 HORAS
E NOITES SEGUINTE DAS 21 ÀS 24 HORAS

NO NOSSO SALÃO DE LEILÕES DA AV. CASAL RIBEIRO N.º 17 - LISBOA
SERÃO VENDIDOS OS SEGUINTE BENS, NO SEGUINTE HORÁRIO:

3.^a FEIRA, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS:

— MOBILIÁRIO DIVERSO com e sem estilo. VELHARIAS, UTILIDADES e BIBLOTS, etc., chamando-se a atenção de comerciantes, adedeiros, particulares; para um total de 300 lotes muito diversos de impossível discriminação, porém, próprios deste género de leilões, roupas, peles, etc.

4.^a FEIRA, DAS 21 ÀS 24 HORAS:

— ANTIGUIDADES E OBJECTOS D'ARTE: incluindo 200 lotes, donde salientamos MOBILIÁRIO INGLÊS VICTORIANO, PORTUGUÊS e INDU PORTUGUÊS, FRANCÊS e ITALIANO. LOIÇAS PORTUGUESEAS e CHINA, COM-PANHIA DAS ÍNDIAS, COM DESTAQUE PARA 5 TERRINAS, TRAVESSAS E PRATOS BRASONADOS, JARRAS E JARRÕES JAPÃO, SERVIÇO MANDARIM, VARIADAS PEÇAS SÈVRES e LIMOGES, CRSTAIS, MARFINS, IMAGINARIA, BIBLOTS e OBJECTOS DE VITRINE e todos os restantes lotes de impossível discriminação.

5.^a FEIRA, DAS 21 ÀS 24 HORAS:

— EXCEPCIONAL CONJUNTO DE PINTURAS A ÓLEO, AGUARELAS, DESENHOS E GRAVURAS DOS SEGUINTE AUTORES:

Abel Manta — Abel Salazar — Acácio Lino — Adolfo Benarus — Adriano Costa — Alberto Sousa — Albino Cunha — Alda Machado Santos — Alfredo Keil — Alfredo Moraes — Torquato Pinheiro — Alice Jorge — Alves Cardoso — Alves de Sá — Américo Taborda — António Abreu — António Carneiro — Armando Lucena Arpad Szenes — Artur Bual — Artur Casals — Augusto Bértolo — Aurélio César Sobral — Aurélio de Sousa — Bartolomeu Cid — Cândido Cunha — Carlos Ramos — C. Ruano Llopis — Columbano — Dórdio — Dorita — Eduarda Lapa — Edward Tucker — Em'le Mathon — Emília Mattos — Emmanuel Noterman — Estela Marques — Estrela Faria — F. Nardi — D. Fernando — Figueiredo Sobral — Fortunato Anjos — Frederico Ayres — Guanda Lini — Gustavo Bordallo Pinheiro — Helena R. Gameiro — Hílário Teixeira Lopes — Isabel Gandara — J. J. Ramos — J. B. Poisot — João Reis — Joe — Joaquim Lopes — Jorge Barradas — José Basalisa — José Campas — José Cavadas — José Contente — José D. Sanches — José Malhoa um desenha e 2 óleos excepcionais) — Júlio Pomar — Manuel Cargaleiro — M. A. Lima Cruz — Mário Costa — Mário Eloy — Mário Silva — Paulino Gonçalves — Poliakof — Portela J.^o — Raphael Rodrigues — Raquel — Ribeiro Cristhino — Ricardo Hogan — Roque Gameiro — Rui Teixeira Bastos — Silva Lino — Silva Porto — Sousa Lopes — Sousa Pinto — Stuart — Tomaz de Mello — Júlio Victorino — Vieira da Silva e de outros autores, bem como de escolas francesa, inglesa e italiana, num total de 200 obras seleccionadas.

O CATÁLOGO ILUSTRADO DESTE CONJUNTO, ENCONTRA-SE EM DISTRIBUIÇÃO NO LOCAL DO LEILÃO E NOS N.º ESCRITÓRIOS.

6.^a FEIRA, DAS 21 ÀS 24 HORAS:

— COLECÇÃO DE ARMAS BRANCAS E DE FOGO, MUITAS DELAS RARAS e VALIOSAS (150 LOTES) DAS MAIS VARIADAS ORIGENS. CATÁLOGO EM DISTRIBUIÇÃO NO LOCAL DO LEILÃO E NOS N.º ESCRITÓRIOS.
— PRATOS E JÓIAS (partilhas e inventário obrigatório) com avaliação oficial e para as quais chamamos a atenção dos comerciantes.

EM EXPOSIÇÃO: HOJE ATÉ ÀS 19 HORAS E AMANHÃ, 3.^a-FEIRA E SEGUINTE DAS 10 ÀS 13, DAS 15 ÀS 19 E DAS 21 ÀS 24 HS.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929-51478-532446

AFRAFILHOS, Lda



Joaquim Cardia: «com os prejuízos causados pelo temporal, se este ano apanharmos uma temporada como a do ano passado, não sei onde este negócio irá parar!...»

HOMENAGENS A DOIS EDIS

PORTO, 19-A vereação e o funcionalismo de Câmara Municipal apresentam na segunda-feira, às 11 horas, cumprimentos ao eng. Nuno de Vasconcelos Porto, pela sua recondução no cargo de presidente da edilidade.

Por completar três anos no

desempenho das funções de presidente da Câmara Municipal de Penafiel será homenageado amanhã o dr. Manuel Alves Moreira. Haverá 10 horas, uma sessão solene nos Paços do Concelho, seguindo-se missa e um almoço.

DL/GERAL

Obra Católica de Migrações

A visita a algumas aldeias das zonas de Pombal e Mira e encontros com a população fazem parte da 30.ª reunião da Comissão Católica para as Migrações intra-europeias que decorrerá em Lisboa nos dias 29, 30 e 31 do corrente. Antes dos referidos encontros que o programa não pormenoriza, e que irão decorrer, no último dia de trabalhos, haverá em Lisboa uma série de co-

municações feitas por diversas pessoas e entidades entre elas o dr. A. Saragga Leal, secretário nacional da Emigração. O tema da reunião incidirá exclusivamente sobre a emigração portuguesa. No programa do dia 30 está incluída uma recepção no Castelo de S. Jorge, oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa.

Os temas previstos são os seguintes: «evolução da

emigração portuguesa»; «a emigração para a Europa no conjunto da emigração portuguesa»; «preparação dos emigrantes»; «emigração e pastoral»; «o problema dos emigrantes que regressam a Portugal»; «emigrantes portugueses em França»; «emigrantes portugueses na Suíça»; «emigrantes portugueses em Espanha»; «emigrantes portugueses na Alemanha»; «emigrantes portugueses na Bélgica»; «emigrantes portugueses na Holanda».

SENSACIONAL...

Enceradora	1000\$00
Secadores Cabelo	140\$00
Aspiradores	1200\$00
Frigoríficos Mol	1790\$00
Panelas Pressão	290\$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500\$00
Sofás Camas	1800\$00

Mercado de Electrodomésticos

ESTRADA DE BENFICA, 705



LEIA

motor

LAPROVAR

Sociedade de Produtos Alimentares, Lda.

OTA—ALENQUER

nomeou

Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, S.A.R.L.

ALFRAGIDE—PORTUGAL

seus agentes exclusivos para a
distribuição dos seus produtos

Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas, S.A.R.L.

ALFRAGIDE—PORTUGAL

informa ter tomado a seu cargo
o exclusivo da distribuição dos produtos
Pála-Pála de

LAPROVAR

Sociedade de Produtos Alimentares, Lda.

OTA—ALENQUER

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que neste Conselho Administrativo, situado na Rua António Saúde, n.º 9, proceder-se-á aos seguintes concursos públicos:

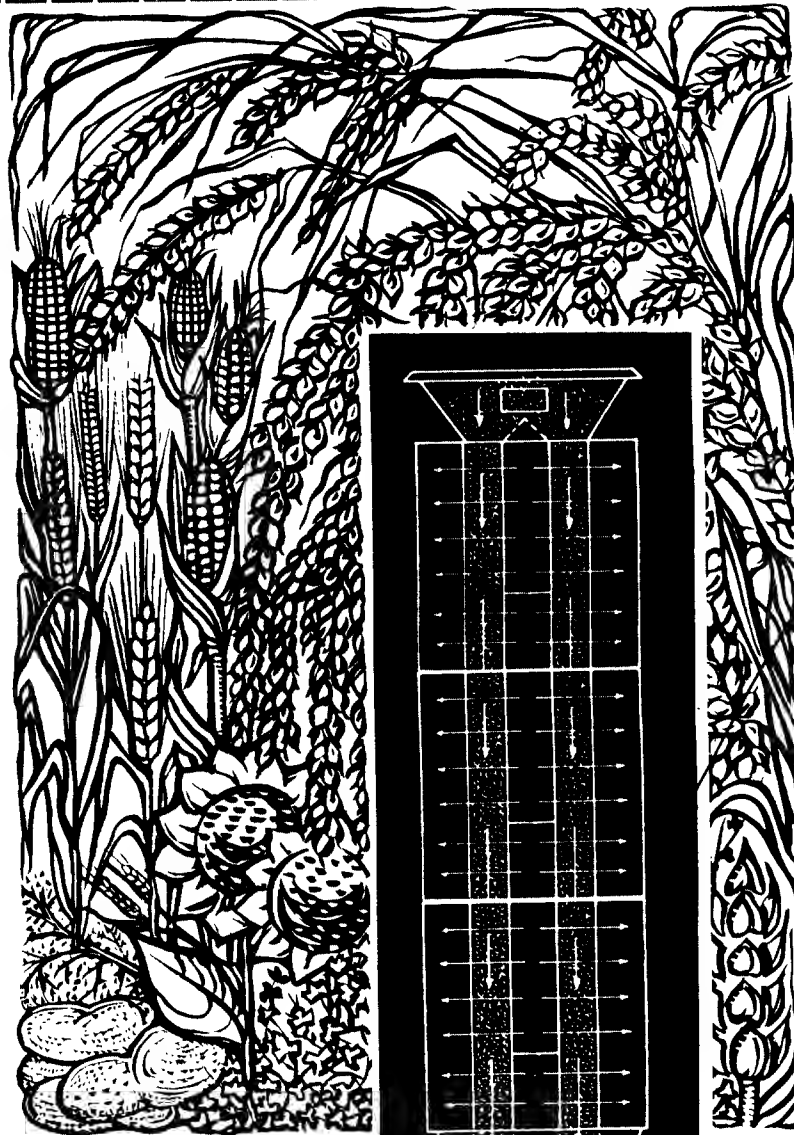
Número do concurso	Aquisição de material	Abertura de propostas	
		Data	Hora
3/73-0	Mobiliário Hospitalar	20/6/73	15
4/73-0	Material de Anestesia e Reanimação	20/6/73	16
5/73-0	Material de Dermatologia	27/6/73	15
6/73-0	Material de Fisioterapia	27/6/73	16
7/73-0	Material de Neurologia	4/7/73	15
8/73-0	Material de Oftalmologia	4/7/73	16
9/73-0	Material de Radiologia	11/7/73	15

Os respectivos cadernos de encargos, podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 18 horas.

Lisboa, 14 de Maio de 1973.

O Chefe da Contabilidade

Alexandre Reis de Sousa Franco
Capitão do S. A. M.



valorize os seus
produtos agrícolas
com

SECADORES PARA CEREAIS

Entregando-os em óptimas condições ou armazenando-os com a garantia de não ter quebras futuras.

VERTICAIS:(tipo cascata) para todos os cereais.

HORIZONTAIS: para forragem e cereais.

Características: 1-POLIVALENTES • 2-MANIPULAÇÃO, CONTROLE DE TEMPERATURA E HUMIDADE RELATIVA AUTOMÁTICA • 3-SECAGEM UNIFORME • 4-FÁCILMENTE ACRESCIDOS COM ADIÇÃO DE UNIDADES BASES, VERTICAL OU HORIZONTALMENTE • 5-BAIXOS CONSUMOS • 6-ECONÓMICOS EM MÃO DE OBRA • 7-QUEIMADORES UTILIZANDO DIVERSOS MATERIAIS DE QUEIMA • 8-COM CÂMARAS PARA ARREFECIMENTO

NA NOSSA VASTA GAMA ENCONTRARÁ TAMBÉM DESIDRATADORES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS, SAL, ETC..

J.J.GONÇALVES,SUCRS.C.I.S.A.R.L. ao serviço da lavoura
DIVISÃO AGRÍCOLA — AZINHAGA DOS LAMEIROS — ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR — LISBOA-4

TEL. 79 40 95-96-97-98

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DO B.N.U.

Continuação da pag. 12

turo. Podemos afirmar convictamente que essas condições existem em elevado grau no Banco Nacional Ultramarino e que, a todos os níveis, os seus colaboradores estão integrados nesse espírito.

Neste momento, aproveitando o ensejo que se nos oferece, pretendemos, embora com o merecido realce para aqueles a quem esta homenagem é especialmente dedicada, dirigir uma palavra de sincero louvor e incentivo a todos os empregados do Banco Nacional Ultramarino que, pelo seu esforço fecundo, pelo seu trabalho produtivo e pela sua dedicação, permitem que este Banco continue na sua posição destacada e a alargar ainda mais as suas possibilidades de incessante progresso.

Antes de finalizar, quero associar-me em meu nome pessoal e no do Conselho Fiscal, à evocação do nosso querido Vice-Governador Senhor Dr. Castro Fernandes.

„HÁ QUEM FAÇA COISAS, QUEM ASSISTA A ELAS E QUEM NEM DELAS SE APERCEBA.“

Em representação do Conselho de Administração do B.N.U. e encerrando a curta série de discursos, falou, interessadamente escutado por toda a assistência, o Prof. Dr. Duarte Pereira, um dos Administradores eleitos na última Assembleia Geral do Banco, realizada na semana passada:

„Creio ser esta a nossa 25.ª reunião de fraterna camaradagem para prestar a homenagem devida aos empregados do B.N.U. que durante quarenta ou cinquenta anos deram o melhor da sua vida à Instituição que servimos. E também os que perflizaram 25 anos, na colaboração a esta Empresa, mais que centenária, têm, hoje, pela primeira vez, a sua volta, muitos dos seus colegas em manifestação sincera de muito apreço pelo continuado esforço em prol de todos. Por estas duas razões, é ímpar esta festa, em relação às anteriores.

Ao ser designado pelo sr. Vice-Governador em exercício, e pelo Conselho de Administração, para em seu nome dirigir uma palavra aos participantes neste momento de convívio — aos homenageados e seus colegas — a todos começo por pedir humildemente desculpa de, involuntariamente, os privar do discurso belo que tão linda festa merecia, e eu não sei fazer.

Ofereço-lhes, porém, em troca, no cumprimento do mandato que me foi cometido e gostosamente, por vós, aceite, algumas observações de carácter pessoal sobre o motivo último que aqui nos reúne.

Vivemos numa época denominada por surpreendente „aceleração da História“, por um permanente repór em causa menelras de ser, pensar e agir. Não se estranhará, pois, que eu não consiga acompanhar os que neste lugar, e nesta hora, me antecederam. Mesmo sem o desejar, é possível que o meu pobre monólogo venha a ser diferente das suas brilhantes orações.

Pois o motivo último, e grandioso, que neste dia nos aproximou mais uns dos outros é o Banco Nacional Ultramarino. E o Banco Nacional Ultramarino, meus amigos, não é uma empresa qualquer, não é um Banco qualquer.

Porquê? Nos sistemas bancários instituídos por esse mundo fora, ao lado das suas instituições financeiras mais ou menos especializadas — bancos co-

merciais, bancos de investimento, bancos votados ao crédito de curto prazo ou com vocação de ligarem capitais, por prazo mais dilatado, a empresa que fundam, ou impulsionam, para servir a economia — há sempre um instituto que orgânicamente desempenha funções exclusivas de banco central. É o banco dos bancos, que tem por missão última velar pela estabilidade monetária, condição básica para o desenvolvimento económico e social.

Pois o B.N.U. — em todo o Ultramar português à excepção de Angola — é a um tempo emissor, o banco dos bancos, e o banco de todos os sujeitos económicos — famílias e empresas, e, com esses sujeitos, apanhando-se, vai fazendo lá, onde é Portugal, a „economia“.

Errada concepção de base? De forma alguma. Não há figurinos universais para o sistema bancário, antes este, como outros, aliás, noemadamente o sistema fiscal, se devem ajustar à estrutura económica dos territórios em que se instituem. Em espaços geográficos de reduzida captação de rendimento, com uma estrutura económica caracterizada pela predominância dum sector de economia de subsistência, não tem sentido multiplicar a existência de bancos, e a criação de bancos especializados, só por fidelidade a modelos ortodoxos.

Não deve querer impor-se a territórios ou países economicamente jovens, instituições próprias de países adultos. Em muitos daqueles, quis a política — e a criação de bancos é afinal um acto de política económica — introduzir esquemas, só para que se diga que lá existem e implantar instituições, para apenas formalmente alterar certos estadios, cometendo a falta de não tocar a essência das situações. O resultado é de todos conhecido — as instituições foram transplantadas para terrenos incapazes de as receber, estiolaram, e não fulminaram.

Que sentido faria criar um instituto, funcionando apenas como emissor em Timor ou na Guiné, em Cabo Verde ou S. Tomé e Príncipe? Que instituição suportaria os custos, e satisfaria, aí, as responsabilidades da emissão monetária?

O prof. dr. Duarte Pereira teceu, então, algumas considerações sobre as suas concepções de Banco Emissor, tanto nos campos estruturais como geográficos, afirmando em seguida:

„Em colaboração activa com o Governo, o nosso Banco vem desempenhando a função emissora, juntamente com a de banco universal, em prol do Ultramar Português, com perfeito conhecimento das respectivas estruturas económicas, e respondendo a toda a procura de crédito, longe de ser travão, é antes poderosa alavanca impulsionadora do seu desenvolvimento.

A integração económica do espaço português acarretará por certo distorções nas correntes económicas tradicionais com os Estados Ultramarinos. É esta uma realidade, que intrinsecamente não resulta do sistema de pagamentos inter-territoriais vigente, mas não pode deixar de repercutir-se nas condições de exploração do B.N.U., também na Província do Índico a actuar como banco universal. O nosso Banco tem de saber adaptar-se a esta (e outras) transformações, mas não me parece que para tanto, no interesse seja de quem for, tenha de desligar-se, aí, da responsabilidade da função emissora.

Ao serviço de territórios que

sucessivamente vão caminhando para mais evoluídos estadios de desenvolvimento económico — mesmo daqueles que deixem de encontrar na Metrópole mercado para os seus produtos, ou mercados de factores para o seu aparelho de produção — o Banco deve saber adaptar-se, ou seja, viver em transformação. A época de „aceleração da história“, a que no começo me referi, vai por certo desintegrar o que se encontra ultrapassado a tudo o que tende a frenar as transformações necessárias, mas igualmente impõem que se sintetize e reconstrua.

A DIMENSÃO DE UM GRANDE BANCO

Somos na Metrópole um banco universal (não emissor) sobretudo um banco comercial com as características e limitações derivadas da especialização do respectivo sistema bancário, a viver uma fase de expansão. Da expansão, porém, tem de saber distinguir-se a intrínseca, a própria, daquela que é imposta a todos os sujeitos actuaes, num todo ou universo em crescimento.

Expansão, num meio que se expande, só pode significar aumento a taxa superior à do crescimento geral.

O B.N.U., com todas as suas potencialidades, de pessoal e situação geográfica, tem de ser, na Metrópole, sob todos os aspectos, o primeiro dos bancos.

No plano operacional, em Portugal no Mundo, o B.N.U. actua, pois, como uma grande empresa multinacional, e uma empresa assim tem de caracterizar-se pela descentralização das suas estruturas de acção, mas a medida da sua eficiência económica e social só pode ter-se como aceitável, depois de se verificar que foi positiva a sua actuação em cada uma das nações ou territórios onde produz.

A referida descentralização confere independência económica às diferentemente localizadas unidades operacionais que são isoladamente apreciadas em total abstracção do todo que constituem, pelos sujeitos económicos que com elas directamente contactam.

Também não devemos esquecer a integração económica europeia, sob uma forma ou outra, chama por nós. O B.N.U. que foi de facto o primeiro banco português a instalar-se em pontos vitais nesse espaço económico gigantesco que vai para além das fronteiras das Nações — de facto o primeiro no estabelecimento de guardas avançadas na Comunidade Económica Europeia — tem de aceitar, e aproveitar, mais esta tendência para a transformação.

Os bancos dos grandes países industrializados da Europa estão a internacionalizar-se. Londres foi e será ponto de encontro; na Alemanha de hoje vai aumentando, e contam-se já por quase meia centena o número de bancos estrangeiros e os grandes bancos alemães instalam-se na Rússia e „voam“ até à América. Mas a internacionalização, meus amigos, não deve fazer-nos esquecer que temos um lugar a ocupar no nosso País, individualmente, em cada uma das suas parcelas!

Vivemos hoje a época da gestão na descontinuidade, da gestão das transformações. Esta caracteriza-se pela independência dos mercados, pela maior abertura à agressividade concorrencial, pela multiplicação das disposições regulamentares e, finalmente, pela necessidade de pôr em causa, mais frequentemente, as activi-

dades de momento, e de preparar a empresa para novas oportunidades.

Acautelemo-nos, porém; quanto maior e mais diversificada é uma empresa, mais refractária e vulnerável se torna a transformação.

Para se adaptar, por antecipação, a essa transformação, e dela tirar partido lucrativo, as empresas têm de conceber, preparar e pôr em movimento adequadas estratégias.

A aceleração da transformação consagrou, por hipótese, a obsolescência dos métodos da gestão intimista e da gestão baseada em modelos históricos. É preciso imaginar as encenações do futuro para bem gerir.

É preciso planejar, ou seja, antes de tudo, elaborar modelos representativos da vontade da empresa em encarar a transformação e, seguidamente, enunciar as instruções de aplicação de tais modelos. Meus amigos: perdoem-me este breve e simplificado apontamento pessoal sobre a grandeza potencial intrínseca da Instituição que todos servimos, e ainda esta alusão quase telegráfica ao estilo de gestão que me parece o mais adequado ao tempo que vivemos.

Por certo, ao vosso espírito, ocorreu já, e por várias vezes, a pergunta lógica: e a que vem tudo isto, numa festa de Pessoal na nossa festa de Pessoal?

Procurarei resumidamente explicar, para concluir.

Para os Bancos, mais do que para qualquer outra empresa, o essencial factor de progresso, de produção, é o seu pessoal.

Terá de ser apoiado em vós que o B.N.U. há-de ser gerido na transformação e ficar, e permanecer, e continuar útil como sempre tem sido à sociedade em que nos encontramos. As pequenas transformações por que todos os dias vai passando a sua vida, ou até as mais profundas que nele tenham de suceder, para melhor poder servir essa sociedade e a vós, terão naturalmente por base a vossa capacidade, o vosso querer.

O planeamento da transformação — da transformação em geral, que tenho vindo a sublinhar — para ser realista, terá de basear-se num empenhamento da direcção superior, e numa adesão participativa de todo o Pessoal.

Mas o Pessoal não é apenas um factor de produção, porque esta só tem sentido se ocorrer para servir o homem em toda a sua dignidade, se represen-

tar trabalho capaz de proporcionar ao homem a satisfação das suas necessidades elementares e mais elevadas de promoção social.

A empresa que não conseguir praticar uma razoável política de pessoal não tem o direito de prosseguir na sua actividade económica.

O B.N.U. deve estudar todas as condições que conduzam ao aproveitamento óptimo do vosso esforço, mas deve também continuar a promover, e com carácter permanente, mais intensa e generalizada acção formativa, procurando desenvolver aptidões profissionais, culturais e desportivas, num equilíbrio harmonioso entre todas as dimensões do ser humano.

A empresa moderna está votada à transformação tem de viver em movimento. O B.N.U. não pode fugir à regra. O seu alvo — pelo que disse atrás — é a expansão.

E não só por ambição lucrativa que não enjeita, mas para poder manter uma política de pessoal cada vez mais válida, e para oferecer à sociedade novos empregos. Expansão em benefício do País (desenvolvimento económico e social), em benefício dos clientes (serviço, qualidade e preço) em benefício do Pessoal (continuidade e segurança).

Expansão e transformação. Há três espécies de pessoas: as que fazem acontecer coisas, as que assistem ao que acontece e os que não sabem o que aconteceu.

Sede dos primeiros, meus amigos!

Quis falar pouco, mas apenas consegui dizer pouco, e não devo alongar-me.

Em nome da Administração do B.N.U., saúdo cordialmente todos os colegas de trabalho: os presentes e os que não puderam vir. E faço-o com uma citação de alguém que dentro em breve deixará o nosso Ban-

co, mas nele deixa, além do mais, marca indelevel, precisamente na definição e concretização duma elevada política pessoal.

E a saudação mais bela que em oportunidade como esta em anos passados me foi dado ouvir. Estou certo que logo reconheceréis a fala erudita e bondosa do dr. Castro Fernandes:

„Saúdo sentidamente os que trabalham nesta casa, lado a lado, na Ocidental Praia Lusitana, na Madeira, nos Açores, nas demais ilhas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, na África de Portugal, todos igualmente portugueses, sem qualquer distinção de raça de pele ou de religião.

„Saúdo, especialmente, os hoje festejados — e rogo a Deus que a todos conceda o Bem e os bens que para mim peço!“

A HOMENAGEM FINAL

A Sessão Solene encerrou-se com os momentos de homenagem a aqueles que, como já dissemos, completaram, em 1973, 50, 40 e 25 anos de bons serviços.

Acorrendo a uma chamada profundamente vivida, aqueles 91 funcionários foram até junto da Mesa da Presidência, onde — para além das lembranças que lhe foram entregues — lhe foi testemunhado, pelas palavras da Administração do B.N.U. e pelos aplausos fraternos dos seus companheiros de trabalho; quanto à sua dedicação e amor ao Banco, que durante tantos anos serviram, valeu a pena.

Mais tarde, foi servido um jantar no salão principal, antecedido por um „cocktail“. A grande festa de confraternização 1973, do pessoal do Banco Nacional Ultramarino, terminou com a exibição do „Show“ internacional do Casino Estoril.

Debate aceso no 1.º acto

No Primeiro Acto, em Algés, realizou-se neste último fim-de-semana um debate sobre Jazz que, em princípio, teria como participantes José Duarte, Jorge Lima Barreto, Monteiro da Costa, Raul Bernardo e Manuel Jorge Veloso. No entanto a ordem de trabalhos e de intervenientes foi alterada devido à

grande polémica que se gerou entre as pessoas convidadas para falar „em mesa-redonda“ sobre Jazz.

No domingo aconteceu um concerto ao vivo com o „Anar Conceptual Jazz“ do Porto reforçado por dois elementos do grupo „Plexus“ de Lisboa.

LISNAVE—Estaleiros Navais de Lisboa, S.A.R.L.

Rocha do Conde de Óbidos—LISBOA

Capital : 500.000.000\$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que no dia 24 de Maio, pelas 14 horas, proceder-se-á, nos escritórios da Margueira, ao sorteio de 1634 obrigações de 6% — emissão de 1967.

Em conformidade com o respectivo plano de amortização, o reembolso dos títulos sorteados far-se-á a partir de 15 de Junho de 1973.

Lisboa, 21 de Maio de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/DESPORTOS

I DIVISÃO

ATLÉTICO: SEGUNDO FÔLEGO NA RECTA FINAL

Antes de mais, os resultados da jornada de ontem (a 28.ª) no campeonato nacional de futebol da primeira divisão: Benfica, 2-CUF, 0; Belenenses, 3-União de Coimbra, 1; Vitória de Setúbal, 3-Beira-Mar, 0; Barreirense, 1-Sporting, 4; F. C. do Porto, 1-Boavista, 0; Guimarães, 0-Atlético, 0; Farense, 2-Montijo, 1 e União de Tomar, 1-Leixões, 1.

Face a estes desfechos, duas conclusões se podem tirar já, conclusões que mais não vieram fazer do que confirmar o que se sabia desde domingo passado: só no último dia do campeonato serão decididas as actuais duas ques-

tões fundamentais da prova futebolística profissional.

O segundo e terceiro lugares, aqueles que dão acesso à «Taça UEFA» e, mais remotamente o quarto (que pode pro-

porcionar presença europeia do seu titular, caso Vitória ou Sporting ganhem a «Taça») continuam a leilão. O Belenenses, ao vencer o União de Coimbra, está melhor colocado para se classificar em segundo. Leva três pontos de avanço sobre o par Sporting-Vitória de Setúbal e a questão ficará resolvida de vez nos dois jogos que faltam mais importantes deste trio: o Sporting-Belenenses (da 29.ª jornada) e o Vitória-Sporting (da última).

Ontem, para estas três equipas, pode dizer-se que só houve facilidades, se bem que as

do Sporting tenham sido conquistadas com uma exibição como há muito os «leões» não apresentavam. Tudo correu bem ao grupo agora treinado por Mário Lino, aguçando o apetite dos seus adeptos para o que falta jogar nesta época de futebol.

Yazalde, avançado centro dos «verdes», foi o melhor marcador da jornada, com três golos para todos os gostos: oportunidade no primeiro, classe e arrojo no segundo (um mergulho a captar o centro de Marinho) e frieza no terceiro, de grande penalidade.

A outra problemática questão diz respeito ao trio Atlético-União de Coimbra-União de Tomar. Dois deles baixarão aos infernos da segunda divisão e, neste momento, o Atlético apanhou os de Coimbra, fugindo ao último, o grupo de Tomar. O empate alcançado em Guimarães dá novo ânimo aos pupilos de Ted Smith, a quem compete derrotar o Benfica (na próxima jornada) e a Cuf, no derradeiro dia. O União de Tomar não aproveitou a vantagem de jogar em casa e empatou com o Leixões, comprometendo-se bastante.

Restam três grupos de clubes com problemas diferentes para cada um deles. Quanto ao Benfica, resta-lhe tentar não perder: e ajudar Eusébio a ganhar a «Bota de Ouro», símbolo do melhor marcador de golos na Europa. Ontem, tudo correu bem nos dois aspectos: o Benfica ganhou a uma Cuf extremamente defensiva e o moçambicano marcou mais dois golos, aumentando o seu avanço para três tentos em relação a Muller (do Bayern, de Munique que ficou em branco no campeonato alemão).

Sobre o grupo intermédio, há a dizer que o Leixões alcançou um belo resultado em Tomar enquanto o F.C. do Porto e o Boavista se nivelaram, embora os «azuis» tenham ganho.

Por fim, Barreirense, Montijo, Farense e Beira-Mar continuam a ver quem, dentro eles, vai ao torneio de despromoção. O Barreirense leva um certo avanço: mas os restantes muito terão de sofrer, com o Beira-Mar e o Montijo a somarem 22 pontos cada e a perderem ambos, ao mesmo tempo que o Farense procura o tempo perdido, arrancando a ferros uma vitória no último momento, com um golo de Mirobaldo nos derradeiros minutos de jogo.

No próximo domingo não há jogos de campeonato, realizando-se as meias-finais da «Taça»: Cuf-Sporting e Farense-Vitória de Setúbal, jogando-se a presença na final (dia 17, no Jamor) numa só «mão».

O campeonato prossegue a 3 de Junho, com os jogos: Barreirense-Cuf, Sporting-Belenenses, União de Coimbra-Vitória de Setúbal, Beira-Mar-F. C. do Porto, Boavista-União de Tomar, Leixões-Farense, Montijo-Vitória de Guimarães e Atlético-Benfica. Classificação após a jornada de ontem:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
BENFICA	28	27	1	—	95-13	55
«Os Belenenses»	28	13	12	3	49-27	38
Sporting	28	14	7	7	56-29	35
V. Setúbal	28	15	5	8	63-26	35
F. C. Porto	28	14	6	8	52-27	34
V. Guimarães	28	10	8	10	35-36	30
Boavista	28	11	7	10	36-44	29
Leixões	28	11	7	10	30-42	29
C. U. F.	28	10	8	10	34-33	28
Barreirense	28	8	7	13	38-58	23
Beira-Mar	28	5	12	11	25-48	22
Montijo	28	9	4	15	28-40	22
Farense	28	7	7	14	24-52	21
Un. Coimbra	28	5	6	17	22-51	16
Atlético	28	4	8	16	26-50	16
Un. Tomar	28	5	5	18	26-65	16



Matine, Arnaldo, Eusébio, Castro e a bola.



Laurindo: mais uma perdida



Raimundo: o esférico rola à sua frente



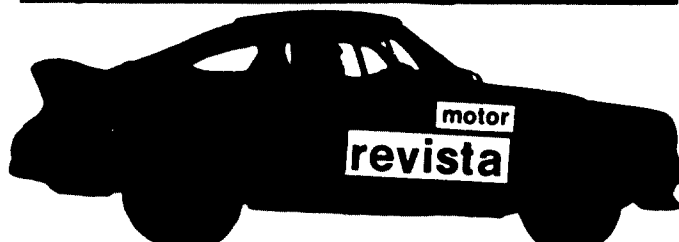
Ronaldo: parar Barbosa, mesmo pela camisola

Totobola a chave

Barreirense-Sporting	2
Belenenses-U. Coimbra	1
Setúbal - Beira-Mar	1
Porto-Boavista	1
U. Tomar - Leixões	X
Farense-Montijo	1
Guimarães - Atlético	X
Benfica - CUF	1
Salgueiros - Braga	X
Tirsense-Fafe	1
Sacaven - Olhanense	1
Tramagal - Oriental	2
C. Piedade - Marinh	1

OS MELHORES MARCADORES

Os melhores marcadores são, neste momento: Eusébio (Benfica), 36 golos; Flávio (F.C. Porto), 19; Yazalde (Sporting), 19; Nelson (Sporting), 18; Abel (F. C. Porto), 17; Gonzalez (Belenenses), 15; Arcanjo (V. Setúbal), 14; Duda (V. Setúbal), 14; Torres (V. Setúbal), 14; Nené (Benfica), 13; Moinhos (Boavista), 12 e Esteves (Leixões), 11.



este ano, tenha
a sua casa
de férias!
decida-se já.



A casa que Você sempre desejou ter. Com o número de divisões necessárias. Agradável, espaçosa. Onde Você se sente bem. Na praia ou no campo. Construída com painéis tipo, a casa pré-fabricada Soprem é feita de madeira premunizada o que a torna extraordinariamente resistente: à podridão, ao caruncho, à formiga branca. Tem um ótimo isolamento ao calor e ao frio. E repare, é fácil de montar. E o preço total é muito baixo. E a conservação mínima. E a duração, de uma longa vida!

**casas pré-fabricadas
de madeira premunizada
SOPREM**

SOC. DE PRESERVAÇÃO DE MADEIRAS, S.A.R.L.
LISBOA Escritórios Centrais: Rua Damasceno Monteiro, 42
Apartado 1390 — Telefone 87 411/9
Dependência: Av. António A. de Aguiar, 165, r/c.-D.
Telefone 53 99 41/2/3/4
PORTO Rua Almirante Leote Rego, 228 — Telefone 48 63 81

II E III DIVISÕES

UNS SOBEM, OUTROS DESCEM
E HÁ QUEM FIQUE NA ROLETA

Terminou o «Nacional» de futebol da II Divisão, com a realização da 30.ª Jornada em que se verificaram os seguintes resultados: ZONA NORTE — Espinho, 4-Riopele, 2; Varzim, 1-Sanjoanense, 1; Académica, 2-Gil Vicente, 0; Vilanovense, 1-Penafiel, 2; Oliveirense, 1-Covilhã, 0; Tirsense, 4-Fafe, 1; Salgueiros, 1-Braga, 1 e Famalicão, 7-U. Lamas, 3. ZONA SUL — U. Leiria, 4-Almada, 1; Sintrense, 2-Portimonense, 2; Caldas, 2-Seixal, 1; Sacavenense, 1-Olhansense, 0; Sesimbra, 0-Torres Novas, 1; Tramagal, 0-Oriental, 2; Cova da Piedade, 1-Marinense, 0 e Nazarenos, 1-Peniche, 0.

Com estes resultados, Varzim e Oriental asseguraram a sua participação na «liguilha» e terão agora de aguardar que termine o torneio maior para saberem quais os adversários a defrontar. Com Académica e Olhanense de retorno à I Divisão, o restante «movimento» regista-se, logicamente, na cauda das classificações. Assim, enquanto Covilhã, Lamas, Nazarenos e Seixal baixam automaticamente à III Divisão, Tirsense, Penafiel, Sacavenense e Tramagal discutirão com

Desportivo de Aves, Feirense, Odivelas e União Sport, quem irá ocupar, no próximo campeonato, as quatro vagas em questão.

Na III Divisão e uma vez que já estavam apurados para a subida automática Gouveia, Torriense e Lusitano de Évora, foi a vez de se encontrar o vencedor da Zona A e, consequentemente, o outro clube que passaria, sem mais aquelas, à divisão secundária. Beneficiando do facto de o Valpaços ter alinhado com jogadores em situação irregular em dez jogos já disputados e neles ter sido considerado derrotado pela Federação, o Desportivo de Chaves alcançou o topo da classificação e em Setembro lá o teremos a disputar a Zona Norte da II Divisão.

Entretanto, os quatro últimos de cada zona e o menos pontuado dos 12.ºs classificados (o Lusitano de Vila Real) passam aos «distritais» na época que há-de vir. São eles: Moncorvo, Valpaços, S. Pedro da Cova e Limianos da Zona A; Castelo Branco, Feibes, Vilar Formoso e Mortágua da Zona B; Bombarralense, Amiense, Elvas e União de Santarém da

Zona C e Moncarapachense, Luso, Vendas Novas e Aljustrelense da Zona D.

Vejam agora os resultados da 30.ª (e última) ronda: ZONA A — Lourosa-Freamunde, 1-0; Esposende-Valpaços, 3-0; Leça-Régua, 2-3; T. Moncorvo-Vizela, 0-4; Sp. Lamego-Avintes, 4-0; Vila Real-Vianense, 0-1; Chaves-S. Pedro Cova, 4-0; Limianos-Desp. Aves, 1-2. ZONA B — Desp. C. Branco-Ala Arriba, 0-1; Marialvas-Acad. Viseu, 2-1; Paços Brandão-Alba, 3-1; Mortágua-Desp. Gouveia, 1-3; Anadia-Vilar Formoso, 3-1; Feirense-Vale-Cambrense, 1-0; Mangualde-Feibes, 4-1; Ovarense-Naval, 2-1. ZONA C — Alhandra-Torriense, 3-3; Portalegrense-G. Alcobaça, 1-1; Bombarralense-Odivelas, 2-3; Campo Maior-U. Santarém, 1-1; Almeirim-Elvas, 2-0; Cartaxo-Casa Pia, 1-1; Amiense-Marrazes, 1-2; Amerca-Vila-Franquense, 0-2. ZONA D — Est. V. Novas-D. Beja, 2-2; Lus. Évora-Costa Caparica, 6-0; Aljustrelense-Lus. V. Real, 1-0; Silves-Estoril, 1-0; Moncarapachense-U. Sport, 0-3; Esp. Rança-Vasco Gama, 2-1; Lu-

COIMBRA
EM
FESTA

O Estádio Municipal de Coimbra assistiu, ontem, a uma festa grande: a Académica está de volta ao conjunto de grandes do futebol nacional e isso foi pretexto para festa rija que (até) teve a honrosa presença dos «estudantes-campeões» de 1948.

so-Juventude, 0-1; Amora-Paio Pires, 2-1.

E para terminar as classificações finais:

ZONA C

	J.	V.	E.	D.	G.
TORRIENSE	30	19	7	4	62-23 15
Odivelas	30	16	9	5	49-28 41
Alhandra	30	12	11	7	48-42 35
Portalegrense	30	13	8	9	37-23 34
Casa Pia	30	13	8	9	45-29 34
U. Almeirim	30	11	10	9	33-27 32
Marrazes	30	12	8	10	47-44 32
Cartaxo	30	13	5	12	43-36 31
Vilafranquense	30	10	11	9	36-36 31
Alverca	30	11	8	11	33-39 30
Alcobaça	30	11	8	11	32-38 30
Campomaiorense	30	12	6	12	28-36 30
Bombarralense	30	7	7	16	25-36 21
«O Elvas»	30	7	7	16	28-53 21
Amiense	30	6	5	19	27-28 17
U. Santarém	30	4	8	18	25-50 16

ZONA C

	J.	V.	E.	D.	G.
L. ÉVORA	30	16	9	5	63-26 41
U. Sport	30	12	14	4	32-17 38
Juventude	30	14	9	7	47-32 37
E. Lagos	30	11	14	5	42-23 36
C. Caparica	30	14	7	9	52-38 35
Amora	30	12	10	8	41-38 34
D. Beja	30	11	10	9	46-31 32
Estoril	30	12	8	10	44-42 32
Silves	30	13	4	13	42-44 30
Paio Pires	30	9	12	9	41-39 30
V. Gama	30	10	10	10	38-42 30
Lusitano V. R.	30	9	10	11	35-32 28
Vendas Novas	30	10	6	14	36-41 26
Aljustrelense	30	9	6	15	25-37 24
Luso	30	6	6	18	26-67 18
Moncarapachense	30	2	5	23	23-84 9

ZONA NORTE

	J.	V.	E.	G.	P.
ACADÉMICA	30	22	5	3	66-14 49
Varzim	30	14	8	8	27-23 36
Sp. Braga	30	11	12	7	36-22 34
Fafe	30	11	10	9	39-32 32
Gil Vicente	30	11	9	10	38-33 31
Oliveirense	30	8	15	7	29-25 31
Sanjoanense	30	10	10	10	32-29 30
Espinho	30	11	8	11	33-32 30
Salgueiros	30	11	7	12	24-33 29
Famalicão	30	9	10	11	31-34 28
Vilanovense	30	9	10	11	22-26 28
Riopele	30	8	11	11	23-34 27
Tirsense	30	9	8	13	32-40 26
Penafiel	30	9	7	14	25-37 25
Sp. Covilhã	30	9	6	15	27-43 24
U. Lamas	30	3	14	13	16-43 20

ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
OLHANENSE	30	18	7	5	50 - 24	43
Oriental	30	17	8	5	47 - 19	42
Portimonense	30	16	9	5	52 - 21	41
Marinhense	30	16	8	6	43 - 21	40
U. Leiria	30	17	5	8	50 - 27	39
Sintrense	30	11	10	9	38 - 37	32
Sesimbra	30	11	8	11	31 - 31	30
C. Piedade	30	9	10	11	28 - 34	28
Torres Novas	30	9	9	12	28 - 34	27
Almada	30	9	8	13	37 - 45	26
Peniche	30	9	8	13	26 - 35	26
Caldas	30	7	11	12	28 - 34	25
Sacavenense	30	9	5	16	29 - 49	23
Tramagal	30	8	7	15	27 - 51	23
Nazarenos	30	6	8	16	20 - 47	20
Seixal	30	4	7	19	26 - 51	15

ZONA A

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
D. CHAVES	30	17	8	5	62-26	42
D. Aves	30	20	2	8	61-36	42
Lourosa	30	18	6	6	46-29	42
Régua	30	15	6	9	62-36	36
Avintes	30	14	7	9	58-32	35
Freamunde	30	16	3	11	50-38	35
Leça	30	14	6	10	45-42	34
Vianense	30	13	8	9	48-30	34
Vila Real	30	14	5	11	38-27	33
Vizela	30	12	8	10	51-41	32
Lamego	30	13	6	11	55-43	32
Esposende	30	14	4	12	44-43	32
Limianos	30	10	5	15	26-41	25
S. Pedro da Cova	30	6	5	19	29-66	17
Valpaços	30	2	2	26	24-59	6
Moncorvo	30	1	1	28	11-122	3

ZONA B

	J.	V.	E.	D.	G.
GOUVEIA	30	20	3	7	55-23 43
Feirense	30	17	5	8	45-22 39
Alba	30	16	4	10	50-28 36
Ovarense	30	14	8	8	43-29 36
Marialvas	30	14	8	8	31-26 36
Mangualde	30	13	9	8	45-29 35
Anadia	30	14	5	11	39-31 33
Valecambrense	30	13	6	11	33-23 32
Acad. Viseu	30	12	8	10	35-29 32
P. Brandão	30	15	2	13	42-36 32
Ala Arriba	30	10	12	8	29-28 32
Naval	30	12	7	11	38-32 31
Feibes	30	12	6	12	34-38 30
C. Branco	30	3	4	20	16-50 16
Vilar Formoso	30	2	6	22	13-69 10
Mortágua	30	2	3	25	13-68 7

MONTEMOR VAI VER O MARÍTIMO

Começam já no próximo domingo os jogos de passagem da terceira para segunda divisão, que hão-de decorrer até 29 de Julho, de modo a apurar dois clubes por cada uma das zonas. O sorteio realizado na sede da Federação deu o seguinte resultado:

Zona Norte, 1.ª jornada (27 de Maio): Penafiel-Feirense e Tirsense-Aves; 2.ª jornada: Feirense-Tirsense e Aves-Penafiel; 3.ª jornada: Aves-Feirense e Tirsense-Penafiel.

Zona Sul, 1.ª jornada: Tramagal-Sacavenense e Odivelas-União

Sport; 2.ª jornada: Sacavenense-Odivelas e União Sport-Marítimo; 3.ª jornada: Marítimo-Sacavenense e Odivelas-Tramagal; 4.ª jornada: Sacavenense-União Sport e Tramagal-Marítimo; 5.ª jornada: União Sport-Tramagal e Marítimo-Odivelas.

Na segunda volta, os jogos realizam-se, pela mesma ordem, nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

O sorteio da principal prova deste fim de estação também se reali-

zou e dá acesso à primeira divisão. Mas, não teve tanto significado. Por um lado, só principia a 17 de Junho, data da final da «Taça de Portugal»; por outro, falta ainda decidir quem serão os 13.º e 14.º do campeonato da primeira divisão para se conhecer a exacta dimensão do calendário. Uma certeza há, no entanto: defrontam-se no primeiro dia as equipas da segunda divisão (entre si) e de igual modo as da primeira. Assim e designando por A o 13.º classificado da primeira divisão e por B o 14.º, temos o

seguinte calendário, também a duas voltas e a terminar a 22 de Julho: 1.ª jornada — Oriental-Varzim e B-C; 2.ª jornada — Varzim-B e A-Oriental; 3.ª jornada — A-Varzim e B-Oriental. Os jogos realizam-se todos as 17 horas, exceptuados os de domingo próximo que começa às 16.

Entretanto foi também sorteada a ordem das meias-finais do campeonato da terceira divisão, sabendo-se que jogam primeiro Chaves-Gouveia (em Chaves) e Torriense-Lusitano (em Torres Vedras). A

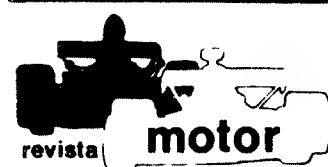
SETÚBAL QUER
MATINE E MARINHO

Em Setúbal procede-se a diligências para formar a nova direcção do Vitória, sendo indicado como nome mais provável para a presidência um conhecido industrial da construção civil, com actividade intensiva no distrito. Se a candidatura se concretizar e a referência individualidade assumir a direcção do Vitória, o clube deve contratar dois ou três jogadores de nomeada para reforçar o actual «plantel».

Os dois nomes indicados co-

mo prioritários são Matine (do Benfica, jogador do Vitória na época transacta) e o extremo direito do Sporting, o velocista Mo Marinho. Pelo menos informam-nos que foram estes dois jogadores os mais vivamente indigitados pelo técnico Pedro a pedido do eventual presidente dos sadinos.

meia-final, é a duas mãos, para apurar os dois clubes que disputam a final no dia 10 de Junho.



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Quadros, Penha do Castelo — BEIRA-ALTA

NÃO PINTE
OS CABELOS
USE RESTAURADOR
OLEX
E OS SEUS CABELOS VOL-
TARÃO A SUA COR PR-
MITIVA
Frasco 30500 - Corrente 0500
Podem enviar-nos os
Couto, Lda. - Porto
L. 5. Domingos, 104

FUNDOS DE ESTADO

Cons 2 3/4	470\$	470\$
Cons 3	510\$	510\$
Cons 3 1/2	600\$	600\$
Centenários	1.350\$	1.350\$
Tes 5 % 57	1.000\$	1.000\$
Tes 5 % 59		
Extern 3 a c	641\$	
Extern 3 a s	643\$	
Extern 3 a c	730\$	
Extern 3 a s	730\$	

FUNDOS PUBLICOS

A Lx 6 %	920\$	920\$	930\$
C M L 5 %	910\$	1.000\$	
C P 55 %	905\$	910\$	
C P 55 %			
C P 55 %			
Corr 5 3/4 %	930\$	930\$	940\$
Met 5 3/4 %	1.000\$		960\$
Tur 5 3/4 %	1.015\$	1.015\$	
C P 63 4			

ELECTRICAS

G 5 % 58			
G 5 % 59			
G 5 % 62			
G 5 % 63			
G 5 % 64			
G 5 % 65			
G 6 % 67			980\$
G 6 % 69			
G 7 %			1.030\$
H E A A 5 %			
H E C 5 %			750\$
H E D 6 %			960\$
H E D 6 %			950\$
H E N P 5 %			
H E S E 5 %			
H E S E 6 %			
H E Z 6 % 57			
N Elec 5 %			930\$
N Elec 6 %			920\$
Termoele 5 %			940\$
U E P 5 % 60			720\$
U E P 5 % 63			720\$
U E P 6 %			720\$
U E P 7 %			920\$
	1.005\$	1.005\$	

DIVERSAS

A P T 5 % 56			860\$
A P T 5 % 58			860\$
Lisnave 6 %			
Nitratos 60			
Pel 2 a 60			
Sacor 7 % 54	1.028\$	1.028\$	1.030\$
Sacor 5 % 54		955\$	
Sacor 5 % 60			880\$
Sid 5 % 2 a			720\$
Sid 5 % 3 a			720\$
Sid 5 % 4 a			720\$
Socel 5 %			
U Fabril 67	930\$	925\$	940\$
U Fabril 68	930\$	930\$	940\$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %			
Rev 5 % 57			
Rev 5 % 59/60			
Moçamb 5 %			600\$
Sonete 5 %			

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	
Algarve	
Alentejo	
Angola	
Borges & Irmão	
Crédito Predial	
Espírito Santo	
Fomento	
F & Burnay	
Intercontinental Português	
N. Ultramarino - m	
N. Ultramarino - c	
Pinto & Sotomayor	
Portugal - n	
Portugal - p	
P. Atlântico	
Totta & Açores	

J. BURNAY, LD^aNotas estrangeiras
Papeis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão
Índice de cotação das acções (Base Dez 65/100)

GERAL	14/5/73	18/5/73	21/5/73
METROPOL	362,2	360,4	360,7
ULTRAM	380,0	377,1	377,4
	231,3	237,7	238,5

De Seguros

Alentejo	1.020\$	1.020\$	1.050\$
Bonança	22.000\$	22.000\$	22.500\$
Império	51.000\$	50.000\$	54.000\$
Mundial	4.500\$	4.450\$	4.500\$
Soberana	7.500\$	7.500\$	8.000\$
Tranquilidade	16.700\$	16.600\$	16.700\$

Electricas

C P E p	1.250\$	1.250\$	1.260\$
C P E n		1.100\$	
E Beiras		1.900\$	1.950\$
G Elec c	402\$	400\$	402\$
H E A A	230\$	225\$	230\$
H E N P	350\$	340\$	350\$
H E S E	1.600\$		1.650\$
U E P	230\$		230\$

Ultramarinas

Ag Cassequei	1.350\$	x 300\$	1.350\$
Ag Incomat			2.200\$
Ag S T e P		200\$	
Ag Angola	2.100\$		2.150\$
Alg Angola	295\$	270\$	300\$
Ang Agric			750\$
Boror	305\$	305\$	310\$
Boror Com			145\$
Buzi	275\$		
Cabinda	185\$		190\$
Com Lobito			900\$
D A T 100	2.670\$	2.650\$	2.700\$
H E Revue			650\$
I do Princ		450\$	
Moçambique			450\$
Sonete n	450\$	450\$	
Sonete p	550\$	550\$	600\$
Zambezia	159\$	155\$	160\$

Diversas

Ag Lx -ant	1.280\$		
Ag Lx - 34			
Ag Lx - 36		5.600\$	6.000\$
Cel Guadiana	30.000\$	29.700\$	30.000\$
C Leiria - p	62.500\$	62.500\$	63.000\$
C Tejo - p	2.250\$	2.200\$	2.250\$
F Ramada	600\$	600\$	605\$
Fornos Eléctricos	7.600\$	7.500\$	7.700\$
P Celulose	13.500\$	13.500\$	13.600\$
Siderurgia - p	6.490\$	6.490\$	6.500\$
Siderurgia - n	6.200\$	6.100\$	6.300\$
Socel			
Cidia	5.300\$	5.300\$	5.350\$
C U F	800\$	790\$	800\$
Intar	1.600\$	1.600\$	1.650\$
Nitratos	1.700\$	1.600\$	1.700\$
Petroquímica	6.900\$		6.900\$
Sacor	7.500\$	7.500\$	7.800\$
Tab Portugal	15.000\$	15.000\$	
Tabagreira	1.300\$	1.300\$	1.350\$
U F Azoto	610\$	610\$	
Empor	1.250\$	1.250\$	
Ind Aliança	2.380\$	2.380\$	
I P Colónias			4.500\$
Nacional Navegação	2.390\$	2.390\$	2.400\$
Navegação (Col)			1.650\$
P Pesca	6.400\$	6.400\$	
Matur	3.600\$	3.600\$	3.700\$
R Marconi	2.020\$	2.020\$	2.050\$
T A P	1.300\$		1.300\$
Compal			
Salv			4.100\$
Penina			4.500\$
Grão-Pará	4.550\$	4.500\$	17.500\$
Lisnave			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico			
F. I. D. E. S.	258\$3		266\$

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	\$	\$
Alemanha Marco	8590	9520
América	24540	25320
Dollars de 1 a 2	24570	25550
Dollars de 5 a 20	24590	25570
Dollars de 50 a 1000	\$	\$
Argentina Peso Novo	1322	1328
Austria Schilling	362	365
Bélgica Franco	3360	4540
Brasil Cruzeiro	24520	25500
Canadá Dólar	24530	25530
Dinamarca Coroa	343	345
Espanha Peseta	5540	5575
Frância Franco	8555	8585
Holanda Florim	63500	66500
Inglaterra Libra	\$	\$
Itália Lira	4515	4545
Marrocos Dhrán	5545	5580
Noruega Coroa	7570	8505
Suécia Coroa	4500	4530
Suíça Franco	\$04,1	\$94,5
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel		
Inglaterra 1/2 Libra		
Ouro fino Barra		

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIASPraça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

COLUMBO

O episódio desta noite desempenhado
como habitualmente por Peter Falk intitu-
tula-se «O Jogo Decisivo».

2.º Programa (22.05)

MUSEU DO CINEMA

Apresentação de António Lopes Ribeiro
com a colaboração musical de António
Meio.

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Fronteiras do amanhã
13.15 Debbie Reynolds
13.15 A Família Partridge
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa-Língua Portuguesa
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Torneio Internacional de Bad-
mington Transmissão directa
20.55 «Os Caminhos de Noel»
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.05 Columbo
23.40 Telejornal 4.ª Edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e «A Família Partridge»
20.55 Vivendo o futuro
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Museu do cinema
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Fronteiras do amanhã
13.15 Debbie Reynolds
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 O Livro à procura do leitor
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa Matemática mo-
derna
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 TV Infantil
20.00 Dimensão
20.55 Mesa Redonda
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Noite de cinema «O Jogador Pro-
fissional»
23.45 Telejornal 4.ª Edição
00.00 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Debbie Reynolds
20.55 O Livro à procura do leitor
21.15 Desenhos animados
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Expedição
22.55 Tempo Internacional
23.15 Concerto -
23.45 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	75 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o
céu estava geralmente muito
nublado, o vento era fraco de
sudeste e caíam aguaceiros
em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
FARO	17°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira	Máxima	19,5°
--------	--------	-------

P. da Saúde	Mínima	1,7°
-------------	--------	------

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar	17,0°
Atmosfera	15,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.36 3,3 m	11.56 1,2 m
18.49 3,6 m	...

DIA 22

7.16 3,2 m	0.28 1,2 m
19.30 3,5 m	12.38 1,3 m

DIA 23

8.00 3,2 m	1.16 1,3 m
20.16 3,4 m	13.28 1,5 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Período de céu muito nublado:
vento pouco moderado do qua-
drante oeste, aguaceiros mais fre-
quentes a norte do Tejo

AMANHÃ

NAScer ÀS 6.19
OCASO ÀS 20.47

DIA 25 DIA 1 DIA 7 DIA 15

Formas de serviço

LISBOA

TURNO J-1
TODA A NOITE

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Tel. 637563)

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro 36 (Tel. 886126)

ALVALADE
Libra, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); Celta, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Tel. 681515)

ARCO DO CEGO
Providência, R. D. Filipa de Vilhena 9-C (Tel. 770324)

AREIRO
Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); Poies, Rua Abade de Faria, 22-A (Tel. 721965)

ARROIOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18 (Tel. 30927)

RELEM
Botânica, Rua da Junqueira 38 (Tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Tel. 703697); Canto, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel. 780841)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Tel. 687475); Ronil R. Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão 2 (Tel. 631330)

ESTEFÂNIA
Dello, Rua Açores, 32 (Tel. 52388)

LUMIAR
Patoleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel. 790332)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50-52 (Tel. 610280)

PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 27-A (Tel. 843880); Higiénica, Rua Heliodoro Salgado 20-A (Tel. 844361)

S. SEBASTIÃO
Berna, Av. de Berna, 44-A (Tel. 773568); Oliveira Viagas, Rua Vinato, 29-A (Tel. 48966 e 553601)

TURNO J-2
ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (Tel. 638256); Tapada, Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro) 7-A (Tel. 843571)

ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Tel. 821773)

AREIRO
Marbel, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235); Chindo, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331)

BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 178 (Tel. 362687)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A, 182, (Tel. 651840)

BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Tel. 321342-325553)

BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfca, 44-A (Tel. 782606)

CAMPO DE OURIQUE
Findo, Rua Maria Pia, 514 (Tel. 687949)

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (Tel. 553306)

CASTELO

Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista 35 (Tel. 661251)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 991131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grllo) (Tel. 382470)

OLIVEIRAS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 810581)

PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justino Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel. 41961 e 54672)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João V - lote 148-B - Janeiro (Tel. 932758) Central Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210)

DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2 - A (Tel. 970461)

VENDE NOVA
Nova R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
Gil Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) Simões Lopes Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Araújo e Sá

MEM MARTINS
Químia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Marras L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)

COLARES
Colares Abreja (Tel. 29088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1 - A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho e Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro B. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Tel. 2430691)

PAREDE
Grincho Av. da República, 87 (Tel. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Tel. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes R. Hangar, 3 (Tel. 280008)

CASCAIS
Marginal Av. Marginal (Tel. 280078) A. Costa R. Freitas Reis, 24 - C (Tel. 280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gemeiro L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Galeiro R. Capitão Leitão, 85 - B (Tel. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA

Alfama Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Seares Av. da República, 1 (Tel. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50 - A (Tel. 2760182)

MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)

SEIXAL
Leão Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL
Marques R. Arronches Junqueira (Tel. 22783) Bonfim Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

4.º TURNO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601. Coome, Rua Costa Cabral, 584. S. Diniz, Rua S. Diniz, 428. Seolro, Rua Santos Pousada, 71. V. Valla, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100. Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520. Antunes, Rua do Bonjardim, 485. Cardosa dos Santos, Rua D. Manuel II, 90. Herculanio, Rua Alex. Herculanio, 384

COIMBRA

TURNO L

Palva, Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23231)

cinemas

CINEARTE (Tel. 660446)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«A ULTIMA CRUZADA» um filme sobre a construção de uma pátria e «O QUARTO PRIVADO» com Stella Steila Stevens e Shelley Winters

BENA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
4.ª Semana. Eastmancolor. Grupo D (18 anos). Um filme de Jean Pierre Melville «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE». C/ Alain Delon e Catherine Deneuve.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
Estreia às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Colorido. O filme de Luis Buñuel «O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA» Com Fernando Rey, Stéphane Audran, Jean-Pierre Cassel e Delphine Seyrig

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00-17.00-19.00-21.45-2.ª Semana
Grupo D (18 anos) Massimo Ranieri, Ottavia Piccolo
BUBU DE MONTMARNASSE um filme de Mauro Bolognini. Estacionamento Parque Castil

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
«O TIO VÂNIA» de Tchekov. Colorido. Grupo C (14 anos)

MONUMENTAL (Tel. 55131)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Color - 4.ª Semana
«THE GETAWAY» (Tiro de escape) Steve McQueen e Ali McGraw num filme de Sam Peckinpah. Quinzenas de Bom Cinema Ingmar Bergman hoje às 18.30 (Adultos) «O SETIMO SELO» 4.ª Feira dia 23 «RUMO A FELICIDADE» (Adultos)

SATÉLITE (Tel. 555131)
(Grupo D - 18 anos) 7.ª Semana
Grupo D (18 anos). 6.ª Semana. Um filme de António Pedro Vasconcelos. «PERDIDO POR CEM», c/ José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins.

IMPERIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
Technicolor - Paul Newman e Lee Marvin «DINHEIRO TROCADO» (Metro Alameda)

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Eastmancolor «OS JOVENS TIGRES» Com Helmut Berger e Luca della Porta

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana. Grupo C (14 anos). Panavision-Color. «O JOVEM LEÃO» Robert Shaw, Annie Brancroft, Simon Ward.

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo C - 14 anos) - 5.ª Semana
«SEGUE-ME QUERIDO...» com Topol e Mia Farrow

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 17.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» Terence Hill e Bud Spencer.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
Eastmancolor «O LOIRO DO SAPATO PRETO» Pierre Richard, Mireille Darc. Realização de Yves Robert. Tardes infantis (Grupo A-6 anos). Hoje às 18.15 «UMA NOITE NA ÓPERA» com os Irmãos Max.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Um filme de Sidney Lumet. «LONGA JORNADA PARA A NOITE». Com Katherine HXEPBURN E Ralph Richardson

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Alfredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em «EMPRESTA-MA... POR QUINZE DIAS» Mais audácia nunca se viu em fazer rir com um marido... a mulher... e o novo dela...

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos) «PERSEGUIÇÃO JORNADA PARA A NOITE». Com Louis Trintignant, Lea Massari e Robert Ryan.

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss - 6.ª Semana
GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana! Colorido. Grupo D (18 anos). Dustin Hoffman em «CÃES DE PALHA», o filme de Sam Peckinpah.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos). 6.ª Semana. Color. Um filme de Jan Kadar «MULHER A DERIVA». Red Marcovic, Milena Dravic (Metro Alameda).

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«A CASA DOS DESEJOS», em complemento «OS DUPLS DO CRIME» (Metropolitano Arroios-P. Chilo)

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«CENTURIÕES DO SÉCULO XX» em complemento «DESTINOS OPOSTOS»

S. JORGE (Plateia 54153 - Balcão 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Exito! 5.ª Semana «PARIS MANICOMIO DO AMOR». Com Marthe Keller. Grupo D (18 anos).

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45 2.ª Semana
Grupo D (18 anos) Eastmancolor «A MÃO DE FERRO» Realização de Cheng Chang Ho.

POLITEAMA (Tel. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos). Colorido. Robert Wood, Susan Scott. «A MORTE CHEGA A ASSOBIAR».

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45 2.ª Semana
Grupo D (18 anos). Technicolor. Frankie Howard em «A CHAVE DO CINTO DA CASTIDADE». Simplesmente atrevido.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30, 21.45
Grupo D (18 anos). «MASCULINO FEMININO». Realização de Jean-Luc Godard com Marlène Jobert e Jean Pierre Léaud.

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.

PRINCEPE NEGRO — Dancing com variedades. Calçada da Glória, 2. Telef. 368987

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11. Encerra aos domingos. Telef. 320164.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167

EL CIDE — Dancing com variedades. Com o conjunto «X 4». Rua Bernardo Lima, 18-A (ao Conde Redondo). Telef. 560538.

CACO — Dancing com musica ambiente, com singular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. R. Gomes Freire, 145-B. Aberto das 18 h às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Martins» todos os dias Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889. Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante. Aberto até às 5 h. da madrugada Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422 (Ar condicionado).

LISBOA/Teatros

B.V.L.
R. Camilo Castelo Branco, 33)
21.45 (18 anos)
«A Comédia Moscheta» de Ruzarte.

CAPITÓLIO
21.45 (14 anos)
«A Cama dos Comuns».

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (14 anos)
«Segue-me querido».

RESTELO
21.30 (14 anos)
«Segue-me querido...»

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«O pistoleiro esquecido».

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«A última cruzada».

JARDIM CINEMA

21.30 (10 anos)
«O lobo vermelho».

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
Encontro com uma mulher de 30 anos».

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«A filha de Ryan».

MAYER
21.00 (18 anos)
«Ora bolas, eu a moie».

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Perseguição».

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
Zapata».

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«As cicatrizes do Drácula».

AMADORA
Recreios Desportivos
21.45 (18 anos)
«Ontem, hoje e amanhã».

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«5 Filhos do Diabo».

Academia
21.15 (10 anos)
«Que se passa doutor».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«A espera de julgamento».

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
22.00 (18 anos)
«Vítimas do dever».

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura».

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Homens de ferro» e «Matar para viver».

COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Conspiração».

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amor às 3 da tarde».

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Memórias de uma alcoviteira».

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«A maior proeza do Oeste».

S. JO

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIÁRIA TELEF. 1363
LISBOA PORTUGAL

Mais activa a guerrilha na Guiné

BISSAU, 20 Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas, relativo ao período de 1 a 15 de Maio, cujo teor é o seguinte:

«No prosseguimento da actividade relatada em boletins anteriores, as nossas forças continuaram empenhadas nas actividades normais de contra-guerrilha e de apoio à evacuação dos programas governativos de promoção económica e social.

Neste domínio, a quinzena caracterizou-se pelo início em Bissau, dos trabalhos da fase final do IV Congresso do Povo, reunindo cerca de um milhar de congressistas vindos de todos os pontos da província, e pelo reforço da participação das populações na sua própria defesa com mais quatro pelotões de milícia popular, que concluíram, durante o período, o seu ciclo de instrução militar e regressaram às suas regiões de origem, a cuja defesa se destinam. No quadro da assistência sanitária, às populações que continuam a acorrer aos nossos postos de fronteira foi dispensado tratamento médico e medicamentos a 2598 senegaleses, 101 cidadãos da República da Guiné e 11 gambiaños, num total de 2716 assistidos, alguns dos quais foram evacuados para hospitais do interior da província. Verificou-se ainda o regresso de 157 elementos da população refugiados nos países limítrofes, que foram acolhidos pelas autoridades e encaminhados para as regiões onde declararam desejar fixar-se, ao abrigo dos programas de auxílio à reintegração.

No plano militar, o inimigo revelou-se mais activo contra as nossas guarnições de fronteira, especialmente no norte, onde visou particularmente as povoações de Guidage, Bigene

e Ganturé, tendo ainda actuado contra Aldeia Formosa e Guilege, na fronteira sul, instalando, nesta última acção, as suas armas no território da República da Guiné. Continuou, além disso, a orientar o seu esforço na tentativa de impedir os programas de desenvolvimento em curso nas regiões de Tombali e Cantanhaz, e actuou contra populações e trabalhos de abertura de itinerários nas regiões de Bedanda, Cumbijá, Caboxanque, Jemberem e Chugué. Flagelou também, com fogos de armas pesadas, as povoações de Joimete, Saliquinhedim e Oloosato, e atacou populações nas áreas de Sinchã, Maundé Bucó, Tama, Bantanquilim, Copá e Paíma.

As nossas forças, na sequência da actividade operacional que vêm desenvolvendo, detectaram e neutralizaram, com a colaboração das populações, grupos inimigos que haviam conseguido infiltrar-se nas áreas de Nova Sintra, Fulcunda e Choquemone. Como consequência desta actividade bem como da reacção conjunta das nossas forças, milícias e populações armadas às acções contra as povoações atacadas ou flageladas com fogos, o inimigo sofreu, durante o período, 53 mortos e a apreensão de armamento e material diverso, de que se destacam duas metralhadoras «Degtyarev», 12 espingardas automáticas «Kalashnikov», cinco espingardas «Moin Nagant» e quatro «Mauser», três lança-granadas «RPG2», 24 pistolas metralhadoras «PPSh» e duas pistolas «Tokarev». Foram ainda recolhidos diversos acessórios e artigos de equipamento abandonados nos locais de acção.

As nossas forças sofreram 25 mortos em combate, cuja identificação foi oportunamente divulgada. (L/ANI).

Tiros e derrapagens na perseguição a três assaltantes

Surpreendidos a assaltar o cofre de um «stand» de motores de barco, na Av. Infante Santo, três homens tentaram escapar a um carro-patrulha da PSP, utilizando um automóvel anteriormente roubado. Foi na manhã de ontem. Os guardas e respectivo graduado que ocupavam o carro-patrulha, suspeitaram do facto, devido a reconhecerem o automóvel parado junto da porta do «stand», um veículo de matrícula estrangeira que, na sexta-feira, tinha desaparecido da Av. D. Rodrigo da Cunha, constando na lista de carros roubados. Ao presenciarem a aproximação da Polícia, os três homens saltaram do interior do «stand» para o carro furtado e, numa manobra estranha e arriscada, tentaram a fuga em marcha atrás e em louca velocidade. Chocaram com vários veículos e mesmo com o carro-patrulha,

ao qual produziram danos, acabando por embater num «pimenteiro» de sinalização, após o que procuraram abandonar o automóvel e fugir cada um por seu lado. Na perseguição então movida, os agentes da PSP fizeram alguns disparos, conseguindo deter dois dos três homens, que usam a alcunha de «Camilhas» e «Orlando», respectivamente, fazendo parte, ao que parece, de uma quadrilha especializada em arrombamento de cofres-fortes e que a P. J. já teria identificado. Quanto ao terceiro homem, supõe-se que se trata de um tal «Anjo», antigo pugilista, com largo cadastro e indivíduo de carácter violento, pensando-se que andará algures pela outra margem do Tejo, perto de Lisboa.

Os dois detidos foram enviados para o Governo Civil, de onde transitaram para a Polícia Judiciária.

OS HOMENS DE BOA VONTADE DEVEM EMPENHAR-SE SÉRIAMENTE NA TRANSFORMAÇÃO DESTE MUNDO

-Afirmam os bispos da Metrópole

Continuação da pag. 1

mo; a condição infra-humana em que tantos vivem, diminuídos por graves carências alimentares, habitacionais, sanitárias, de emprego, educacionais e culturais; a existência de limitações, não raro injustificadas, ao pleno exercício dos direitos e garantias fundamentais das pessoas e dos grupos; o agravamento de numerosas formas de alienação, de medo e de mentira; a expansão de uma economia que não está ao serviço de todos e cujo móbil primário é o lucro; a difusão de motivações que induzem a satisfazer necessidades não verdadeiramente sentidas nem conducentes à genuína realização humana; a oferta e aceitação de condições de trabalho despersonalizadas, nas quais o homem é equiparado à máquina, com prejuízo da sua capacidade criadora; a implantação de estruturas urbanas em que faltam condições dignas de alojamento, de acesso aos locais de trabalho e aos equipamentos colectivos; o alastramento de formas de marginalidade, algumas criminosas e imorais; e a crescente insatisfação da juventude que não encontra padrões de vida ajustados às suas reais necessidades.

Em face disto, temos necessariamente de dizer, com os bispos reunidos no último Sínodo: «Ao ouvirmos o clamor daqueles que sofrem a violência e se vêem oprimidos pelos sistemas e mecanismos injustos, bem como a interpelação de um mundo que, com a sua perversidade, contradiz os desígnios do Criador, chegámos à unanimidade de consciência sobre a vocação da Igreja para estar presente no coração do mundo, pregando a Boa-Nova aos pobres, a libertação aos oprimidos e a alegria aos aflitos (...). A acção pela justiça e a participação na transformação do mundo aparecem-nos claramente como uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, que o mesmo é dizer, da missão da Igreja em prol da redenção e libertação do género humano de todas as situações pressivas».

Depois de salientar o significado dos direitos humanos e a necessidade de os preservar, a Carta-Pastoral afirma:

«Compete aos poderes públicos velar pela observância integral dos direitos humanos, harmonizar e regular devidamente o seu exercício, garantir a reparação dos que forem lesados e trabalhar pela instauração de uma ordem social que facilite aos cidadãos a defesa dos seus direitos e o cumprimento dos seus deveres. Não desfaçam os governantes nesta árdua tarefa, nem se deixem vencer pela tentação, sempre possível, de alargar a ordem social mais em razão de poder do que em motivos de direito».

E logo a seguir, descendo do abstracto ao concreto:

Não ignoramos o esforço em-

AERÓDROMO DE LEIRIA

LEIRIA, 21 Devido às condições desfavoráveis do tempo, foi adiada para data a anunciar oportunamente a inauguração do campo de aviação de Leiria, que estava anunciada para amanhã. O novo aeródromo, já autorizado superiormente, ficará aberto ao tráfego e ligado à rede nacional.

preendido para dotar o País de mais riqueza, de melhor nível cultural e de mais ampla rede de previdência, saúde e assistência. Contudo, ninguém poderá declarar-se inteiramente satisfeito enquanto, também entre nós, subsistirem muitas das carências habitacionais, alimentares, sanitárias, educativas e de emprego, que acima descobrimos no panorama do mundo contemporâneo. Não poderemos descansar enquanto a expansão económica favorecer desmedidamente alguns, sem proporcionar a todos os cidadãos a parte equitativa que lhes cabe na produção e distribuição dos bens. Não poderemos deter-nos, no caminho do progresso, enquanto a agricultura continuar a ser um sector deprimido no confronto com a indústria e os serviços, enquanto as possibilidades de acesso à educação e à cultura não estiverem generalizadas a todos os portugueses, enquanto houver quem se sinta indefeso perante a doença e a velhice, enquanto os verdadeiros padrões de vida moral e cívica não impregnarem a sociedade inteira e lhe constituírem a autêntica armadura defensiva.

De igual modo, não ignoramos o esforço de aperfeiçoamento do nosso sistema jurídico, em alguns pontos desajustado às situações reais. E, neste particular, tivemos ocasião de, por mais de uma vez, oferecer o nosso contributo em documentos públicos. Reconhecemos os progressos efectuados em tal domínio. Mas, como as discriminações renascem continuamente, há direitos humanos ainda não plenamente reconhecidos ou respeitados e, em vários casos, aspectos legislativos que importa aperfeiçoar.

Os bispos acentuam a importância da vida política: «Ninguém pode manter-se alheio em aspecto tão decisivo da vida como este, nem fechar-se num conformismo superficial e ineficaz». Afirmam igualmente que «a Igreja reconhece e defende o pluralismo de opções políticas», e citam o Concílio Vaticano II:

«É plenamente conforme com a natureza do homem que se encontrem estruturas jurídicas-políticas nas quais todos os cidadãos tenham a possibilidade efectiva de participar livre e activamente, de maneira cada vez mais perfeita e sem qualquer discriminação, tanto no estabelecimento das bases jurídicas da comunidade política, como na gestão da coisa pública e na determinação do campo e fim das várias instituições e na escolha dos governantes».

Mas o texto dos bispos portugueses põe algumas condições para o exercício do pluralismo político, acentuando:

São inaceitáveis os esquemas totalitários de qualquer matiz, que, em nome de um falso messianismo, sacrificam e escravizam os homens de hoje ao advento de um mundo de amanhã, porventura mais desumano que o actual. Para o cristão, são ainda inaceitáveis as opções, com particular referência às de inspiração marxista, que se traduzem na negação de Deus, que procuram cercar a liberdade da Igreja e que desrespeitam as convicções religiosas da consciência individual e colectiva. Afora as posições extremistas e irredutíveis, a atitude plural favorece o diálogo e permite uma aproximação progressiva da verdade.

Afirma-se também que «a escolha dos dirigentes políticos é aspecto de primordial importância na vida do País», salientando-se que o sufrágio, «para ser efectivo, deve poder exercer-se livre e ordenadamente». Sobre a participação dos padres na vida política — assunto muito actual, neste ano de eleições —, reafirma-se uma posição já assumida em 1969 e salienta-se a permanência do seu valor e actualidade:

«A aproximação das eleições de deputados à Assembleia Nacional levou a pôr à Assembleia Episcopal a questão da conveniência de serem incluídos nas listas de candidatos a deputados nomes de membros do clero. Atendendo a que a opinião pública se revela cada vez mais sensibilizada aos valores da isenção e independência política do clero — através do qual a Igreja é mais geralmente vista e julgada — e a que ele se não deve colocar em situação que possa prejudicar a sua primordial função de princípio de unidade nas comunidades dos fiéis, os bispos da Metrópole acordaram entre si, por motivos pastorais, não autorizar os padres sob a sua jurisdição a darem o nome a estas listas, de qualquer corrente política que sejam. Estão certos que se encontrarão nos membros do laicado católico que vierem a ser eleitos, independentemente das suas opções políticas, os porta-vozes do pensamento cristão que deve enformar as soluções concretas dos problemas nacionais».

CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Deste capítulo, destacamos a seguinte significativa passagem:

Preocupam-nos alguns sintomas de violência, que se vêm manifestando na sociedade portuguesa. Nalguns casos, poderão ser índice de injustiças profundas, que será então urgente remediar. De qualquer modo, sabemos todos que a violência gera o ódio e nunca, salvo muito raras excepções, é caminho legítimo para a paz. O caminho da paz atravessa as veredas árduas do diálogo persistente, do empenhamento sério e construtivo, da confrontação cordial das posições antagónicas ou divergentes. Quem ponha confiança na violência e na revolução, contradiz o espírito de Cristo e, em vez de favorecer, pode retardar a desejada evolução social.

As características conflituais e competitivas da civilização contemporânea geram situações de tensão, que frequentemente explodem em gestos violentos e descontrolados. A solução positiva de semelhantes situações pede o aparecimento de espaços vitais mais humanos, onde o homem se não sinta isolado nem dominado pelo homem. Outras vezes, a violência só se eliminará por aquela reforma audaz, preconizada pelo Papa Paulo VI, que enfrenta corajosamente as injustiças, para as combater e vencer. Quando o objectivo da acção violenta é apenas um propósito anarquista ou destruidor, a autoridade pública só cabe manter a observância da lei e garantir aquele mínimo de segurança, sem o qual não há convivência possível, nem prática da justiça, nem progresso social. Cuidem, porém, os poderes públicos de que os processos de manter a segurança sejam não só eticamente irrepreensíveis, mas também correctamente jurídicos.

O problema africano visto por Rui Patrício

Respondendo a diversas perguntas que lhe foram formuladas pelo jornal brasileiro «O Estado de S. Paulo», o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, afirmou a dado passo não poder, na verdade, «dizer que nos consideramos satisfeitos com o estado actual das relações económicas entre o Brasil e Portugal, não obstante os significativos progressos verificados, particularmente nos últimos anos, como se pode verificar da evolução dos números». Segundo a transcrição da entrevista feita pela agência France Presse, o ministro produziu afirmações de carácter político que assumem particular significado.

PERGUNTA — O programa de Portugal — conceder a independência por etapas — prevê, a curto prazo, outras iniciativas? Quais? Quando?

RESPOSTA — O programa de Portugal é, em primeiro lugar, o de defender a independência da Nação Portuguesa e a sua integridade territorial. Em segundo lugar, é o de continuar a promover o progresso político económico e social de todos os cidadãos portugueses, através do aperfeiçoamento das instituições políticas, dos amplos programas de desenvolvimento económico e da intensa promoção cultural que os números sobre a expansão das actividades educacionais revelam tão expressivamente. Este programa de Portugal só é dificultado na sua execução pelos obstáculos que havemos de vencer, constituídos pelos ataques armados externos e pelas ingerências estrangeiras de outro tipo, condenável à face do Direito Internacional e contrários aos princípios da independência dos Estados e da autodeterminação dos povos.

PERGUNTA — Na Chancelaria brasileira afirma-se que o Brasil se dispõe a votar na O.N.U., a favor dos africanos, na pendência com Portugal, desde que se trate de uma resolução «branda», isto é não radical como as que, comumente, são patrocinadas. Como Portugal veria o apoio brasileiro a uma resolução da O.N.U., concitando Portugal a conceder, imediatamente, independência a Angola, Moçambique e Guiné?

RESPOSTA — As resoluções da O.N.U. valem o que valer a própria O.N.U. e a O.N.U. vale cada vez menos: hoje é um organismo decrépito e desacreditado, que perdeu toda a utilidade como instrumento de decisão internacional. Os factos mostram bem até que ponto vai a sua impotência que resolver litígios sérios ou salvaguardar a paz do Mundo.

(...) Em compensação, a O.N.U. parece muito preocupada com as pretensas questões relativas a Portugal. Que atenção nos poderiam merecer resoluções de um organismo que convidamos insistentemente a visitar as nossas províncias ultramarinas, para que ali se possa certificar com os seus olhos da inverteza das acusações que nos são feitas e que, até hoje, obstinadamente, se recusou a tomar sequer conhecimento do convite? Também não posso aceitar a distinção, que faz na sua pergunta entre resoluções brandas e resoluções não brandas ou radicais. As resoluções são sempre resoluções.

Exclusivo

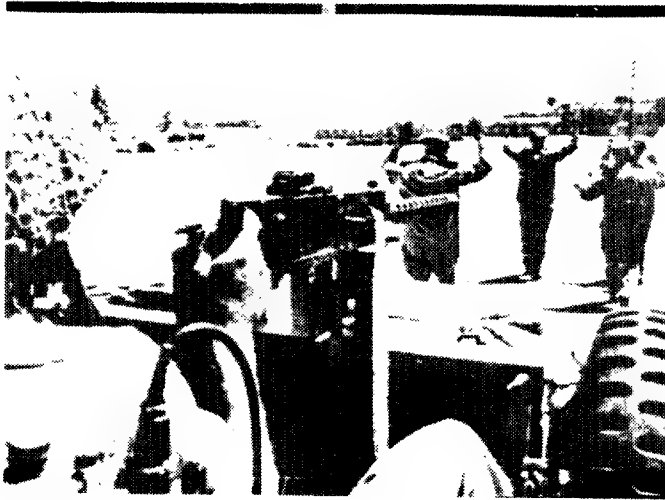
ISRAEL TEM VINTE E CINCO ANOS-1 PÁTRIA GANHA POR UNS E PERDIDA POR OUTROS

Acabam de comemorar-se os vinte e cinco anos do Estado de Israel. A criação deste, em 14 de Maio de 1948, proclamada por Ben Gurion, pôs fim a uma grande aventura, ao mesmo tempo que uma outra começava. Dispersos pelo mundo depois da destruição do segundo templo pelos romanos, os judeus não haviam deixado, durante quase dois mil anos, de repetir através das suas atribuições: «no próximo ano em Jerusalém», sem acreditar muito, no entanto, que o seu voto pudesse ser satisfeito.

O grande regresso, pregado por Theodor Herzl no fim do século XIX, devia realizar este sonho. Desenvolvendo uma incansável actividade, os dirigentes sionistas obtinham, graças à declaração Balfour, em 1917, a promessa de uma «pátria nacional judaica» na Palestina. Reunindo fundos, organizando a imigração, oficial ou clandestina, segundo as circunstâncias, resgatando terras, a Agência Judaica acabou por obter das Nações Unidas, em 1947, a partilha do país entre judeus e árabes. Com a abolição do mandato britânico sobre a Palestina e a proclamação do Estado de Israel, os israelitas iam, desde então, escrever uma nova página da história do povo judeu.

Desde o princípio, no entanto, o direito invocado sobre a terra outrora prometida esbarra com o direito daqueles que, há milénios, viviam, também, sobre esse solo onde se encontram as três grandes religiões monoteístas. Enquanto que as vítimas do anti-semitismo que imperava na Europa há séculos e os seus e salvos do holocausto nazi se regozijavam por encontrar uma nova pátria, os palestinos não se resignavam a perder a sua.

Lutando dia após dia com uma energia que causa admi-



ração, mas beneficiando, também, de um auxílio exterior considerável, os israelitas começaram há vinte e cinco anos a fazer uma nação de homens de mentalidades e de filosofias frequentemente muito diferentes, vindos de todos os horizontes, modernizando completamente o país do qual fizeram, com o apoio dos Estados Unidos, a principal potência militar do Próximo Oriente. A própria afirmação desta potência susci-

tou novos problemas. Bastião assediado em 1948, Israel tornou-se uma cidadela actualmente inexpugnável. Porém, «Tshal», que se apresentava na sua origem como um exército de libertação, é hoje acusado de ser um exército de ocupação com tendências anexionistas. Os grupos dirigentes vêm censurar-se-lhes o seu conservantismo por membros eminentes da Diáspora, e uma parte da juventude, inquieta com o perigo que a ocupação de vastos territórios árabes faz correr no futuro o Estado judeu e a sua alma.

No domínio internacional, Israel, que, quando do seu nascimento, soubera provocar simultaneamente uma imensa corrente de solidariedade no Ocidente e ganhar a confiança de numerosos países do terceiro Mundo, vê bem que o respeito de que beneficia o deve mais ao temor do que à simpatia. Não se viu, recentemente, cinco capitais africanas romper as suas relações diplomáticas com Jerusalém, ao mesmo tempo que a União Soviética, que poderosamente contribuiu para a criação do Estado de Israel, sugeria a sua exclusão das Nações Unidas? A própria Europa, dividida entre os seus interesses sempre crescentes nos países árabes e a dívida moral que havia contraído para com os judeus perseguidos, começa a manifestar reservas perante a política dos «factos consumados» e a intransigência dos dirigentes israelitas. Não se vê, também, através do mundo, os partidos da esquerda, durante muito tempo favoráveis à experiência israelita, dispensar cada vez mais atenção ao movimento de libertação árabe, e à sua expressão mais radical, a resistência palestina?

PAUL BALTA

UMA DIPLOMACIA A TODOS OS AZIMUTES

Depois de ter abordado os problemas internos da Líbia após a chegada ao poder do coronel Kadhafi, em 1 de Setembro de 1969, e descrito as realizações económicas do novo regime, Paul Balta analisa, num terceiro e último artigo, os diferentes aspectos da política externa de Trípoli.

TRÍPOLI — «Outrora habituada à quase ignorância da Líbia, tanto as capitais ocidentais e orientais, como também as árabes, são frequentemente surpreendidas ou irritadas pela diplomacia a todos os azimutes do coronel Kadhafi. Como todos os beduínos, é um simplificador que não se embaraça nada com subtilidades. Simples, claro, directo, diz o que pensa e faz o que diz. É isto que desconcerta. Mas, que se há-de fazer?» Com mais ou menos tonalidades, a a linguagem que mantém a maior parte dos diplomatas em serviço em Trípoli, enquanto que os seus governos respectivos tentam acomodar-se, às vezes de mau humor, às decisões do jovem chefe do Estado.

A Itália passou uma esponja sobre a expulsão, em 1970, dos seus doze mil súditos que viviam ainda na Líbia. A Grã-Bretanha não exerceu verdadeiramente represálias após a evacuação das suas bases libias e a nacionalização da B.P. A Alemanha Federal arquivou rapidamente o assunto dos «fedayn» de Munique, refugiados em Trípoli. Os Estados Unidos, que evacuaram a base de Wheelus, fazem cara de quem não ouve as diatribes contra o «imperialismo americano»; é certo que protestaram vigorosamente quando os caças,

**3 A LÍBIA
DO
IMPETUOSO
CORONEL**

libios atacaram, no fim de Março, um C-130, acusado de se entregar a uma missão de espionagem, porém, as coisas parecem ter ficado por aí. E porque Roma, Londres e Bona são os melhores fornecedores da Líbia e os principais compradores do seu petróleo? E se Washington se mostra tão prudente, não é para evitar uma eventual nacionalização das companhias petrolíferas americanas, maioritárias na Líbia? Pode-se fazer a pergunta. No entanto, certos países árabes progressistas afirmam, mais ou menos abertamente, que, se o regime líbio continua em segurança, é porque o seu anticomunismo serve os interesses da América. Mas, então, como explicar que Moscovo tenha reagido tão discretamente aos ataques anti-soviéticos do coronel Kadhafi? Quanto à França, mantém, como se sabe,

as melhores relações com o novo regime. É verdade que a entrega dos Mirage da qual Trípoli havia feito uma condição de cooperação económica e técnica — quando Moscovo propunha Mig a preços que desafiavam toda a concorrência — permitiu à França ocupar o quarto lugar no mercado líbio como fornecedor.

Por seu lado, os dirigentes de Trípoli defendem-se de «fazer o jogo de quem quer que seja». E preciso notar que, contrariamente à Arábia Saudita, que, através de Aranco, se «entregou de pés e mãos atados aos Estados Unidos», eles não hesitaram em exigir a evacuação da gigantesca base americana de Wheelus, perto de Trípoli, rebaptizada Okba Ibn Nafi, nome do conquistador árabe. Acrescentam que, contrariamente a este ou aquele país que assinou um «pacto de amizade» com a U.R.S.S., as suas críticas à política soviética não os impede de cooperar com Moscovo e com os países do Leste.

«No fundo, a nossa política é simples», diz-nos Mansour Kikhia, ministro dos Negócios Estrangeiros. Jovem, como todos os outros membros do governo, pertencente a uma velha família líbia de origem turca, recebe-nos no seu gabinete de onde se domina o porto e a agradável cornija bordejada de jardins. «A nossa política externa — prossegue ele — é ditada pela nossa geografia, pela nossa história e pela nossa sociedade. Fomos a colónia de uma pais fascista, e sofremos muito com isso. Contrariamente à França, por exemplo, a



Itália não nos deixou nenhuma estrutura, nenhum quadro. Partimos do zero. Na nossa luta pela independência, o Islão desempenhou um grande papel, pois, foi em nome da Cruz que Roma nos atacou. Isto explica muitas coisas. Por outro lado, o nosso povo não faz distinções entre árabe e muçulmano, porque não temos minorias cristãs como o Egipto, a Síria, o Líbano ou a Palestina.»

DAS CARAVANAS AO AVIÃO

Como lhe tivéssemos feito notar, que o proselitismo

muçulmano dos dirigentes libios poderia ser incómodo para os cristãos do Oriente, respondeu-nos, sorrindo: «Penso que não, pois, o Islão tem dois aspectos: um puramente religioso, um outro que é o de uma civilização na qual participam os cristãos do Oriente, que, na sua maior parte, são autênticos árabes.»

Exprimindo-se num francês perfeito, Kikhia sublinha em seguida que os principais raios de acção da Líbia são o mundo árabe e islâmico, a África e o Mediterrâneo. «Na era das caravanas — diz-nos — éra-

mos um país de passagem, um traço de união com a África negra. Por que razão nos deveria ser interdito desempenhar um papel análogo na era do petróleo e do avião? Por outro lado, para 70 por cento do povo árabe, o seu local de vida é a África, e 70 por cento da terra árabe encontra-se no continente africano. Os países árabes da Ásia não olham para o Extremo-Oriente mas para a África e parecem, aos nossos olhos, como uma extensão do Sinai.»

Segundo ele, já não é possível negligenciar os laços religiosos que existem entre muçulmanos negros e árabes, entre coptas egípcios e etíopes, mesmo se as relações entre as duas Igrejas tenham afrouxado um pouco por motivos que emanam mais da política do que da teologia. Porém, é sobretudo do ponto de vista económico e estratégico que se impõem os «reencontros» da África árabe e da África negra, a fim de vencer as «divisões impostas pelo colonialismo». Perante uma Europa em vias de se unir, os Estados Unidos e um bloco soviético, «a unidade árabe e a criação de um conjunto árabe-africano são uma necessidade. O mundo de amanhã — prossegue ele — será um mundo cruel e duro, no qual as ideologias desaparecerão em proveito dos poderosos. Africanos e árabes têm, portanto, outra opção senão a de porem em comum as suas riquezas e unir-se se quiserem continuar a ser iguais a si próprios, para

Continua na página dois



PROBLEMAS ÁRABES

UMA DIPLOMACIA ABERTA A TODOS OS AZIMUTES



Continuação da página um

enfrentar os desafios do mundo moderno.

Neste estado de espírito, os dirigentes não se explicam mutuamente que a Liga Árabe e a Organização da Unidade Africana não tenham laços orgânicos. É por isso que Kikhria espera aproveitar as cerimónias que marcarão o décimo aniversário da criação da O.U.A. para lançar os marcos neste sentido.

O PETRÓLEO, A EUROPA E ISRAEL

As outras orientações da política externa líbia são comandadas por três elementos: o subdesenvolvimento, o Mediterrâneo e o petróleo. «O petróleo, que é uma das condições da nossa independência, impõe-nos que nos mantenhamos afastados dos blocos e que consultemos, também, tanto os países produtores como os países consumidores, para fazer face às grandes sociedades», afirma Kikhria. «Por outro lado, temos necessidade de ajuda técnica e esta supõe a abertura das nossas fronteiras a todos, recusando toda e qualquer ligação política. Mas, é evidentemente com os nossos vizinhos imediatos, a França, a Itália e a Grécia e, de uma forma geral, com a Europa unida, que pretendemos cooperar mais. Uma tal cooperação poderia e deveria ser importante e frutuosa, na condição da Europa unida se desembrasar do seu complexo de superioridade e da sua tendência para a cruzada contra a unidade árabe. A segurança no Mediterrâneo é tão necessária à Europa como a nós próprios, mas não poderá ser instaurada enquanto a agressão israelita envenenar a vida da região.

Não pensa que a conclusão de uma paz honrosa fornecerá precisamente uma solução?

«Não acreditamos que Israel queira a paz», respondeu. Israel pretende dominar a região e nós devemos preparar-nos para uma guerra longa. Aliás, o estilo de guerra deverá mudar. Será preciso «arabizá-lo», de forma a que cada árabe se sinta responsável. Querem fazer de nós anti-semitas. Não o somos. Não fazemos a guerra aos judeus, mas aos sionistas. Digo-o com tanta mais força quanto é certo estar

persuadido de que os judeus não terão um verdadeiro futuro senão no Próximo Oriente.»

No que diz respeito aos palestinos, a posição líbia é igualmente simples. O coronel Kadhafi está persuadido de que os fedayin estarão condenados à impotência enquanto não dispuserem de uma organização única, unida e estruturada. Uma vez preenchido este preâmbulo, deveriam ter toda a liberdade nos países árabes, com o risco que isso comporta para estes últimos, tendo em consideração que o campo para a acção dos comandos se encontra em Israel e nos territórios ocupados, e não algures.

Se a polícia externa líbia registou êxitos, também conheceu malogros. O coronel Kadhafi tinha posto grandes esperanças no Pacto de Tripoli (1970), que agrupava o Egipto, o Sudão e a Líbia, porque havia sido assinado por Nasser e porque, a seus olhos, os três países — aos quais a Síria se juntou em seguida — deviam constituir um conjunto sólido ao qual se iriam agregando progressivamente os outros Estados árabes. A «largada» do general Nemeiry foi tão vivamente sentida, que o Sudão deixou quase praticamente de ser citado na imprensa líbia.

A União das Repúblicas Árabes (Egipto-Síria-Líbia) foi substituída em 1971, mas a Síria não goza de muita simpatia em Tripoli. Oficialmente, tem-se por ela os respetos que se devem reservar a um membro da Federação, mas não se vai mais longe, e o coração não pesa na balança: desconfia-se do regime baasista, considerado demasiado laico, se não mesmo ateu, e censura-se o facto de «namoriscar» com os comunistas e com Moscovo. Não é por acaso que se encontram tão poucos sírios na Líbia.

Cartum, com a sua defeição, e Damasco mantido à distância, o coronel Kadhafi vê na união da Líbia e do Egipto o nó mais seguro da futura unidade árabe. No entanto, um bom número de egípcios adopta uma atitude reservada. Deste modo, tem-se perguntado se a recente aproximação de Tripoli com Tunis e Argel não preparará uma solução de substituição para o caso em que o Cairo acabasse por se recusar. Na realidade, o coronel Kadhafi nunca escondeu a sua hostilidade a um agrupamento estritamente magrebiano. Sobre is-

so se explicou em 1970, e não parece que tenha mudado de ideias. É para o Oriente árabe que me levarão a minha razão e o meu coração — dizia ele e os acordos que assinamos com os egípcios e os sudaneses caminham no sentido da unidade com o mundo árabe. Ao querer criar uma união magrebiana, a Argélia, a Tunísia e Marrocos arriscam retardar esta fusão e permanecer ainda durante muito tempo tributários da Europa. De facto, o presidente Kadhafi considera que, ao fundir-se com o Egipto, a Líbia deverá continuar a desempenhar o papel de traço de união com o Magreb, para o levar progressivamente a ligar-se ao Machrek.

BONAPARTE OU NASSER?

O Estado egípcio-líbio — cujo nascimento está, em princípio, previsto para o dia 1 de Setembro próximo — oferecia, por certo, numerosas vantagens a ambas as partes, mas comporta, também, muitos inconvenientes, e a sua realização esbarra com um determinado número de realidades. Como se unificará, por exemplo, o exército profissional líbio, de 20.000 homens, e o exército de recrutas egípcio, que conta cerca de 800.000 soldados? Alinhar-se-á o soldo do soldado líbio, que vai de 50 a 110 dinareis, com o do egípcio, que ganha dez vezes menos, ou far-se-á o inverso? Como se harmonizará o regime das importações que, aqui, é livre, mas que está estritamente regulamentado no vale do Nilo? Se houver um orçamento comum, o líbio aceitará de bom

grado partilhar o seu rendimento médio, que é um dos mais elevados do mundo, com o seu irmão egípcio? A interdição das bebidas alcoólicas, em vigor na Líbia, poderá ser imposta aos cristãos do Egipto, e até aos muçulmanos habituados de longa data ao regime de tolerância? Submeter-se-á a Trípoli à resolução 242 do Conselho de Segurança, de 22 de Novembro de 1967, sobre o conflito israelo-árabe que o Cairo aceitou?

Os dirigentes líbios não negam que estas interrogações se põem, mas recordam que uma comissão ad hoc foi encarregada de examinar todos os problemas levantados pela União e de propor soluções. Aliás — acrescentam — ninguém precisou ainda a forma que esta união tomará. A fusão egípcio-líbia de 1958 fez-se espontaneamente, numa base puramente afectiva e sem estudos preliminares. Nós não cometeremos o mesmo erro.

O coronel Kadhafi parece decidido, quanto a si, a realizar este «casamento». Sabe que existe oposição organizada na Líbia. Além disso, a União Socialista Árabe, dirigida por um dos «oficiais livres», o comandante Bachir Awadi, tomou disposição para triunfar

O coronel Kadhafi pre decidido, nti, eair se «casamen SBE EXÃO ORGNIZANALíbia Além dso, a UO CIALISAAre, dirigida por dseteremos o mesmo erro.

O coronel Kadhafi parece decidido, quanto a si, a realizar este «casamento». Sabe que existe oposição organizada na Líbia. Além disso, a União Socialista Árabe, dirigida por um dos «oficiais livres»,

o comandante Bachir Awadi, tomou disposição para triunfar das resistências que se exprimam quando das manifestações anti-egípcias de Bengazi, após a destruição do Boeing líbio pelo caça israelita. Sem dúvida que não se pode excluir a possibilidade de uma nova junta procurar um dia apoderar-se do poder, lisonjeando o jovem nacionalismo líbio. Todavia, toda a gente admite que o coronel Kadhafi domina nitidamente, pelas suas qualidades, seus companheiros, e que estes últimos lhe votam admiração e fidelidade.

Comparando a Líbia à Córsega — com a diferença de que a primeira é infinitamente mais rica do que a segunda — alguns perguntam-se se ele não sonha tornar-se o Bonaparte ou o Nasser do mundo árabe. Outros, fazem notar com um sorriso entendido, que se procuraria em vão na Líbia um retrato de Sadate, ao passo que ao longo das estradas e nas cidades se vêem retratos de Nasser, sozinho acompanhado do seu jovem emulo. Por seu lado, o coronel Kadhafi não deixa de repetir, que não é o poder que lhe interessa, mas o renascimento árabe. Os seus companheiros consideram que o Egipto está doente, que tem necessidade de sangue novo, e que o Líbia pode fornecer-lho. Quando se lhes perguntam se não acreditam que um malogro, vindo juntar-se às outras tentativas abortadas, provoque um traumatismo susceptível de desferir um duro golpe nas aspirações dos árabes à unidade, respondem: Se recuarmos sempre diante das dificuldades, nunca conseguiremos nada.

Enquanto aguardam, os embaixadores acreditados em Trípoli perguntam-se se, no dia 1 de Setembro próximo, deverão fazer as malas e transmitir os seus arquivos aos colegas do Egipto. Sendo a cidade do Cairo proclamada capital da nova entidade, deverão esperar ainda algumas semanas para obter uma resposta...

No avião que sobrevoa, durante alguns instantes, o deserto antes de tomar a direcção do Mediterrâneo e da Europa, um jovem estudante líbio fala-nos da unidade. Diz-nos ele: Foram expressas reservas tanto por egípcios como por libanos. Não se pode ignorar isso. Mas também não se pode ignorar os laços afectivos que existem entre eles. Não foi um dos grandes poetas egípcios, Ahmed Shawki, quem consagrou um dos seus mais belos poemas ao líbio Omar Moukhtar, herói da guerra da independência, enforcado pelos italianos em 1931 com a idade de setenta e dois anos, após uma paródia de processo? Os seus versos, que se podem ler no mausoléu de Moukhtar em Bengazi, e que as crianças aprendem, não cantam unicamente um homem, mas, também, uma tradição e um continente, e figuram esta aspiração à unidade dos árabes e dos africanos:

«Eles enterram o teu corpo na areia como um estandarte. «Herói do beduínismo... Tu enfrentaste a morte de cabeça erguida, como Sócrates diante dos seus juízes... «O Africa, berço e túmulo dos leões...»

PAUL BALTA

DEMOCRATIZAR A COMUNIDADE EUROPEIA?

Apesar de uma experiência de cerca de um quarto de século, a Comunidade Europeia não passa ainda de uma amálgama fortuita que sobrevive graças a uma conjuntura de interesses subtilmente equilibrada e sabiamente explorada, e por uma regulamentação complexa que mantém o conjunto do mesmo modo que as ligaduras enfaixam uma múmia.

Os Nove, mais ainda que os Seis, estão submetidos a fortes pressões internas. A ausência de uma estrutura de ponderação dos poderes dá origem a uma situação profundamente incómoda: as tensões manifestam-se brutalmente, em termos de confrontação, ao nível dos conselhos de ministros. Nem a Comissão europeia, nem a Assembleia consultiva estão dotadas de poderes reais. O conflito agudo que surgiu a propósito da revalorização dos preços agrícolas comunitários ilustra bastante bem o carácter implacável dos conflitos. Em casos semelhantes, o método de desgastar o adversário, frequentemente utilizado nos últimos anos, tende a institucionalizar-se. O sucesso cabe a quem for capaz de «aguentar» mais. A partir de agora, os Franceses, que são mestres no assun-

to, terão de haver-se com adversários à altura: os Ingleses, tradicionalmente excelentes na arte da polida obstinação, sobretudo quando estão convencidos de agir em nome dos princípios de eficácia e bom senso, como é o caso na questão dos preços agrícolas. A força das circunstâncias determinou um compromisso. Porém, quando os interesses em causa são tão poderosos como os do mundo agrícola, a solução do compromisso é o fermentar de um constante mal-estar.

Aliás, é justo perguntar se, de compromisso em compromisso, o projecto da Comunidade, submetido ao mais alto nível a incessantes conflitos de interesses, não acabará por rebarbar mais tarde ou mais cedo, em razão da fragilidade da sua própria base. O «ano da

Europa», proclamado agressivamente por Henry Kissinger, será com certeza semeado de armadilhas que ameaçam fazer estoirar a frágil coesão dos Nove. O conceito de «carta atlântica», de que o Metternich americano reveste a sua nova estratégia continental, serve apenas para fornecer um quadro respeitável a conflitos ameaçadores que acabarão fatalmente por dividir os Nove.

O actual objectivo da Comunidade é de natureza exclusivamente económica e financeira. Será isso suficiente para resistir à formidável pressão que os Estados Unidos, libertos da pesada penhora que constituía o seu compromisso na Ásia, vão exercer sobre a Europa Ocidental à custa do seu enorme poderio comercial? Poderá a ficção comunitária sobreviver no quadro inadequado de acordos multilaterais a custo reforçados pelas frágeis malhas de uma regulamentação intergovernamental, numa altura em que as divergências internas se irão juntar aos poderosos conflitos de interesses que se antevêm com a aproximação do «Nixon round»? É de crer que não, que não consiga re-

sistir, e agora ainda menos, no contexto mais largo e pragmático dos Nove, do que no quadro estroito e generoso dos Seis. No ambiente de realismo frio e calculado que parece dever ser o da segunda geração europeia, não é de esperar que venham a surgir os milagres comunitários suscitados pelo ardor juvenil da primeira geração.

UM SALDO MUITO MODESTO

Para sair da precária multilateralidade, para atenuar as perigosas confrontações ministeriais à boca da cena comunitária, para assentar a ideia da Europa numa realidade menos recalcitrante, só há um caminho: a consagração dos princípios democráticos. Quando os povos europeus elegerem, por sufrágio directo e universal, os seus representantes ao Parlamento da Europa, e quando os governos puderem, ou forem obrigados a apoiar-se no poder legislativo para definirem os objectivos da Comunidade, então o processo histórico que deverá conduzir à unidade europeia poderá re-

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA E ROUPA — FRIGORÍFICOS E APARELHOS DE ALTA FIDELIDADE.

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA VISITE-NOS PARA ACREDITAR

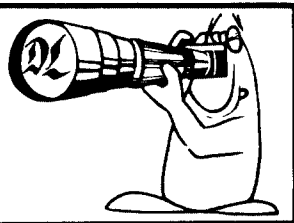
BLOCO ELÉCTRICO

ESTR. POÇO DO CHÃO, 55 TEL. 70 81 47

CAMISAS POR MEDIDA

O seu género a seu gosto Hirondele

R. Pedro Nunes, 39 (Ao SALDANHA)



Democratizar a Comunidade Europeia?

forçar-se e desenvolver-se sobre as bases sólidas da legalidade e da participação popular. No seio da Assembleia Legislativa europeia estabelecer-se-ão as clivagens políticas transnacionais que moderarão as rivalidades nacionais. Então nascerá uma consciência política europeia que, longe de conduzir ao diluir das soberanias nacionais, permitirá que essa soberania se exerça em termos eficazes, mais conformes aos dados políticos contemporâneos.

Para lá das reticências oficiais, talvez a Europa dos Nove

esteja menos distante do objectivo capital de um Parlamento eleito por sufrágio universal e directo do que o estava no tempo dos Seis. Depois das últimas eleições legislativas em França, a conjuntura tornou-se ainda mais favorável. Porque, no que respeita à França, a maioria governamental é naturalmente levada a acentuar a abertura europeia, abertura de que o presidente Pompidou tomou a iniciativa com a «cimeira» de Outubro de 1972, pondo assim um termo ao longo imobilismo dos Seis. E no que se refere aos Ingleses, eles não deixarão de sublinhar manifestamente a sua vontade de concluir uma autêntica «european democracy», o que, de acordo com a sua longa tradição histórica, significa que um poder constituído não poderá governar sem ser apoiado num Parlamento eleito.

O balanço europeu estabelecido na recente «cimeira» conduzirá em 1980 à união europeia. Um tal balanço tem, para

já, o mérito de existir, representando um progresso real em relação a um passado inerte. Contudo, trata-se de um balanço ainda muito modesto. Nada nele é susceptível de entusiasmar uma opinião pública apática. Teremos forçosamente que aceitar que a união europeia se construa, ao longo desta década, no meio de uma indiferença generalizada face aos problemas da Comunidade? Os governos privam-se, assim, do apoio popular que a democracia deve imperiosamente suscitar para poder realizar os seus elevados objectivos.

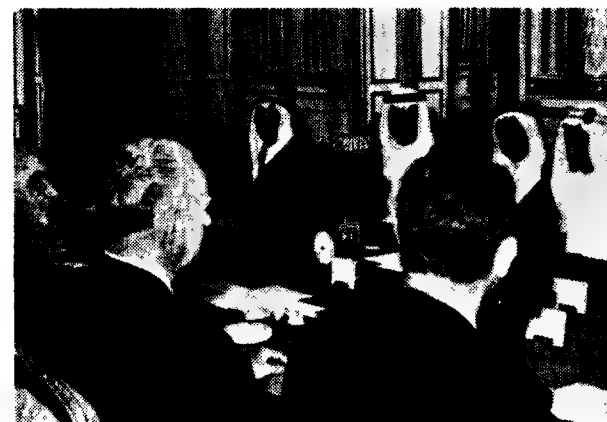
Como é pouco provável que os governos tomem a iniciativa de desencadear o processo de democratização da Europa integrada, é necessário criar a corrente popular capaz de os pressionar de um modo suficientemente forte no sentido de romperem o imobilismo político. Em 9 de Maio de 1975, a Comunidade festejará o seu vigésimo quinto aniversário. Nessa data se reunirão em Pa-

ris os segundos «Estados gerais da Europa», que incluirão os partidos e movimentos de espírito europeu, numa poderosa demonstração da vontade comum de construir a Europa política para confirmar e reforçar a Europa económica.

Os «Estados gerais» de Haia suscitaram, em 1948, a criação do Parlamento de Strasbourg. A conjuntura actual poderia reservar a 1975 um acontecimento idêntico. Compete à segunda geração de europeus reencontrar o entusiasmo da primeira. Para sobreviver aos duros combates que se desenrolarão no decurso do «ano da Europa», e posteriormente, a Comunidade exige uma identidade democrática. É preciso insuflar uma alma à múmia enrolada nas suas ligaduras. E a vontade popular é a única que poderá conseguir um tal milagre.

RENÉ-FRANÇOIS LEJEUNE
(Secretário-geral do centro Robert-Schuman para a Europa)

TELE FOTOS



O presidente Pompidou reuniu-se em Paris com o rei Façal da Arábia Saudita, com quem conversou sobre a política do Médio Oriente e sobre o petróleo. Ao encontro que teve lugar no Palácio do Eliseu, assistiram diversas personalidades francesas e sauditas, entre as quais o primeiro ministro francês Pierre Messmer e o conselheiro de Façal, príncipe Abdul Aziz



Junto das cataratas do Lago Victória, duas turistas foram atingidas, por tiros disparados por soldados da Zâmbia, tendo morrido. Um americano foi, também, gravemente ferido. Este incidente agravou seriamente a tensão existente na fronteira da Zâmbia com a Rodésia.



Os astronautas que estão indigitados para tomarem parte no voo do SKYLAB, Charles Conrad, Paul Weitz e Joseph Kerwin, lêem as indicações sobre o voo, no período de espera a que se viram forçados, devido às avarias verificadas a bordo do laboratório espacial



O embaixador da República Democrática Alemã e o embaixador do Japão, ambos acreditados em Moscovo, assinaram, nesta cidade, os diplomas que estabelecem as relações diplomáticas entre os dois países. Na fotografia vemos ambos os embaixadores no momento da assinatura

da GAMA

o requinte da cerveja em lata...

**mais moderna,
mais cómoda,
mais fácil de abrir**

da GAMA a cerveja com todas as comodidades.



**um produto da
Companhia União Fabril Portuense**



ISRAEL 25 ANOS DO GENESIS À DECLARAÇÃO BALFOUR



A celebração dos grandes aniversários sobressai frequentemente da rotina dos povos. E com dificuldade que se sonha, em 8 de Maio, com o da capitulação do Reich. Há dois anos os alemães não prestaram senão uma bem modesta atenção ao centenário da sua unidade nacional. E concedemos nós, franceses, mais atenção, em Setembro de 1970, ao da República?

A esta regra, há grandes excepções, sobretudo quando o acontecimento comemorado pertence à história recente, e se consagra o fim, pela independência ou pela libertação, de uma luta dramática, com cicatrizes ainda visíveis; com mais forte razão se essa luta não está ainda verdadeiramente terminada, se os resultados que ela permitiu registar parecem susceptíveis, por falta de cuidado, de ser postos em questão. E o caso, mais do que qualquer outro, do Estado de Israel. Nenhum pagou tão caro a sua independência. Nenhum outro tem tanto a sensação da sua precariedade. Nenhum, talvez, colha tanto no seu passado as razões da sua fé no futuro.

«ISRAEL SERÁ O TEU NOME...»

Bossuet morreu, o que havia candidamente estabelecido uma cronologia da história sagrada. Ter-se-ia dificuldade de situar, nem que fosse com a aproximação de um século, a época em que, segundo o Génesis, Jeova apareceu a Jacob e lhe disse: «Tu deixarás de te chamar Jacob, mas israel será o teu nome... Sê fecundo e multiplica-te: de ti nascerá uma nação e uma assembleia de nações, e dos teus reinos sairão reis. O país que eu dei a Abraão e a Isaac, dar-to-ei e darei este país à tua posteridade, depois de ti.» Sabe-se, pelo contrário, que foi por volta do século XII a. C. que os israelitas, de regresso do êxodo no Egipto, se apoderaram de Jericó e, depois, do país de Canã — a terra prometida. Com o decorrer do tempo a precisão aumenta: David torna-se, entre 1050 e 1020 a. C., o primeiro rei de Israel, selando, assim, pela primeira vez, a união realizada por Moisés, no Sinai, das doze tribos saídas dos doze filhos de Jacob.

Esta unidade não sobrevive à morte, um século mais tarde, de Salomão, o construtor do primeiro Templo de Jerusalém. Dez tribos separam-se das de Judá e de Benjamim para formar um reino rival. Sucederam-se dez anos de lutas fratricidas e de ingerências estrangeiras que levam, em 721 a. C., à absorção do reino de Israel pelo de Judá. As provações não estão ainda termi-

nadas: a mais dramática é a deportação do povo judeu para a Babilónia, após a tomada de Jerusalém e a destruição do Templo por Nabucodonosor. Ciro permite ao povo judeu que volte à Judeia, e o Templo é reconstruído.

Eis, no entanto, que, bem cedo, chegam novos invasores: gregos, egípcios, sírios. Os judeus dão-se bem com estes últimos, porém, um deles, Antioco IV, em 170 a. C., viola o Templo. Dois anos mais tarde, o seu compatriota Apolônio, decide abolir o culto, provocando, assim, a revolta dos macabeus, o que conduz, em 141 a. C., ao restabelecimento da independência. Porém, em 63 a. C., os romanos, às ordens de Pompeia, apoderam-se por seu turno da Judeia, à testa da qual é colocado, com o título de rei dos judeus, um idumeu convertido, Herodes. Ele empreende a restauração do Templo. Com o seu desaparecimento, Augustus coloca o país sob a soberania directa de Roma, que é exercida em seu nome pelo «procurador» Pôncio Pilatos, aquele que lavará as mãos da morte de Cristo.

A presença romana vai ser cada vez mais ressentida. A partir de 64, as revoltas multiplicam-se por instigação dos zelotes, os «integristas», os «terroristas» da época, para bem depressa vir a tomar a amplitude de uma insurreição. Na

Primavera de 70, Vespasiano, que reconquistou já a maior parte da Judeia, cerca Jerusalém. A cidade santa acaba por cair depois de combates muito renhidos. O Templo é queimado no dia do aniversário da sua destruição por Nabucodonosor. Os zelotes vão manter-se ainda durante três anos sobre o rochedo de Massada, na margem do mar Morto, preferindo matar-se uns aos outros a render-se, quando a resistência se torna impossível.

Flavius Josefa immortalizou, na sua *Guerra dos Judeus*, a narração do seu sublime sacrifício: «... Quando dez dentre eles foram designados pela sorte para serem os carrascos dos outros, cada homem deltou-se ao lado de sua mulher e de seus filhos. No local onde jaziam, colocou os braços à sua volta e estendeu a garganta àqueles que deviam cumprir o doloroso ofício... O último sobrevivente, vendo que todos estavam bem mortos, lançou fogo ao palácio com uma sombria resolução e, apelando para toda a sua coragem, trespassou-se com a própria espada e caiu morto ao lado da sua família.»

Este alto lugar, embora se possa presentemente lá chegar por teleférico, nada perdeu da sua grandeza. Todos os anos, os cadetes do exército israelita ali vão prestar juramento. O «complexo de Massada» domina a ética de um povo que,

após séculos de dispersão e de humilhações, redescobriu a exaltação e a eficácia do combate.

Depois da queda de Massada e até aos nossos dias, com efeito, os judeus não puderam sentir-se senhores do seu destino senão durante dois breves períodos de três anos. De 132 a 135, Bar Koshba — o filho da Estrela — conseguiu, antes de ser esmagado pelos romanos, apoderar-se de Jerusalém, à testa do seu povo sublevado. A repressão foi terrível: a cidade foi arrasada, ao passo que a maior parte dos sobreviventes dos combates e das execuções maciças eram deportados para longe.

Algumas comunidades mantiveram, no entanto, na Galileia, na Samária e na Judeia, a presença do *Yichuv* — a nação judaica. No século VII, os seus descendentes auxiliaram, contra os bizantinos, os invasores persas, e estes, como agradecimento, confiaram-lhes, em 614, o governo de Jerusalém. Os judeus fizeram sentir duramente aos convertidos ao cristianismo a sua lei, tendo muitos sido condenados à morte como idólatras. Reuniram materiais para reconstruir o Templo, mas não tiveram sequer tempo de começar os trabalhos. A partir de 617, os seus aliados persas expulsaram-nos da cidade, à qual não voltaram senão depois da chegada dos árabes, em 638, mas, desta vez, sem nenhuma participação no poder político.

AS PERSEGUIÇÕES

Em 1099, novos conquistadores faziam a sua entrada na cidade santa, sob o comando de Godefroy de Bouillon. O comportamento destes defensores da fé cristã prefigura o dos nazistas: depois de terem acutilado abundantemente homens, mulheres e crianças sem discriminação — a população judaica — reuniram numerosos sobreviventes nas sinagogas, às quais deitaram fogo. Outros foram vendidos como escravos. No século XII a Palestina não contava mais do que um pequeno número de comunidades judaicas. Porém, Saladino, uma vez que se apoderou de Jerusalém, convidou os defensores da fé mosaica a regressar em grande número à pátria dos seus antepassados. Este apelo foi particularmente ouvido pelos intelectuais, a despeito da perseguição de que os judeus eram objecto na maior parte dos países da Europa católica e cujo agrupamento em «ghetos» não bastava, muitas ve-

zes, para os proteger. As expulsões e massacres sucediam-se, em França e Inglaterra principalmente, com o aplauso das populações, muito felizes por poderem, assim, livrar-se das suas dívidas e conseguir bens com pouco dinheiro.

No fim da Idade Média, os israelitas desaparecem quase completamente destes países. Em 1492, Isabel, a Católica, dá aos judeus de Espanha a opção entre a expulsão e a conversão, e Portugal segue o seu exemplo em 1496. Só as comunidades do império e da Polónia, graças à fraqueza do poder central, e a do condado Veneziano, graças à protecção do papa, podem subsistir nem bem nem mal.

A expulsão dos judeus da península Ibérica deveria conduzir um bom número deles para o Mediterrâneo oriental — onde os seus netos continuam ainda a falar um dialecto de ladino, de origem espanhola, e, principalmente, para a Turquia. Esta, a partir de 1517, era senhora da Palestina. Deixou que novas comunidades judaicas se estabelecessem ao lado daquelas que haviam sobrevivido à chegada das Cruzadas e das que se tinham reconstituído ao apelo de Saladino. São os seus descendentes que Bonaparte convidou, após a tomada de Jaffa, a juntar-se a ele «para a restauração da antiga Jerusalém». O seu insucesso diante de São João de Acre deu razão a este projecto.

As comunidades judaicas da Terra Santa teriam continuado, durante muito tempo, a vegetar numa relativa liberdade umas vezes, na insegurança, a maior parte das vezes, se as perseguições que atingiram, nos séculos XIX e XX, numerosos judeus da Europa não tivessem levado estes a procurar um lar onde viver em paz. Ninguém resumiu melhor a situação do que Theodor Herzl no seu *Estado Judeu* cuja influência sobre o sionismo não se pode comparar senão à do *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, sobre o movimento operário. «A ideia do estabelecimento de um Estado judeu, que desenvolvo nesta obra, é muito antiga. Durante muito tempo adormecida, ela acorda aos gritos contra os judeus que ressoam pelo Mundo.»

Por certo, as perseguições e, ainda, os vexames eram há séculos, como se viu, a sorte comum do povo judeu através do Mundo. Porém, ele estava tão convencido ser o eleito de Deus, tão alimentado pelos en-



sinamentos dos profetas, tão apto a refugiar-se na oração e na estreita observância dos ritos e das prescrições, tão feliz por interpretar as Escrituras, que suportava, a maior parte do tempo sem se revoltar, as provações que não podiam emanar senão da infinita sabedoria do Todo-Poderoso. Nas pequenas comunidades da Europa Central, perante uma população cristã quezilenta, desenvolvia-se a comovente corrente hassídica, baseada numa piedade alegre e poética, que não deixa de apresentar algum parentesco com o misticismo franciscano.

OS AMANTES DO SIÃO

Na Europa Ocidental, no entanto, os judeus emancipavam-se pouco a pouco. Hábeis comerciantes ou banqueiros, construíam imensas fortunas, a inteligência judaica desempenhava um papel crescente no movimento das ideias. A França é a primeira a acordar aos israelitas, em 1791, uma igualdade completa; a Prússia, o Piemonte, a Inglaterra seguem o seu exemplo.

A situação é completamente diferente na Rússia, onde os israelitas estão reunidos em zonas de residência e onde a subida ao trono de Alexandre III, em 1881, é marcada por uma política de reacção furiosa. Esse ano assiste ao primeiro dos grandes pogroms (perseguição contra judeus) que ensanguentaram a Ucrânia, e numerosas famílias tomam o caminho do exílio. Desde sempre que elas repletam o desejo ritual: «No próximo ano em Jerusalém.» Porque não fazer deste desejo uma realidade? Um judeu inglês, Moisés Montefiore, já havia negociado, em meados do século XIX, com o vice-rei do Egipto, Mehmet Ali, a instalação na Palestina de comunidades rurais judaicas. Os «Amantes de Sião» tomaram à sua conta esta ideia e a aliança israelita universal fundou a escola de agricultura



Moshe Dayan com Golda Meir

FAZER UMA NAÇÃO COM HOMENS DE DIFERENTES ORIGENS

(UMA ENTREVISTA DE SHIMON PERÉS, DADOS RECOLHIDOS POR PAUL GINIÉWSKI)

Ministro das Comunicações, Shimon Perés pertence à nova geração dos dirigentes de Israel. Constituiu, em 1965, com o general Dayan e David Ben Gurion, o Partido Rafi, dissidente do Mapai. Entrou para o Governo em Dezembro de 1969, quando os «jovens turcos» do regime fundiram o seu agrupamento com os outros partidos trabalhistas, e é considerado hoje como um dos pensadores políticos mais originais de Israel.

Perés responde seguidamente às perguntas que lhe foram feitas por Paul Giniéwski, escritor e jornalista.

Qual é actualmente, na sua opinião, o problema número um de Israel?

— É o de refazer o seu povo. Há pouco tempo ainda, a senhora Golda Meir fez uma visita ao Papa. Este é o chefe espiritual de um bilião de cristãos.

Nós somos catorze milhões de judeus no mundo. Ora, há dois mil anos, havia quatro milhões de judeus no Império Romano, que contava quarenta a cinquenta milhões de homens. Só nos multiplicámos três vezes e meia. Se o destino histórico do povo judeu tivesse sido diferente, seríamos hoje um povo de cinquenta milhões de homens. Não nos reproduzimos

normalmente porque sempre no-lo impediram. Politicamente, socialmente, fisicamente. Recorde-se que éramos dezasseis milhões em 1940. Ainda não recuperámos as perdas que nos infligiram os nazis.

«A fracção do povo que vive em Israel tem, pela primeira vez, a possibilidade de se desenvolver normalmente. Éramos seiscentos e cinquenta mil em 1948, hoje somos três milhões. O nosso verdadeiro problema é a fusão harmoniosa destes homens de origens tão diversas. Considere-se a senhora Golda Meir e Ben Gurion, por exemplo. Eram de ori-

gem russa, como todos os imigrantes da primeira hora. Como os que chegam hoje. Mas os primeiros colonos tinham uma forte ideologia socialista. Os de hoje estão embuídos de um sentimento nacional judeu e de um anticomunismo que excedem tudo. Entretanto, houve refugiados da Alemanha, da Roménia, do Lémene, da África do Norte. Eles trouxeram as suas culturas, os seus níveis diferentes: com isso tudo devemos fazer uma nação.

«Para nós, não são os territórios, a guerra, os negócios estrangeiros, que constituem os problemas importantes. São urgentes, mas, no fundo, provisórios, e mascaram o problema fundamental: como assegurar a continuação da vida judaica, biologicamente, socialmente, historicamente.

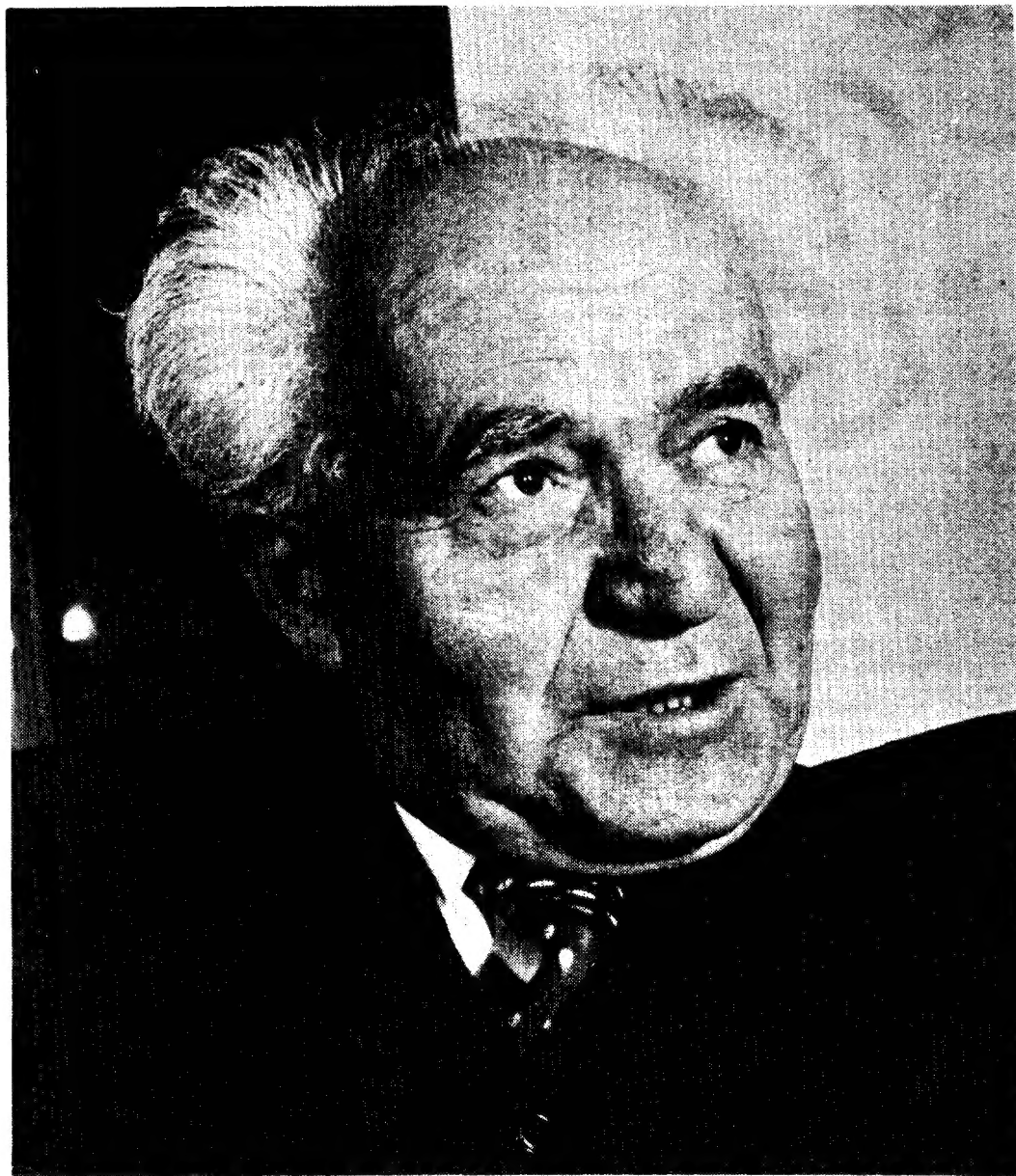
«É evidente, isso não se faz no vazio. Pela primeira vez, vivemos com uma comunidade árabe importante. O nosso segundo grande problema, que é moral e político é, portanto, saber se podemos instituir uma coexistência honrosa para ambas as partes. Há dezanove estados árabes. Os árabes são, em todos eles, a maioria. Não estão em minoria senão em Israel. O problema da paz é, na realidade, a aceitação pelos árabes desta excepção».

A ESTABILIDADE AO MAIS ALTO NÍVEL

No Outono terão lugar eleições legislativas. Quais as mudanças que prevê? Sobre que problemas de política externa e interna se vão enfrentar os partidos?

— Penso que não assistiremos a espectaculares mudanças de grupo: as opiniões são mais móveis do que os dirigentes. Em Israel, vários factores concorrem para criar a estabilidade ao mais alto nível. O povo renova-se facilmente todos os quatro anos, mas os dirigentes continuam no seu lugar. Isso deve-se, em primeiro lugar, às instituições. Temos um sistema de escrutínio proporcional nacional, e Israel forma uma só circunscrição. Isso favorece a multiplicidade dos partidos, e faz com que as vetetas, que são chefes dos partidos e se encontram à cabeça da lista, sejam reeleitos quase automaticamente. Além disso,

Continua na página seis



ANDRÉ FONTAINE

primeira: «A Palestina é a nossa inesquecível pátria histórica. Este nome, só por si, seria um grito de reunião comovedor para o nosso povo. Se S. M. o sultão nos desse a Palestina, nós poderíamos comprometer-nos a regularizar completamente as finanças da Turquia. Para a Europa, nós seríamos a sentinela avançada da civilização contra a barbárie. No que diz respeito aos lugares santos de cristianidade, poder-se-ia encontrar uma forma de exterritorialidade de harmonia com o direito internacional. Formaríamos a guarda de honra em redor dos lugares santos e garantiríamos com a nossa existência o cumprimento desse dever. Esta guarda de honra seria para nós o grande símbolo da solução da questão judaica, após dezoito séculos de cruéis sofrimentos.»

O apelo de Herzi bem depressa obteve um grande sucesso. O dinheiro afluía às caixas do movimento sionista, e o seu fundador foi recebido pelas grandes potências do Mundo. Porém, o sultão, com quem ele se avistou em 17 de Maio de 1901, não se deixou convencer. Só a Inglaterra está disposta a ceder aos judeus um território: um bocado do Uganda. O próprio Herzi estava tentado a aceitar, porém, a maioria opôs-se-lhe, ao mesmo tempo que os diversos clãs do sionismo se esgotavam em vãs e violentas querelas. Morreu em 1904, com a idade de quarenta e quatro anos apenas, completamente desencorajado. Foi a um dos seus adversários, Chaim Weizmann, que viria a caber a honra de registar o primeiro triunfo das suas ideias.

De origem russa, fixado em Londres, Weizmann era um químico que havia prestado à indústria dos armamentos serviços suficientes para fazer dele o íntimo dos dirigentes da Inglaterra em guerra. Pregando incansavelmente as teses sionistas, obteve em Whitehall um eco favorável. Uns viram nisso um meio de prosseguir no Próximo Oriente com a célebre política do «dividir para reinar»; outros ficaram presos pelo seu idealismo. O resultado dos seus esforços foi a célebre carta que, a 2 de Novembro de 1917, lorde Balfour, secretário do Foreign Office, escrevia a lorde Rothschild. «O Governo de Sua Majestade — podia ler-se ali — considera favoravelmente o estabelecimento na Palestina de uma pátria nacional para o povo judeu, e fará todos os esforços possíveis com vista a facilitar a realização deste objectivo.»

Os Estados Unidos e a França associaram-se a esta declaração, e ela foi homologada pela Sociedade das Nações, no mandato que confiou, em 16 de Setembro de 1922, à Grã-Bretanha sobre a Palestina, libertada, depois da derrota dos impérios centrais, do jugo otomano.

ANDRÉ FONTAINE

Depois de David Ben Gurion, figura tutelar cuja personalidade ficou ligada aos bons sentimentos da opinião pública mundial para com os «herdeiros» da «Terra Prometida» e de Levi Eshkol, que inicia a escalada tecnocrática da nação judaica, Israel comemora o seu 25.º aniversário sob o governo da sr.ª Golda Meir.

de Mikveh-Israel. Não se trata, no entanto, senão de comprar terras, a maior parte do tempo incultas, e de as valorizar, aceitando a soberania de um Estado — a Turquia —, geralmente bem disposto relativamente aos israelitas que detinham, em Constantinopla, consideráveis posições económicas, e fazendo, frequentemente, beneficiar as deploráveis finanças do Sublime Império.

Foi o caso Dreyfus que politizou o movimento. A condenação do capitão, o desencadeamento do anti-semitismo a que ela deu ocasião num país que podia orgulhar-se de ter sido o primeiro a fazer dos judeus cidadãos como os outros, devia transtornar o jovem correspondente em Paris do Neue Freie Presse, de Viena, Theodor Herzl. «A questão judaica existe — escreve ele no seu livro já citado. É um pedaço de Idade Média perdido no nosso tempo, e do qual, com a melhor vontade deste mundo, os povos civilizados não souberam desembaraçar-se. Ao fim e ao cabo, deram prova de generosidade, emancipando-nos. A questão judaica existe em todo o lado em que os judeus vivem em número pouco considerável embora... Vamos, naturalmente, para onde não nos perseguem e, também aí, a perseguição é a consequência da nossa aparição... Não considero a questão judaica nem como uma questão social, nem como uma questão religiosa... É uma questão nacional, e, para a resolver, é-nos necessário, antes do mais, fazer dela uma questão política universal, que deverá ser regulada nos conselhos dos povos civilizados. Nós temos a força para formar um Estado, e até um Estado modelo...»

Porém, onde situar este Estado? «É preciso preferir a Palestina ou a Argentina?», perguntava Herzl. Sem pôr de parte a possibilidade de comprar o Governo de Buenos Aires um pedaço de segunda, não escondia a sua preferência pela

Por ocasião do vigésimo quinto aniversário da criação do Estado de Israel, David Ben Gurion fez a seguinte declaração:

«Considero que a criação de Israel não foi senão a segunda tirada no caminho do renascimento histórico do Estado judeu. Os primeiros marcos nesta direcção tinham, de facto, sido colocados no decurso dos anos 80 do século passado, por um grupo de judeus franceses (alusão à escola de agricultura de Mikveh Israel, fundada em 1870 pela Aliança Israelita Universal, de Paris, dirigida por Carl

Netter, um alsaciano de religião israelita) que edificaram os primeiros fundamentos da renovação do Estado de Israel.

«No que me diz respeito, nunca considerarei a proclamação oficial do Estado, há vinte e cinco anos, como sendo já o estabelecimento do Estado judeu. Depois, não mudei de opinião sobre este ponto. Não se pode fa-

lar de um Estado judeu, enquanto este país não contar, pelo menos, oito a nove milhões de judeus, e enquanto não se tiver feito o necessário para povoar o Negueve que, até hoje, constitui a maior parte do território israelita.

«O povoamento e o desenvolvimento do Negueve começaram com a criação do Estado. Depois, houve nu-

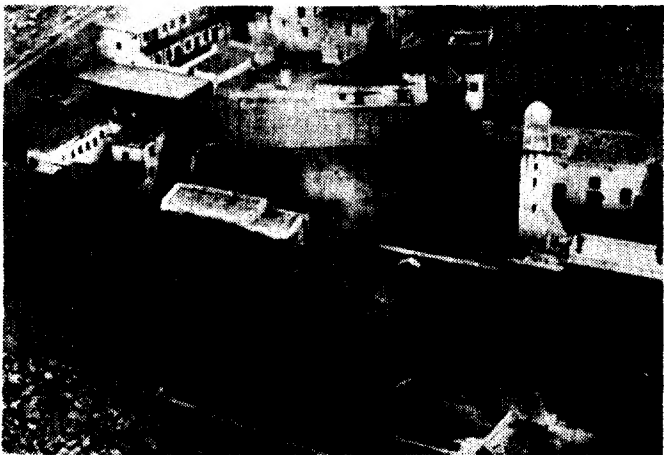
meras modificações, porém, o Negueve continua vazio de habitantes. E por isso que ainda nos são necessárias coisas essenciais para que o Estado judeu tenha uma existência real: é preciso implantar no país de cinco a seis milhões de judeus mais e é preciso que a grande parte das suas extensões desérticas sejam povoadas. E, então, que se poderá falar de um verdadeiro Estado

judeu.

«Há igualmente uma condição que, naturalmente, é indispensável para nós — não apenas para nós, mas, também, para numerosos outros povos — que é a paz. Pelo nosso lado, desejamos ardentemente essa paz com os nossos vizinhos, mas isso não depende de nós. Estamos prontos para a acolher, mas tudo depende dos nossos vizinhos.

«Parece-me, no entanto, embora não possa assegurá-lo com certeza, que o número dos árabes que hoje desejam esta paz vai aumentando.

NÃO SE PODE FALAR DE UM VERDADEIRO ESTADO JUDEU



Ben Gurion

os jovens ocupam-se com o exército, com as novas univer-

enfrentar-se? Em política externa, há poucas alternativas reais, mesmo que as teorias abundassem. A União Soviética e os Estados Unidos modificaram consideravelmente as suas relações, porém, no Próximo Oriente, os efeitos desta mudança são muito limitados. Os russos têm de conservar as suas posições no mundo árabe e continuam, por consequência, a apoiá-lo e a armá-lo.

«A política de Israel é a de ser tão independente quanto possível das potências. É a razão pela qual a sua amizade pela França lhe tem sido tão preciosa: ela permitia-lhe conduzir a sua própria política. Toda a gente, em Israel, está de acordo sobre este dado de base.

«Quanto às nossas relações

FAZER UMA NAÇÃO COM HOMENS DE DIFERENTES ORIGENS

com os vizinhos árabes, a paz real é o objectivo sobre o qual se faz uma unanimidade nacional tão completa quanto se pode imaginar. As relações com a população árabe ocupada oferecem, talvez, mais opção, mas estas opções continuam a ser mais teóricas do que imediatamente realizáveis. Pode evidentemente considerar: a) perpetuar o status quo; b) partilhar o país territorialmente; c) não partilhar o território, mas dividir as responsabilidades do

poder, isto é, chegar a uma forma de federação israelo-palestina.

«A unidade nacional e a fraca margem que existe em política externa, fará com que se enfrentem sobretudo sobre os problemas internos. Porém, o confronto, também neste caso, será relativo, mesmo que a igualdade social e a construção nacional possam, por vezes, entrar em conflito».

Se espera poucas mudanças com as eleições, pensa, em

contrapartida, que as que tiveram lugar em França, em Março último, levarão a uma modificação na política externa do Governo francês?

«Não considero como certa nenhuma mudança automática, mas acredito que pertence aos homens políticos franceses fazer com que esta política mude. Quanto a mim, as relações franco-israelitas, que estavam baseadas principalmente numa cooperação muito estreita ao nível militar, não tornarão a ser aquilo que eram. A França não o deseja, e Israel, por seu lado, desenvolveu as suas próprias indústrias militares e estabeleceu com os Estados Unidos relações muito amplas. Creio que o nosso objectivo deveria ser o estabelecimento de boas relações franco-israelitas que seriam fundadas em duas considerações:

«a) do ponto de vista da segurança, somos uma ilha, mas do ponto de vista económico somos uma extensão do continente europeu, com o qual mantemos largas trocas comerciais;

«b) por consequência, as nossas relações não serão somente bilaterais, mas inter-regionais; isto é, entre o Mercado Comum, por um lado, e o Próximo Oriente, por outro. A proposta para estabelecer uma zona de trocas livres entre o Mercado Comum e o Próximo Oriente, constitui um passo na direcção certa, pois ela compreende, entre outros países, Israel, o Líbano, a Jordânia, a Síria e o Egipto».

EMBAIXADOR ANATOLY DOBRYNIN

Moscovo — Fontes soviéticas locais bem informadas anunciam que Anatoly F. Dobrynin, embaixador soviético em Washington há doze anos, regressará provavelmente ao seu país após a conferência de alto nível marcada para o próximo mês de Junho.

Dobrynin, segundo estas mesmas fontes, ocupará um importante lugar em Moscovo, depois de terminada a visita de Leonidas I. Brejnev aos Estados Unidos.

O independente embaixador serviu em Washington com três administrações americanas, durante um período que se estende desde a crise cubana dos mísseis até — se tudo correr bem — às duas conferências de alto nível entre o presidente Nixon e Brejnev, o chefe soviético. Dobrynin tem desenvolvido íntimas e proveitosas relações com Henry Kissinger, conselheiro de Nixon para os assuntos de segurança nacional.

De acordo com as fontes locais, o principal candidato, de momento, para a vaga deixada por Dobrynin é Leonidas M. Zamyatin, director-geral da Tass, a agência noticiosa soviética. Zamyatin, que tem 51 anos, serviu nas Nações Unidas de 1954 a 1957, e de 1960 a 1962 como delegado-chefe do departamento americano do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético.

Foi chefe do departamento de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, antes de ocupar o lugar de director-geral da Tass. No seu lugar, habitual e actual tem a categoria equivalente à de ministro no Governo. Zamyatin fala um inglês excelente e conhece muitos americanos, especialmente jornalistas. Foi o porta-voz soviético durante a conferência de alto nível aqui realizada em Maio do ano passado.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Martins, Rua Luís Simões, 15 QUELUZ

compre na BAIXA compre melhor

modas e confeccções



PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM

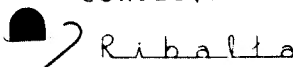
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

MODAS

Gama

RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — Lisboa-2
Telef.: 32 78 26

CONFECCOES



para Homem e Senhora
LANIFICIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

ALCATIFAS

DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS

Rua Augusta, 84 — T. 323637



PRONTO
A VESTIR

CAMISEIROS
CHAFEIROS

PRONTO
A VESTIR

Rua Aurea, 287
Telef. 369153/3221122

GALERIA

STO
DOMINGOS
T. NOVA S. DOMINGOS.
30-32

artigos diversos

ELECTRO DOMESTICOS

RAIO DE LUZ LDA

SEDE:
RUA DA PRATA, 141-143
TELEFONE 32 81 86
LISBOA

AGORA

NO SEU NOVO
ESTABELECIMENTO
NA RUA DA MADEIRA, 115
c/ móveis e decoração
GRANDES LIQUIDAÇÕES
DE ELECTRODOMESTICOS
DURANTE AS OBRAS



ARTIGOS PARA DES-
PORTOS, CAMPO
E PRAIA

47, RUA NOVA DO AL-
MADA, 49
Telef. 32 60 46 - 32 77 68

DISCOS

Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

Alcatifas - Papéis Pintados - Tecidos

TODAS AS MARCAS
AS MELHORES
PREÇOS
AS MAIS LINDAS
COLECCOES
COLOCAÇÕES RA-
PIDAS E PERFEITAS
O MAIOR
SORTIDO
DO PAIS
PESSOAL COMPETENTE PARA TODAS AS COLOCAÇÕES
MAFRAS & CANEÇAS, LDA.

Rua da Prata, 167 — Rua dos Carreiros, 106 — Telef. 36 42 53

J. GOMES DOS SANTOS, LDA.

MODAS PARA HOMEM

ALFAIATARIA * PRONTO A VESTIR
CAMISARIA * NOVIDADES

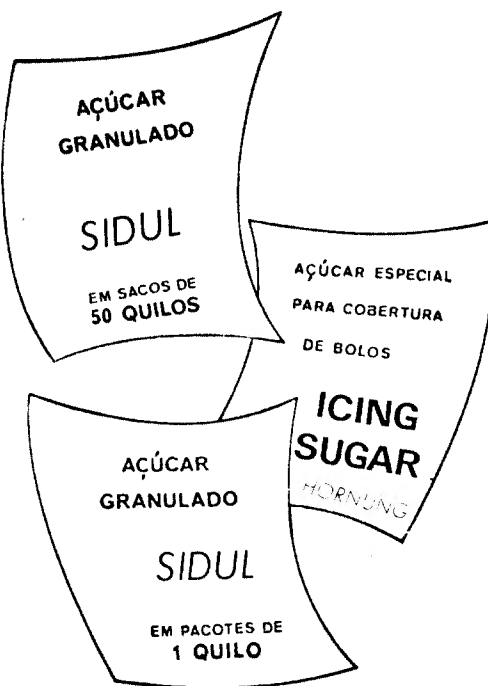
Praça dos Restauradores, 70—Tel. 323812 e 327362



discooteca universal lda.

rua do carmo 51-c
telef. 34726-324963
lisboa

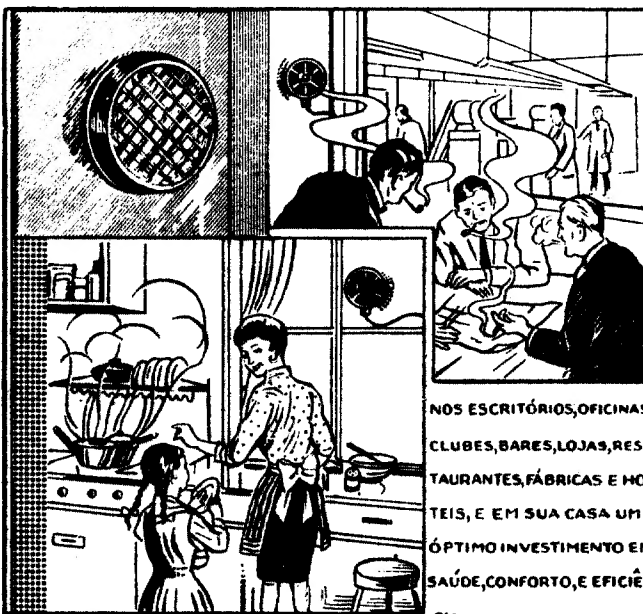
REFINARIA DO ULTRAMAR



QUALIDADE GARANTIDA

Vent-Axia

RENOVA O AR QUE VOCÊ RESPIRA



★ Milhares de exaustores "Vent-Axia" montados em Portugal
comprovam as suas incomparáveis características técnicas
★ Pessoal técnico especializado
★ Assistência assegurada

Representantes:
SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA
Av. dos Aliados, 168-A - PORTO
Rua Filipe Folque, 7-E - LISBOA

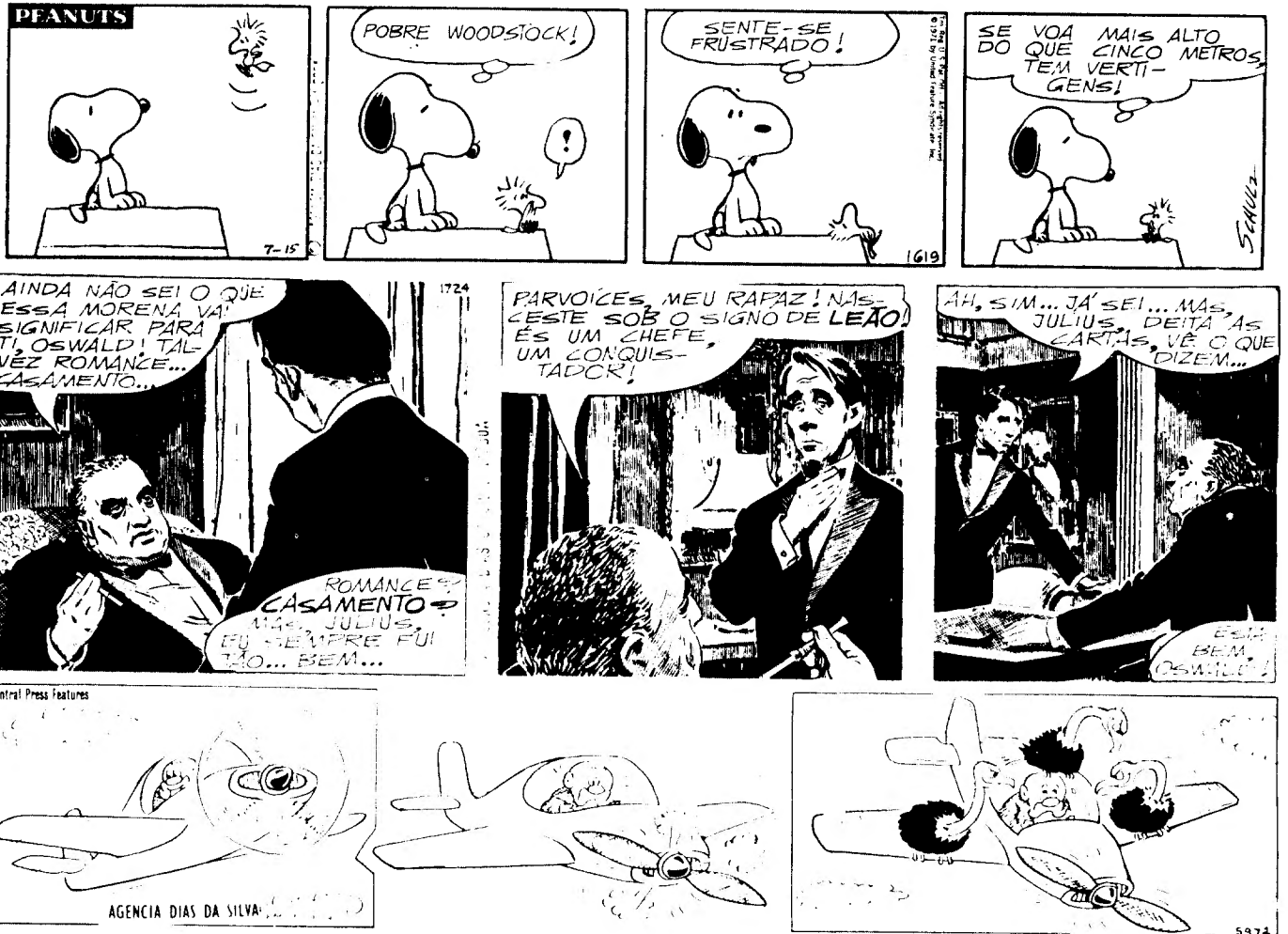
Revendedor autorizado:

RADIOLAR, LDA.

RUA D. SANCHO I, N.º 19-A — ALMADA



Frank Wills, que vemos na telefoto, era guarda do edifício onde funcionava a sede do movimento democrático dos EUA, no complexo de Watergate, durante o mês de Junho, do último ano. Foi ele quem descobriu o assalto ao edifício, assalto que deu origem a um dos maiores escândalos da política americana dos últimos anos: o famoso Caso Watergate



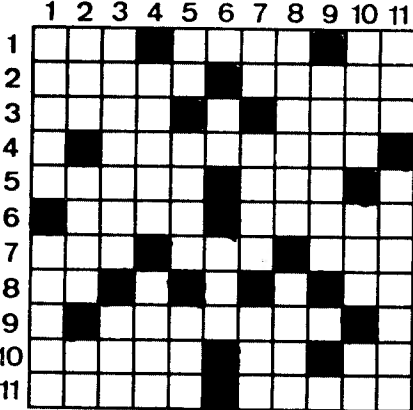
PROVERBIO

COM PROVÉRPIO

PROBLEMA N.º 10433

HORIZONTAIS

- 1 Pequeno símio do Brasil. Ruins. Arsénio (s.q.)
- 2 Arrostai. Comprô.
- 3 Erguer. Ninhos.
- 4 Pessoas que residem próximo.
- 5 Querido. Seguias.
- 6 Doce do Oriente semelhante ao manjar-branco. Aldeia de Itália.
- 7 Irmão do pai. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Aqui está.
- 8 Osmio (s.q.) Item
- 9 Dar arrotos.
- 10 Enfeite. Erbio (s.q.). Cidade da antiga Caldeia.
- 11 Ecoara. Chapa lisa de ferro para arredondar o vidro, nas fábricas.



VERTICAIS

- 1 Fora para fora. Inteiros.
- 2 Donzela de Orieães. Em mais alto grau. Letra grega
- 3 Aomloo. Nome de mulher
- 4 Estéril. Acreditar.
- 5 Nota musical. Zúnes. Escar-neça
- 6 Seis em romano. Saudável.
- 7 Artigo indefinido. Ninhos. Possui
- 8 Cautelas. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo
- 9 Cordão de linha entrançada (Proy. Minh)
- 10 Ferro temperado. (pl). Terceiro. Artigo indefinido.
- 11 Solitários. Comer a erva de.

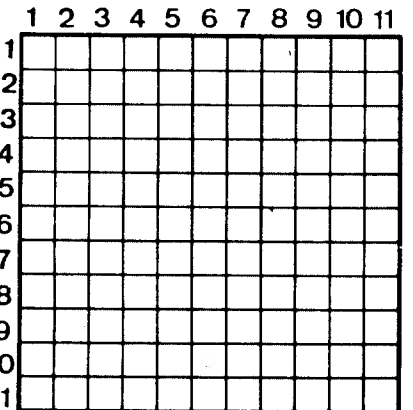
Resolveu completamente este problema?
Procure em segundo passatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6590

HORIZONTAIS

- 1 Sover. Ordinário (pop)
- 2 Procede. Época.
- 3 Nota musical. Território federal da república do Brasil setentrional. Pronome pessoal.
- 4 Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África. Rezo. Ecoa.
- 5 Causar a muo a. Relativo ao nariz
- 6 Medicina. Irmã da mãe
- 7 Antes do meio dia. Roer. Cãnhamo de Manila
- 8 Armadilha. Rezem.
- 9 Altar. Senhor em inglês. Prendo.
- 10 Berreiro. Nome de mulher
- 11 Que é do ar. Desejara.



VERTICAIS

- 1 Cidade da Argentina. Inunda.
- 2 Medida de líquidos da Holanda. Teime.
- 3 Gálio (s). Alcool de melão. Ser enganado
- 4 Nome de letra. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Pronome pessoal
- 5 Critique. Saudável
- 6 Atmosfera. Prefixo que designa três
- 7 Recalcitra. Mãe de Romulo e Remo.
- 8 Livro de versos de António Correia de Oliveira. Freguesia do concelho de Barcelos. Sua Majestade (abrev.).
- 9 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Sua Senhora (abrev.). O mesmo que toupeira.
- 10 Corda de reboque. Introduzir
- 11 Plantio de ameiros. Nome de fruto.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10432

HORIZONTAIS:

- 1 Pi. Berrara.
- 2 Ódio. Aéreos.
- 3 VEM. Sés. Ito.
- 4 Om. Carpa. Or.
- 5 Vis. Ivã.
- 6 Meã. Anima.
- 7 Ion. Sugai.
- 8 Orto. Roi. Dó.
- 9 Turbou. Sul.
- 10 Carear. Mora.
- 11 Lãs. Acamas.

VERTICAIS:

- 1 Póvoa. Io.
- 2 Idem. Mortal.
- 3 Im. VENTURA.
- 4 Bo. Cia. Ores.
- 5 E. Sãs. Ba.
- 6 Raer. Aurora.
- 7 Respingou.
- 8 Ar. Avia. Ma.
- 9 Rei. Ami. Som.
- 310 Aoto. DURA.
- 11 Soro. Solas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6589

HORIZONTAIS:

- 1 Jaca. Goma.
- 2 Recorra.
- 3 Al Nobel. Ps.
- 4 Lesar. Iates.
- 5 Imos. Sono.
- 6 Sal P.R.J. Usa.
- 7 Sabe. Eira.
- 8 Respiro.
- 9 Hg. Be. jri. Eu.
- 10 Retrata.
- 11 Trema. Seita.

VERTICAIS:

- 1 Báis. Ghât.
- 2 Lemas.
- 3 Ar. Solar. Rê.
- 4 Cenas. Bebem.
- 5 Açor. Peseta.
- 6 Ob. Br.
- 7 Grei. Jiras.
- 8 Orlas. Irite.
- 9 Mã. Tour. Ai.
- 10 Pensa.
- 11 Assoa. Dura.

PROVÉRPIO: Vem ventura e dura.

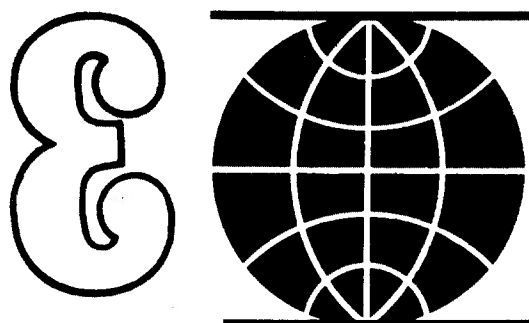
os Kolans

EM TOURADA DE GALA À MODERNA FORTUQUESA (COM SAMBA).



AAQUÊLE
AABRRAÇO!





PELO MUNDO

O "NIXON ROUND"

O debate em curso no Conselho económico e social sobre as próximas negociações comerciais entre a C.E.E. e os outros membros do G.A.T.T., proporciona, pela primeira vez, uma análise do chamado «Nixon round» a partir de um ponto de vista europeu. Uma tal tentativa de clarificação estava a tornar-se absolutamente necessária, dado que Washington, de há um ano para cá, não deixa escapar uma única oportunidade para propagandear os seus próprios pontos de vista. Preservante esforço de propaganda, que já deu resultados bastante inquietantes para os países do velho continente: a «declaração comum» assinada conjuntamente, em 4 de Fevereiro de 1972, pelos Estados Unidos e a C.E.E., que é o documento de base da futura negociação, retoma pura e simplesmente o grosso da argumentação americana.

Foi com a intenção propositada de remediar uma situação tão comprometida desde o início que Jacques Ferry, presidente da Câmara sindical da siderurgia, e Gabriel Ventejol, sindicalista F.O. (Force Ouvrière), indicaram claramente no seu relatório as «condições» que deveriam ser postas pela C.E.E. à aplicação dos resultados desta negociação. Aplicação que, sob muitos aspectos, parece para já prematura, uma vez que a tarefa prioritária da Comunidade deverá ser a do reforço da sua coesão interna depois da adesão de três novos membros. E o elemento que sobressai nessa tarefa prioritária é o restabelecimento de um sistema monetário internacional digno desse nome. Enquanto tal se não verificar, a queda dos direitos alfandegários e outras

reduções dos obstáculos às trocas comerciais deveriam ser «suspensas».

Nunca será demais apoiar uma tal atitude, que parece aliás ter sido bem aceite pelo Eliseu, e que poderá, depois de aprovação pelo Conselho económico e social, reforçar a posição do presidente Pompidou no próximo encontro com o presidente Nixon na Islândia.

A persistente debilidade do dólar prova uma vez mais, se ainda tal fosse necessário, a urgência absoluta que têm os Europeus — e os Japoneses — de se precaverem contra os efeitos de uma próxima desvalorização da moeda americana, desvalorização que o sr. Flanigan, conselheiro económico da Casa Branca, não hesitou em considerar como possível. Com a primeira desvalorização do dólar, em 18 de Dezembro de 1972, os Estados Unidos anularam praticamente os efeitos do «Kennedy round», compensando até com vantagem, pela queda do valor da moeda, a redução de tarifas alfandegárias que consentiram nessa ocasião. Desvalorizando de novo em 13 de Fevereiro de 1973, Washington antecipa-se, de certo modo, aos resultados da nova negociação comercial.

A acreditar nos americanos, esta negociação seria justificada pelas importantes alterações de «estrutura» que intervieram na cena internacional de há alguns anos a esta parte. Se os Europeus aceitarem tais premissas — infelizmente elas constam já da declaração comum de 4 de Fevereiro de 1972 — terão a partida perdida de antemão, sublinhou justamente o sr. Jacques Rueff, durante a sua intervenção no Conselho económico e social.

Na verdade, o deficit externo dos Estados Unidos é devido ao estatuto abusivo de que o dólar beneficiou durante muito tempo. Se não forem encontradas soluções radicais, o que se irá seguir não será uma nova liberalização das trocas, mas uma desastrosa guerra comercial.

● NOVO «TIPO» DE GATO

Loma Linda (Califórnia, E.U.A.) — O dr. Willard R. Centerwall não tem nenhuma dificuldade em distribuir uma nova ninhada de gatinhos. De facto, há uma lista de espera de pessoas ansiosas por ter um dos seus gatinhos, mesmo numa base temporária.

A razão é simples: os gatinhos de Centerwall não são os caçadores de ratos vadios.

Pelo contrário, os gatinhos são híbrido fora de vulgar, a profícuo laboratorial de uma mãe domesticada e um pai selvagem da selva asiática. São animais lindos.

Centerwall é um geneticista da Universidade de Loma Linda que conseguiu cruzar com êxito o *Felis Catus* com o *Felis Bengalensis*, numa interessante e contínua experiência genética.

Embora o propósito primário da experiência seja a genética, o cientista disse que podia ser possível desenvolver, literalmente, uma nova estirpe de gato em cerca de dez anos: um gato com a agradável disposição de um animal malhado, mas com o exótico colorido dos seus ancestrais da selva.

Catus é um gato domesticado, de pelo curto negro retinto. A fêmea, na maior parte das experiências de Loma Linda, foi escolhida porque a sua cor e características de pelo são as expressões de genes recessivos; em resumo, o gato é um quadro em branco, sobre o qual os investigadores de Loma Linda podem «escrever» as suas experiências.

Bengalensis, também conhecido como «gato leopardo», é um animal selvagem, que se encontra na selva da Birmânia, da Índia e da Tailândia.

Aproximadamente do tamanho de um gato doméstico, tem um pelo macio e dourado com distintas manchas negras e marcas no focinho. O *Bengalensis* tem sido o parceiro macho na maior parte dos acasalamentos.

Segundo Centerwall, o acasalamento foi bastante fácil, porque as duas espécies são aproximadamente do mesmo tamanho e o total dos seus cromossomas é idêntico: 38.

Até agora, houve cerca de seis ninhadas nascidas das experiências, cada uma das quais foi, em média, de seis gatinhos, segundo James Wyatt, um dos assistentes de Centerwall.

A cor dos gatinhos vai do negro total (como as mães) até um esplêndido conjunto dourado-e-negro (como os pais), e a disposição de espírito dos mesmos, de acordo com a informação de Wyatt, vai desde «o não desejar estar encerrado na mesma gaiola com eles», até Artur.

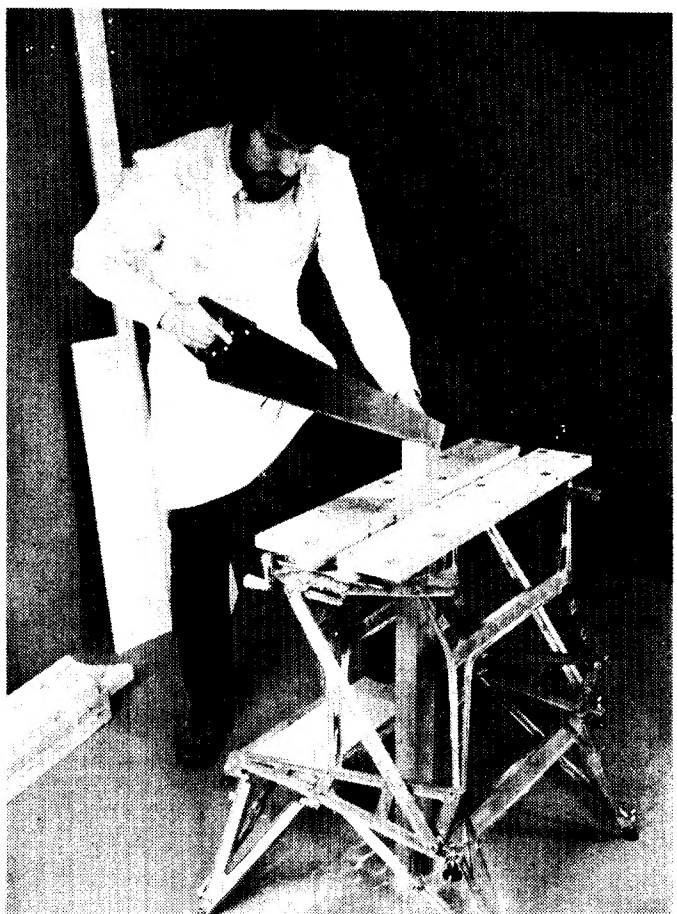
Artur, foi o nome dado a um gatinho excepcionalmente afectuoso e amigável.

Porque Centerwall acredita que os gatinhos se desenvolvem melhor com contacto humano afectuoso, permitiu que alguns dos animais híbridos fossem colocados em lares «adoption» de estudantes e empregados universitários. Havia muitos mais pais adoptivos voluntários do que gatinhos disponíveis.

Esta prática já terminou, disse Wyatt, e os gatos são agora criados numas poucas casas seleccionadas cuidadosamente, aonde podem ser observados em condições controladas.

Centerwall planeia continuar a criar selectivamente os gatos híbridos até estar apto a alcançar uma espécie com um temperamento uniforme e um pelo resplandecente. Tem havido alguns problemas: os machos híbridos, por exemplo, revelam-se, às vezes, estérteis.

Em qualquer eventualidade, diz Centerwall que ainda há muito trabalho de criação paciente e trabalho de laboratório que tem de ser feito antes de poder tirar a sua nova raça de gatos dosaco.



● BANCADA MODERNA

Uma bancada de oficina, portátil e de usos múltiplos, acaba de ganhar o primeiro prémio do Conselho de Desenho para 1973, atribuídos para a secção «bens de consumo». Esta bancada, onde podem ser trabalhados desde uma porta a um motor de automóvel, pesa pouco e pode dobrar-se em poucos segundos. Os prémios do Conselho de Desenho são distribuídos por um júri de especialistas que determina a qualidade dos produtos utilizados, as suas características práticas, o preço adequado, segurança, a facilidade de transporte e a elegância. Este ano os prémios foram entregues pelo duque de Edimburgo no decorrer de uma cerimónia que se efectuou em Sunderland.

● EXPERIÊNCIAS NUCLEARES

O Tribunal Internacional de Justiça, com sede na Haia, anunciou que a França tinha comunicado que não reconhece a jurisdição do Tribunal relativamente ao caso das experiências nucleares no Pacífico Sul. O Tribunal comunicou que o embaixador francês, Jacques Senar apresentou duas cartas sobre o caso levantado pela Nova Zelândia e pela Austrália contra as experiências nucleares da França, nas quais o Governo francês declara que o tribunal não tem competência para apreciar tais casos.



● JUVENTUDE DESPORTIVA ALEMÃ

A Associação da Juventude Desportiva Alemã oferece pela primeira vez um programa desportivo e de turismo, possibilitando a crianças, jovens, adultos e principalmente às famílias as chamadas «férias activas», com muitas actividades desportivas. A oferta é muito variada. Além de acampamentos em tendas e centros de desporto, para os quais deverão ser interessados acima de tudo crianças e jovens, são oferecidas viagens de avião e de comboio, férias em família, cursos de línguas e encontros internacionais. No programa estão, entre outras coisas, viagens pequenas e grandes cidades europeias, como Praga, Paris, Budapeste ou Barcelona, bem como uma semana em Nova York ou uma semana na praia de Maiorca.

● A MORTE DE DIAWARA

O comandante Nguabi, chefe de Estado congolês, que enverga um camuflado nas circunstâncias graves e adopta de bom grado o estilo de Fidel de Castro, parece ter esquecido o modo como se criam os mitos, ao ordenar a macabra manifestação que teve lugar em Brazzaville, no dia 24 de Abril: os cadáveres de doze homens, de tronco nu e crivados de balas, foram expostos no estádio da revolução a uma assistência numerosa convidada para o efeito pela rádio.

O general Bokassa, presidente vitalício da República Centro-Africana, e partidário declarado dos métodos «exemplares», dirigiu as suas «sinceras felicitações» ao chefe do Estado congolês, sublinhando que a morte de Ange Diawara, o chefe dos guerrilheiros mortos, era a «prova de grande valor de soldado africano» do comandante Nguabi.

Apresentado à multidão como sendo um «aventureiro militar-fascista», Ange Diawara era um opositor de vulto para o chefe do Estado.

Com trinta e dois anos de idade, Diawara fez os seus estudos de economia política na universidade de Brazzaville, tendo desempenhado um papel importante como presidente da juventude do Movimento Nacional da Revolução, sob o regime de Masmaba-Debat. Com a queda deste, entrou no «bureau» político do partido congolês do trabalho e foi nomeado ministro da agricultura. Afastado do poder em 1971, nunca mais deixou de manifestar a sua oposição ao regime em vigor, permanecendo contudo membro do partido único. Em 22 de Fevereiro de 1972, quando o comandante Nguabi se encontrava em Ponta Negra, Ange Diawara tentou apoderar-se do poder em Brazzaville. Foi então que, segundo se diz, o chefe do Estado saltou em pára-quedas perto da capital para dirigir pessoalmente o contra-ataque dos seus partidários.

Vencido pelo antigo sargento do exército francês, Ange Diawara conseguiu no entanto fugir e organizou uma luta de guerrilha, juntamente com alguns intelectuais, entre os quais Jean-Baptiste Ikoko, um professor de Inglês, morto algumas horas antes dele.

A avaliar pela importância das forças utilizadas para destruir esta guerrilha, Ange Diawara e os seus homens contavam com sólidas cumplicidades junto da população de certas regiões. O processo concluído em Brazzaville, com um veredicto relativamente moderado para cerca de quarenta pessoas acusadas de terem estado em ligação com o chefe da guerrilha, mostra que este dispunha também de numerosas «antenas» na capital congoleza.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

«Copyrights» de «Le Monde», «The Washington Post», «The Los Angeles Times» e «The Guardian»